



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de mensagens que encaminham os Projetos de Lei sobre o Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência e sobre os Bancos de Dados de Proteção ao Crédito e de Relações Comerciais

Palácio do Planalto, 01 de setembro de 2005

Meu caro Severino Cavalcanti, presidente da Câmara dos Deputados,
Dilma Rousseff, ministra de Estado chefe da Casa Civil,
Márcio Thomaz Bastos, ministro de Estado da Justiça,
Antônio Palocci, ministro de Estado da Fazenda,
Deputado Eduardo Seabra,

Meu caro Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo,

Minhas amigas,

Meus amigos,

Vou começar com uma boa notícia, antes do Projeto de Lei, que já é boa notícia. O Paulo Skaf, vê, é uma coisa importante, Paulo. Bem, todos vocês sabem que este mês, mais uma vez, nós estamos já há 3 meses consecutivos batendo recorde de exportações. No mês de maio, pela primeira vez, entramos na casa dos 10 bilhões; no mês de julho, pela primeira vez, entramos na casa dos... Não, em junho entramos na casa dos 10 e em julho na casa dos 11 bilhões; e, neste mês de agosto, tivemos outro recorde, foram exportados 13 bilhões e 380 milhões, num comércio extraordinário entre importações e exportações, de 19 bilhões, que é outro recorde; e um total, em 12 meses, de



182 bilhões de reais entre exportação e importação, e um saldo, que não é nada ruim para o Brasil, de 40 bilhões de dólares.

Esse dado deve estar sendo divulgado hoje pelo Ministério do Desenvolvimento, mas eu não podia, tendo aqui o Presidente da principal Federação de empresários do Brasil, deixar de falar um pouco.

O Palocci fica feliz porque, como tem muita gente pessimista, durante todo o dia, quando as coisas acontecem, mesmo com o câmbio baixo, Palocci, eu fico imaginando o Skaf pensando: “imagina se o câmbio estivesse uns 2,70, 3, como é que seria melhor”.

Mas, de qualquer forma, as coisas estão indo, e estão indo do jeito que precisam ir: com cuidado, com cautela, para que a gente possa fazer as coisas acontecerem no Brasil. E esse Projeto de Lei, na verdade, é mais um processo de consagração nas coisas que nós queremos fazer, que seja duradoura, no Brasil, permanente e que a gente não viva de fatos ocasionais.

Todos aqui têm consciência de que nas últimas décadas ocorreu um profundo divórcio entre a veloz transformação dos mercados globais e a lenta ordenação do seu impacto na vida interna das nações.

Reduzir essa distância e criar as condições legais de interação com as realidades do mercado, com o objetivo de preservar os direitos do cidadão, é uma obrigação do Estado.

Não se trata de criar processos burocráticos ou ressuscitar o intervencionismo econômico. Muito pelo contrário, estou falando de definir de forma clara e consensuada democraticamente regras e normas republicanas, que contrabalancem as assimetrias da globalização.

Esse é o sentido dos dois projetos que estamos encaminhando hoje ao Congresso Nacional: a modernização do Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência e o Cadastro Positivo do Consumidor.

Embora avancem em planos distintos, esses dois projetos se complementam no horizonte do desenvolvimento equilibrado e justo que



estamos perseguindo.

O primeiro deles assegura mais ainda a pluralidade efetiva de atores econômicos, defendendo uma maior concorrência na economia brasileira. E garante que essa concorrência se traduza em preços menores e produtos melhores em benefício de toda a sociedade brasileira.

O segundo fortalece a atual política de massificação do crédito ao consumo e à produção. Ao lado do contínuo aumento das exportações e da retomada dos investimentos, é ele que forma o tripé de um ciclo de expansão que reconcilia variáveis antagônicas na história econômica recente do Brasil. Este ciclo se confirma com o constante crescimento do PIB, com a inflação no patamar mais baixo dos últimos cinco anos e com a oferta de emprego 12 vezes superior à média dos anos 90, o que contribui para que nossa massa salarial registre um aumento de 4% nos últimos 12 meses até o mês de junho.

Do lado externo, o Brasil coleciona recordes comerciais e financeiros. As exportações estão crescendo 23% este ano e o superávit em transações correntes aponta para um resultado equivalente a 2% do PIB em 12 meses. Estamos falando, portanto, de um ganho líquido de quase 14 bilhões de dólares nas contas correntes. Algo incomparavelmente distinto do déficit de 180 bilhões trazido dos anos 90, que agravou a vulnerabilidade da economia e conduziu o país, por duas vezes, a recorrer ao Fundo Monetário Internacional.

Minhas senhoras e meus senhores,

É nessa moldura renovada que se encaixa a preocupação do governo com a consistência do sistema de crédito de massa, que deve ganhar ainda maior transparência e agilidade com a criação do Cadastro Positivo do Consumidor. Para amplos contingentes da nossa população, o crédito é um atalho para o futuro. Ele antecipa o acesso a uma geladeira, a um televisor, a um colchão e a tantos outros produtos de sua necessidade.



Além disso, o crédito é a ferramenta essencial e insubstituível para que milhões de microempreendedores e trabalhadores por conta própria possam transformar a sua criatividade e a sua força de trabalho em um negócio próprio, gerando renda para si e para seus familiares, aquecendo e dinamizando as economias locais. Nós sabemos, porém, que a incerteza com relação ao pagamento piora as condições e os custos do crédito. Na prática, bons pagadores muitas vezes arcam com o prejuízo dos maus devedores.

O que estamos fazendo agora é inverter a ênfase. O Cadastro Positivo vai registrar quem tem o nome limpo porque sempre reservou o dinheiro sagrado das prestações e, mesmo com o sacrifício que conhecemos, pagou todas elas em dia. Cada pagamento desses estará registrado no novo cadastro. E não há nenhuma dúvida: dele fará parte a imensa maioria dos trabalhadores e trabalhadoras deste país. Mas também serão beneficiados pelo Cadastro Positivo aqueles que, uma vez na vida, perderam o prazo por um acidente na rotina familiar, um gasto de urgência, uma doença, um socorro a um parente querido. Esses terão, ao lado do registro negativo, uma lista enorme de pagamentos feitos religiosamente em dia, o que permitirá ao comerciante, ao lojista e ao banco diferenciar claramente um momento de aperto involuntário na vida de um cidadão de bem e, portanto, liberar o seu crediário.

Esse projeto garante, ainda, que o cliente será comunicado antes de ter seu nome registrado no cadastro de inadimplentes. Isso vai assegurar a ele a chance de saldar o débito ou mesmo de contestá-lo, se for o caso.

Minhas amigas e meus amigos,

Um processo de desenvolvimento, antes de ser um projeto econômico, é um consenso político. No caso brasileiro, este processo consagra um compromisso histórico com o qual chegamos ao governo: reestruturar nosso padrão de crescimento para fazer da justiça social a nova fronteira da soberania no mundo da globalização.



Nosso país também tem muito a ganhar com a modernização do Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência e com a reestruturação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica, o CADE. Com esta iniciativa, buscamos ampliar o severo controle que estamos empreendendo desde o início do nosso governo à concorrência, no Brasil, de um dos grandes paradoxos do mundo globalizado: a formação de cartéis e a concentração econômica.

Essas distorções inibem a atividade econômica e penalizam o comércio. Mais ainda, fraudam o consumidor, sonhando-lhe a opção do preço mais baixo. E, sobretudo, subtraem a energia do desenvolvimento ao fomentar a alta dos preços de forma injustificada.

O Projeto de Lei que enviamos hoje ao Congresso tem como objetivo aprofundar nossa política de defesa da concorrência, que já mostrou sua face visível em operações da Polícia Federal e dos Ministérios da Fazenda e da Justiça – ao propor, por exemplo, a obrigação da análise antecipada dos processos de fusões e aquisições.

Com isso, pretendemos ao mesmo tempo dar maior segurança aos investidores – que só fecharão seus negócios com a certeza de seu enquadramento legal – e maior transparência social a tais eventos.

Por outro lado, buscamos desburocratizar a tomada de decisões: ao incorporar o Departamento de Proteção e Defesa Econômica do Ministério da Justiça, o CADE passará a ser, em sua nova configuração, a única instância de instrução e julgamento sobre o assunto.

Em outras palavras, buscamos garantias para que os aumentos de produtividade do novo ciclo econômico resultem em redução de preços e ganhos de qualidade.

A sociedade tem o direito de ser informada e de analisar com transparência os movimentos de concentração de capitais e de empresas, potencializados pela globalização econômica.



E por uma razão muito simples: os mercados não são perfeitos, tampouco as regulamentações estão isentas de normas defeituosas.

É a transparência das decisões que pode garantir – tanto para a população quanto para o mercado – o aperfeiçoamento e a evolução contínua das sociedades democráticas.

Meus parabéns ao Márcio, meus parabéns ao Palocci, meus parabéns à Dilma, depois que for votado na Câmara eu vou dar os parabéns ao Severino, e meus parabéns a vocês que tanto trabalharam para que isso acontecesse.

Obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de formatura da Turma de 2002 do Programa de Formação e
Aperfeiçoamento do Instituto Rio Branco**

Palácio Itamaraty, 01 de setembro de 2005

Excelentíssimo senhor José Alencar, vice-presidente da República,

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro, embaixador Celso Amorim, ministro das
Relações Exteriores e sua esposa, Ana,

Meu querido companheiro embaixador Samuel Pinheiro Guimarães,
secretário-geral das Relações Exteriores,

Embaixador Fernando Guimarães Reis, diretor do Instituto Rio Branco,

Embaixador Everton Vieira Vargas, paraninfo da Turma Celso Furtado,

Senhoras e senhoras diplomatas,

Senhoras e senhores formandos,

Secretário Marcos Sperandi, orador da turma,

Meus amigos e minhas amigas,

Meu querido companheiro Marco Aurélio Garcia,

Com grande satisfação, volto a esta Casa para participar da formatura
de nova turma de diplomatas.

A partir de hoje, vocês poderão orgulhar-se de pertencer plenamente ao
corpo de servidores públicos que se destacam pelo elevado grau de
profissionalismo e pelo compromisso com os objetivos nacionais.

Este também é um momento especial para o Instituto Rio Branco, que
completa 60 anos dedicados à preparação dos quadros do Itamaraty, para a
nobre missão de representar o Brasil e defender seus interesses.



Desde o início do meu governo e sob a condução segura do meu querido chanceler Amorim, o Itamaraty tem tido um papel de destaque na construção de um novo projeto de nação.

Nossa diplomacia não é apenas um instrumento de projeção externa do país, mas um elemento constitutivo de nosso projeto coletivo de desenvolvimento. Para cumprir esses objetivos, a Casa de Rio Branco teve inédita autonomia administrativa que lhe permitiu, em sintonia com as grandes orientações políticas do governo, levar adiante uma política externa de perfil elevado, inovadora e afirmativa.

A criatividade, o entusiasmo e o empenho de cada um de vocês permitirão aprofundar esse projeto. Ele não pertence a um partido ou grupo, não se subordina a engajamentos ideológicos e, menos ainda, se alimentam de pretensões de lideranças regionais.

Os objetivos que norteiam a nossa política externa são a defesa do interesse nacional e a solidariedade continental, o que implica construir uma ordem internacional mais democrática e equitativa.

A escolha de Celso Furtado para patrono desta turma demonstra que vocês, jovens formandos, compartilham essa visão. Temos todas as razões para homenagear esse admirável brasileiro, um dos grandes pensadores latino-americanos, lúcido intérprete do Brasil. Homem de pensamento e ação, Celso não se contentou em fazer um diagnóstico dos problemas e desafios que, secularmente, impediram o país de realizar seu potencial de nação. Engajou-se na transformação dessa realidade.

Essa postura inspira as ações externas de meu governo, uma atuação que está a serviço do desenvolvimento nacional e da construção de um Brasil mais solidário. Não aceitamos como fato consumado uma ordem internacional injusta, sustentada por processos decisórios poucos transparentes e pouco democráticos. Nossa atuação diplomática é fundada na defesa de princípios, mas também na busca de resultados. Tem uma dimensão utópica sem deixar



de ser pragmática.

Vivemos em um mundo difícil, em que a correlação de forças é adversa às legítimas aspirações dos países em desenvolvimento. Não podemos nos acomodar à inércia e à inação, menos ainda à submissão pregada por alguns poucos em nome de um discutível realismo.

Senhoras e senhoras,

Em um mundo globalizado e interdependente, nossa contribuição à paz e à democracia é determinada pelo princípio da não-indiferença. Por isso, nos engajamos nos esforços de estabilização do Haiti. Aceitamos o desafio de assumir o comando da Missão de Paz naquele país, atendendo a uma solicitação das Nações Unidas.

Essa é uma oportunidade histórica para os países da América Latina e do Caribe demonstrarem que é possível um novo modelo de cooperação internacional. Um modelo em que o restabelecimento da ordem e da segurança esteja alicerçado na recuperação econômica e na transformação social, nunca na truculência.

Graças à Missão das Nações Unidas, o Haiti caminha hoje para a realização de eleições democráticas que renovam esperanças no seu futuro. Respeitosos dos princípios da não-intervenção sem arrogância, mas também sem indiferença, contribuimos para a solução de crises em países de nossa América do Sul.

Ao mesmo tempo, estamos fortalecendo o projeto de integração física, indispensáveis, para dar à região, condições de inserir-se competitivamente no mundo de hoje.

O mesmo compromisso político e ético nos levou, em 2004, a lançar a Ação Internacional contra a Fome e a Pobreza. A iniciativa reuniu 60 líderes mundiais em Nova Iorque e trouxe para o centro da agenda Internacional a urgência de se enfrentar esses dois flagelos. O compromisso de mais de 100



países no sentido de buscar fontes alternativas inovadoras de financiamento reforçam nossa convicção de que é possível eliminar a pobreza extrema em nosso Planeta.

Igual espírito de solidariedade tem presidido o resgate e o aprofundamento de nossas relações com a África. Em três visitas ao Continente, já estive em 14 países e assumi o compromisso de retornar todos os anos à região com a qual temos afinidades históricas e culturais.

As relações do Brasil com os países africanos, tanto em matéria de cooperação como de comércio, vêm ganhando intensidade sem precedentes. Somente neste último mês de agosto, recebi a visita de dez líderes africanos. Estamos lançando parcerias mutuamente vantajosas, sem assistencialismo, que abrem oportunidades promissoras de negócios em frentes inovadoras de colaboração.

Confiamos nos esforços de transformação política que está em curso no continente africano. À frente da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e em coordenação com a União Africana, o Brasil tem contribuído para a normalização institucional em pontos consagrados da região. Apoiamos a retomada da democracia em São Tomé e Príncipe. Colaboramos para o diálogo político e a capacitação institucional, social e econômica de Guiné-Bissau.

Senhoras e senhores,

As realizações de nossa diplomacia, nesses dois anos e meio de governo, reforça minha convicção de que estamos no caminho certo. São muitas as manifestações de respeito e estímulo ante essa mudança da presença do Brasil na cena internacional.

É amplamente reconhecida a contribuição que temos prestado para a democratização dos organismos multilaterais e para a conformação de uma nova geografia política, econômica e comercial.



A constituição do G-20, que contou com a colaboração decisiva do Brasil, alterou a dinâmica do processo decisório da Organização Mundial do Comércio, trazendo países em desenvolvimento para o centro das negociações.

A Organização Mundial do Comércio está deixando de ser um clube dos ricos em benefício do sistema multilateral de comércio como um todo. Trabalharemos agora para concluir, com êxito, as negociações da Rodada de Doha.

O comércio deve tornar-se definitivamente uma alavanca do desenvolvimento e permitir que a criatividade e a competitividade de nossa gente sejam justamente recompensadas.

Estamos empenhados na eliminação dos subsídios bilionários à exportação e na redução drástica do apoio interno à produção agrícola dos países desenvolvidos. Os recursos hoje gastos com subsídios agrícolas são seis vezes maiores do que o montante adicional necessário para implementar as Metas do Milênio.

A democratização do sistema internacional não será completa sem uma efetiva reforma das Nações Unidas que necessita maior eficácia e legitimidade. Juntamente com os parceiros do G-4, temos insistido na necessidade, em particular, de ampliar o Conselho de Segurança. É inadiável torná-lo mais representativo, com a inclusão de países em desenvolvimento entre os membros permanentes.

Ninguém ignora a complexidade dessa tarefa. Mas estamos convencidos da importância e da oportunidade dessa discussão. A nova correlação de forças internacionais que almejamos, para além de um mundo unipolar, passa também por parcerias estratégicas alternativas e pelo reforço do diálogo Sul-Sul.

Ainda no primeiro ano de meu governo formamos o Ibas, com Índia e África do Sul. Ao juntarmos as três grandes democracias do mundo em



desenvolvimento criamos novo mecanismo de articulação entre países com grande potencial de cooperação econômica, cultural e científica.

A realização em Brasília, em maio de 2005, da Cúpula América do Sul/Países Árabes, reforçou nossa convicção de que os países em desenvolvimento, atuando de forma coordenada, têm condições de encontrar as respostas para os desafios comuns. Abrimos novas e promissoras oportunidades de negócios entre as duas regiões e inauguramos um encontro inédito de civilização sobre o signo do diálogo e da tolerância.

Senhoras e senhores,

Desde o primeiro dia de governo ressaltai que o foco prioritário de nossa diplomacia seria a criação de uma América do Sul mais unida, próspera e estável. Quero reconhecer de público o trabalho incansável do Itamaraty para tornar realidade o sonho da integração sul-americana.

Estamos provando que com paciência, dedicação e visão de futuro, é possível atingir objetivos ousados que antes não saiam do papel. Não foi pouco realizado nesses dois anos e meio. Criamos as bases da Comunidade Sul-Americana de Nações, que se reunirá pela primeira vez após sua fundação em Cuzco, em Brasília, dentro de poucas semanas.

Estamos avançando rapidamente nas áreas de infra-estrutura e integração energética, fundamentais para a consolidação de um espaço sul-americano. Ao mesmo tempo, concluímos acordos comerciais com a Comunidade Andina, que estabelecem praticamente uma área de livre comércio na região.

Estamos tornando a América do Sul uma realidade tangível para os brasileiros que, por muito tempo, viveram de costas para seus vizinhos. O fortalecimento do Mercosul é pedra angular desse esforço de integração. E as relações com a Argentina, seu motor essencial.

É preciso reconhecer que, muitas vezes, não temos tido agilidade para responder às expectativas criadas e para superar os entraves inerentes a



qualquer processo de integração profunda.

Precisamos avançar mais levando em conta as preocupações legítimas de nossos parceiros. Temos que aumentar as nossas importações, sobretudo dos sócios menores e avançar na integração das cadeias produtivas.

O futuro do Mercosul depende, em última análise, de nossa capacidade de desenvolver políticas industriais e agrícolas comuns e de fortalecer o Bloco no plano institucional.

Temos razões para otimismo. O comércio intra-regional retoma com vigor sua trajetória ascendente. Em 2004, nossas exportações para os países do Mercosul aumentaram 60%. O poder de atração do Bloco, cada vez maior, se reflete no número crescente de países associados e no dinamismo de nossas negociações externas.

Senhoras e senhores,

A política externa brasileira alcançou um novo nível de maturidade. Não estamos mais limitados por fronteiras imaginárias ou fórmulas prontas. Estamos explorando oportunidades de diálogo, cooperação e negócios, onde quer que elas existam.

Desenvolvemos parcerias diversificadas e relações mais equilibradas com todas as regiões do mundo. Na melhor tradição de nossa diplomacia, temos feito isso sem confrontações estéreis e valorizando sempre as relações indispensáveis com parceiros tradicionais do mundo industrializado.

Para aqueles que acreditam nas estatísticas, basta olhar os resultados excepcionais do nosso comércio exterior. Desde 2003, nossas vendas para os Estados Unidos e para a União Européia crescem em ritmo acelerado. As exportações para os Estados Unidos, somente neste ano, aumentaram quase 24%. Esses números espelham o excelente nível de entendimento político bilateral.

Nossas vendas para os países em desenvolvimento aumentaram exponencialmente e já representam mais de 50% de nossas exportações,



concentrando-se em produtos de maior valor agregado. O comércio exterior brasileiro, que já ultrapassou a marca histórica de 110 bilhões de dólares, é tão somente expressão de uma realidade maior.

O Brasil está assumindo um papel de crescente relevo no cenário internacional, articulando seus interesses com base no diálogo e em nome de valores universais, democráticos e humanistas.

Estamos projetando lá fora os êxitos econômicos e sociais que temos tido aqui dentro. Depois de tantos anos de recessão e crescimento medíocre, entramos na rota de crescimento sustentado. Isso permitiu criar mais de 3 milhões e 250 mil novos empregos com carteira profissional assinada.

Oito milhões de famílias – e serão 8 milhões e 700 mil famílias em dezembro – já se beneficiam dos programas de transferência de renda do governo. Domamos a inflação e nossa vulnerabilidade internacional teve uma redução sem precedentes nas últimas décadas. O Brasil se constitui em um ponto de atração para investimentos produtivos de todo o mundo.

Em suma, o Brasil se afirma como nação que toma as rédeas de seu destino. Um país que ouve e é ouvido.

É por isso que hoje, um dia especial na vida dos novos diplomatas, quero deixar-lhes uma mensagem ao mesmo tempo singela e poderosa. Inspirem-se no exemplo de Celso Furtado. Acreditem sempre no Brasil, em seu imenso potencial como nação e na capacidade transformadora do nosso povo.

Por isso, eu quero desejar a todos boa sorte e dizer a vocês que nós saímos da teoria para a prática com coisas consideradas extraordinárias para o nosso país. Eu vou ler alguns números, sobretudo para vocês que estão assumindo essa tarefa importante de representar o Brasil no mundo.

No mês agosto, a balança comercial bateu o seu quarto recorde consecutivo. As exportações, em maio, fecharam com 9,8 bilhões. No mês de junho, as exportações ultrapassaram pela primeira vez a marca dos 10 bilhões, foram 10 bilhões e 200. Em junho, as exportações chegaram a 11 bilhões. Em



agosto, os números confirmaram a sustentabilidade e as exportações chegaram a 11 bilhões e 300 milhões, com um saldo positivo de 3,7 bilhões de dólares.

Mais importante, no mês de agosto outros recordes também foram batidos. As importações atingiram a cifra recorde de 7 bilhões e 700, quebrando a barreira dos 7 bilhões. A corrente de comércio também alcançou cifra recorde de 19 bilhões. Em comparação com agosto no ano passado, os números ficaram assim: as exportações cresceram 20% e as importações, 31%. No acumulado de 12 meses, novos recordes: exportações de 111 bilhões e 200 milhões e importações de 71 bilhões e 100 milhões, somando 182 bilhões na corrente de comércio, um recorde histórico do nosso país. O saldo disso tudo foram 40 bilhões de dólares favoráveis ao Brasil.

Eu quero aproveitar a emoção dos jovens que estão se formando hoje, depois dos discursos brilhantes de todos que me antecederam, para fazer alguns reconhecimentos. Primeiro, a felicidade de ter escolhido o Celso Amorim para ser ministro das Relações Exteriores do meu governo. Não apenas porque o Celso Amorim é um diplomata calejado, experimentado, e não basta isso para exercer o papel de chefe das nossas Relações Exteriores. É preciso, além de toda essa graduação, de toda essa formação intelectual, a pessoa ter vontade e acreditar naquilo que faz. Eu não sei se em algum momento histórico, mesmo ele, quando foi Ministro do outro governo, se teve a disposição que ele tem hoje para trabalhar, porque uma coisa é você cumprir uma função, outra coisa é você fazer uma coisa que você acredita que a tua consciência e que o teu coração dizem: vai nessa, que nós vamos vencer.

Eu me lembro que quando eu chamei o Celso Amorim e, logo depois, convidei o Marco Aurélio para trabalhar como meu assessor, não faltaram pessoas que tentaram criar disputas de que eu tinha um chefe das relações internacionais e um assessor especial e que, portanto, ia ter um confronto entre os dois. Saíram matérias, no começo precisou-se explicar, e eu acho que é



importante dizer: a relação entre Celso Amorim, que cumpre a função institucional de ser ministro das Relações Exteriores, e a relação com Marco Aurélio, que cumpre uma outra função tão nobre quanto se tivesse o título de ministro ou de embaixador, que faz um trabalho que possivelmente qualquer um outro e até eu, teria dificuldade de fazer, porque o Marco Aurélio vem de uma relação com a esquerda da América Latina e a esquerda europeia, que eu acredito que poucas pessoas tiveram o prazer de dizer isso em todo o tempo em que ele foi secretário de Relações Internacionais do PT. E, para nossa felicidade, muitos companheiros que eram militantes de esquerda na década de 80 estão se transformando em governo.

Então, nós passamos a ter uma relação privilegiada com presidentes e com ministros que eram militantes, junto conosco, do Foro de São Paulo, tentando encontrar uma saída democrática para a esquerda na América Latina.

Essa função de assessor especial é uma função que permite, ao mesmo tempo, a gente ter uma relação de alto nível com o presidente de um país e, ao mesmo tempo, ter uma relação de alto nível e de confiança com a oposição daquele país, com os sindicatos daquele país, com os grupos indígenas, com o movimento social, porque é uma relação construída ao longo de 15 ou 20 anos. Não é uma coisa que aconteceu porque alguém tem um cargo, é uma coisa que aconteceu porque nós temos uma relação.

Então, eu quero, Celso Amorim, falar isso porque já estamos com 32 meses de governo e eu acho que você e o Marco Aurélio deram uma dimensão extraordinária de que é possível a gente construir não apenas a grande diplomacia brasileira, mas é capaz de fazer mais do que isso, a gente é capaz de ir à Bolívia conversar com os presidentes, conversar com os senadores e depois chamar o Evo Morales e conversar com ele com a mesma respeitabilidade, com o mesmo grau de reconhecimento, e assim vale. Foi isso que permitiu que a gente conseguisse criar o Grupo de Amigos para ajudar a Venezuela, porque ao mesmo tempo que a gente conversava com o Chávez,



ao mesmo tempo que a gente conversava com a direita na Venezuela, a gente conversava com os setores de esquerda da Venezuela, para que houvesse essa compreensão.

O mesmo aconteceu com o Equador, o mesmo aconteceu com o Uruguai, é uma coisa que eu acho extraordinária, essa relação entre vocês dois e a possibilidade de ver a América do Sul numa ascensão de consolidação da democracia, tal como estamos vivendo hoje.

A segunda coisa, Celso, que eu acho extremamente importante é – obviamente que os números comerciais não dependem apenas da questão de comércio exterior – eu não acredito em política que a gente não olhe no olho das pessoas, o tocar de mão, o abraço. Eu não acredito que as pessoas comprem o que não vêem, que as pessoas comprem o que não conhecem. E o desafio que eu impus a mim, antes da campanha, durante a campanha e depois de eleito, era de que o Brasil precisava parar de pensar pequeno, o Brasil precisava parar de se achar um país de Terceiro Mundo, coitadinho, que dependia muito da sua relação com os Estados Unidos, que dependia muito da sua relação com a Europa, que dependia muito se podia ou não podia fazer, porque os ricos não gostariam. Nós partimos do pressuposto de que respeito é bom, nós gostamos de dar e gostamos de receber e, para além da nossa relação com os países mais importantes do mundo, tem a nossa relação com o nosso povo, a nossa relação com o tipo de nação que nós queremos construir, e a nossa relação com os objetivos que nós construímos para o futuro deste país. E nós provamos que o Brasil pode ser tão respeitado na sua relação internacional quanto qualquer país do mundo Para isso, basta que você se respeite.

E vocês, que vão agora adentrar na diplomacia brasileira, que vão viajar o mundo representando o Brasil, um conselho de um presidente da República, de um sindicalista que passou a vida inteira negociando: vocês só serão respeitados se vocês se respeitarem, portanto, nunca abaixem a cabeça numa



negociação.

Toda vez que vocês estiverem vacilando, lembrem-se que vocês representam um país de 186 milhões de habitantes, que têm aspirações, que têm desejos e que estão depositando confiança no nossos jovens diplomatas, que estão com entusiasmo, que estão com esperança, que estão com o objetivo de fazer este país ser cada vez maior.

Eu me lembro, porque Celso, o Itamaraty sempre me recebeu. A diplomacia brasileira sempre me recebeu bem no mundo inteiro, quando eu não era presidente, quando eu era oposição. Você mesmo me recebeu. Nossos embaixadores no mundo inteiro me receberam com muita fidalguia, com muita diplomacia. Eu nunca tive nenhum problema nas nossas relações, onde quer que seja, fosse eu como dirigente sindical ou eu como candidato da oposição. Hoje como presidente eu sei que sou melhor cuidado, pelo menos igual.

Mas de qualquer forma, nós temos que estar convencidos que mudou a diplomacia brasileira. Ela mudou com os mesmos diplomatas, ela mudou com os mesmos profissionais que nós tínhamos antes. E por que ela mudou? Ela mudou exatamente porque ela tem uma orientação, ela definiu preferências, ela definiu objetivos. Nós não poderíamos ficar de costas para a América do Sul vendo os países com fronteira conosco comprando produtos de outros continentes porque nós não temos estradas, porque não temos pontes, porque não temos aviões, não temos aeroportos, não temos portos.

Ou nós nos convencemos de que temos que participar desse processo de integração, e no dia 9, Celso, estaremos lá no Peru para lançar a pedra fundamental da Rodovia Bioceânica, ou seja, que vai ligar definitivamente...sabe, discurso teórico de mais de um século e meio que motivou Bolívar, que motivou Martín, que motivou tantos heróis da América Latina, nós vamos concretizar no dia 9, com o lançamento da pedra fundamental de uma estrada que, a começar do Acre, vai ligar o Brasil ao



Oceano Pacífico.

Nós estamos fazendo, Celso, acho que foi você que me falou, nós estamos tentando conduzir, através de uma política de financiamento do BNDES, aquilo que Bolívar tentou fazer com a espada, que outros tentaram fazer com a luta, nós estamos fazendo com política de financiamento, muitas vezes criticada dentro do Brasil de que nós estamos financiando. Nós não estamos financiando, nós estamos exportando serviços brasileiros e o Brasil só tem a ganhar com isso, sem que a gente, em algum momento, numa palavra, num gesto, a gente transmita qualquer idéia de que queremos ter hegemonia.

Eu tenho dito a todos os presidentes: nós queremos ter parceria, nós não queremos ter hegemonia, porque ninguém é líder porque pede para ser líder, ninguém é líder porque tem mais dinheiro, ninguém é líder porque fala mais grosso ou mais fino. Os líderes surgem quando os liderados o escolhem como líder e o Brasil quer construir uma parceria forte com a América do Sul sim, porque é um mercado extraordinário, não apenas para o Brasil, mas para o desenvolvimento de cada país da América do Sul, porque não seremos ricos se tivermos nas nossas costas países miseráveis onde persiste a fome, o desemprego e a miséria.

Depois, a política para a África, eu sei que tem muita gente que não gosta, ou pelo menos não gostou: “o Brasil deixar ... o presidente Lula deixar de ir para os Estados Unidos mais uma vez, deixar de ir para Paris mais uma vez, deixar de ir para Londres mais uma vez, para ir para a África? Quatorze vezes já foi para a África. Já fui 14 e, se Deus quiser, no ano que vem visitarei mais quatro ou cinco países. Não apenas porque nós temos razões de sobra para visitar a África porque temos dívidas históricas com os africanos, devemos parte do que somos aos africanos, mas porque nós sabemos que aquela região do mundo não se desenvolveu porque durante mais de 300 anos nós tiramos de lá a parte mais sadia da população, a parte mais jovem que poderia ter contribuído para o desenvolvimento. Ela veio ser escrava no Brasil, nos



Estados Unidos, no Haiti, em Cuba e em tantos outros países.

Portanto, nós temos que visitar a África quantas vezes for necessário. E não apenas pensando em comércio, porque não se faz relação apenas pensando em comércio, se faz relação pensando em política, se faz relação pensando em cultura, se faz relação, sobretudo, não pensando em vender nada, mas pensando em fazer políticas de colaboração e de cooperação com países africanos e com outros países.

Vai ser assim para a América Latina. Eu me lembro que muita gente não gostou da nossa relação com o Oriente Médio, mas onde é que estava escrito que a relação preferencial com o Oriente Médio tinha que ser dos Estados Unidos, tinha que ser da Inglaterra, da França ou da Rússia? Não estava escrito em lugar nenhum, não tem manual na ONU, não está na Bíblia, não está em lugar nenhum, porque só eles é que podem ter relações e nós não temos relações.

Assumimos o desafio de fazer uma Cúpula, aqui. Não pensem, alguns diplomata sabem, aqui, do Itamaraty, porque sofreram muita pressão para que ela não existisse. E ela, depois de tudo, depois da má vontade de alguns, a Cúpula se realizou, e o sucesso eu acho que não poderia ser melhor.

Estamos pensando maior, estamos pensando em fazer uma Cúpula, a Nigéria já se ofereceu como território, o Obasanjo, está vindo aí, no dia 6, e vamos ver se ele está disposto a bancar uma Cúpula na Nigéria entre América do Sul e países africanos. E vamos fazer, se Deus quiser, sem que isso diminua a nossa relação com os Estados Unidos, porque não precisa ser diplomata, formado no Rio Branco, para saber que a nossa relação com os Estados Unidos tem que ser cuidada com carinho especial pela importância que os Estados Unidos têm no mundo, pela importância do Brasil e pelo potencial dos dois países.

Da mesma forma com a União Européia. Jamais queremos brigar com a União Européia. Nós só queremos dizer para eles: temos o mesmo direito que



vocês. Não somos menores, não queremos ser maiores, mas nós queremos que vocês tornem o comércio mundial mais justo, favorecendo os países mais pobres. Fazemos assim com a China. Nós não tivemos nenhum problema de reconhecer a China como economia de mercado. Mas não teremos nenhum problema em colocar salvaguardas para evitar que os produtos chineses possam, de forma descontrolada, causar qualquer problema na economia brasileira.

É com essa altivez, é de cabeça erguida que vocês irão vencer na vida. É de cabeça erguida e com altivez que vocês serão os diplomatas que vocês sonharam ser e conquistarão o respeito que vocês precisam e merecem ter, não apenas de nós, brasileiros, do governo brasileiro, mas também dos povos estrangeiros e dos governos estrangeiros.

Quando vocês estiverem numa Embaixada, como São Tomé e Príncipe, pequena, humilde, e o Brasil tem que ter porque tem muita gente que fala: “não, mas está gastando muito dinheiro com a diplomacia, o governo está querendo montar Embaixada em país africano pequenininho.” Puro preconceito, porque quando você visita esses países, a maior Embaixada é dos Estados Unidos, ocupa quarteirões e quarteirões. Sabem por quê? Porque tem noção de Nação, tem noção de respeito e sabe que é importante o fincar de uma bandeira num pequeno território de alguns metros quadrados para estabelecer relação política. E nós ficamos com dó de gastar 5 mil dólares, 6 mil dólares, 10 mil dólares. Nós vamos ter que avançar e avançar muito para que o Brasil, definitivamente, a partir da mentalidade da nossa imprensa, a partir da mentalidade do nosso povo, a partir da mentalidade dos nossos diplomatas, que a gente faça diplomacia sem preconceito, como muitas vezes nós temos em relação a países da América do Sul; sem preconceito como às vezes temos com relação a países da África. Até porque nós jamais seremos uma grande Nação, se deixarmos de prevalecer dentro de nós duas coisas que torna a alma humana menor, que torna a consciência medíocre, que é a



subordinação e o preconceito.

Tirem essas duas coisas da cabeça de vocês que certamente vocês serão vencedores, mais do que já foram até agora.

Meus parabéns, e muito obrigado a vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de comemoração do 2º aniversário do programa Petrobras Fome Zero e entrega de certificado aos alunos do projeto Mova Brasil

Angicos-RN, 03 de setembro de 2005

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Rio Grande do Norte,

Minha cara governadora do estado do Rio Grande do Norte, Wilma Faria,

Meu caro ex-governador Aloísio Alves,

Eu queria pedir a compreensão de vocês para uma coisa. Eu, na verdade, acho que o apresentador precisa cuidar disso no começo dos atos, porque não tem nada mais desagradável para mim, como Presidente da República, do que vir a uma festa que não é nossa – não é de nenhum partido, não é de nenhuma religião, mas é do povo mais humilde deste país, que está tendo uma chance – e as autoridades que vêm participar, sejam do PT ou não, serem vaiadas. Eu vou explicar o porquê. É porque nós precisamos aprender a distinguir quando a gente está numa manifestação política ou quando a gente está num ato em que todos nós precisamos nos curvar a esta gente que se dispôs a educar estes analfabetos, a estes educadores brasileiros e às pessoas que resolveram fazer esse curso.

Obviamente que eu não estou pedindo para ninguém bater palmas para ninguém também. É liberdade do ser humano se manifestar contra ou a favor. Eu só queria que a gente, nesses atos em que a gente está homenageando a parte brasileira que vivia nas trevas, porque quem não sabe ler, na verdade, vive nas trevas neste país, na medida em que nós estamos aqui iluminando a vida dessas pessoas... vocês não sabem o orgulho que eu tenho quando eu vi



aquele companheiro que veio falar aqui, ler. Ele leu. Ele teve dificuldade. Mas ele leu, ele conseguiu ler. Então, isso é uma coisa extremamente... é motivo de orgulho.

Por isso eu quero cumprimentar os nossos companheiros senadores, deputados federais, prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar o Vice-Governador do estado do Rio Grande do Norte,

Quero cumprimentar os prefeitos todos, aqui,

Mas eu queria cumprimentar também o companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Quero cumprimentar o Ronaldo Teixeira, prefeito de Angicos,

Quero cumprimentar o Ricardo Henrique, secretário de Educação,

E quero cumprimentar o senador Fernando Bezerra e Garibaldi Filho,

Quero cumprimentar a Fátima Bezerra, o Henrique Eduardo, o Iberê Ferreira, o Nélio Dias, a Sandra Rosado,

Quero cumprimentar o Josivan Barbosa Menezes, reitor da Universidade Federal do Semi-árido,

Quero cumprimentar todos os prefeitos, aqui,

Eu não vou cumprimentar o governador Miguel Arraes, mas obviamente que qualquer nordestino que se preze tem que alimentar o respeito pelo Dr. Arraes,

Queria dizer para vocês, os deputados estaduais, os vereadores, os cabos eleitorais, os nossos companheiros ali que estão defendendo a produção de bonezinho na campanha, o povo de Angicos, o povo brasileiro, e dizer umas coisas... cumprimentar as meninas do Rio Grande do Norte e cumprimentar os meninos do Rio Grande do Norte.

Nós estamos aqui, hoje, fazendo a comemoração e a entrega de certificados a um conjunto de homens e mulheres que, certamente, terão sua



vida mudada a partir da sua alfabetização.

O governo federal, em parceria com os governos estaduais e municipais, já chegou à compreensão de que todo gasto que nós investimos em educação, não só melhoramos a qualidade de vida das pessoas e possibilitamos mais oportunidades a essas pessoas, como estamos livrando essas pessoas de caírem na marginalidade.

Certamente é muito melhor a gente investir na alfabetização, a gente investir na construção de uma escola, numa sala de aula, no pagamento de um professor ou de uma professora, do que a gente investir no pagamento de um carcereiro, numa cadeia ou numa grade para manter um preso.

Eu, por acaso, Governadora, ontem, às dez horas da noite, quando estava saindo do gabinete para vir para cá, estava querendo saber a diferença entre o investimento na educação e nas cadeias brasileiras. Como já eram dez horas da noite, eu aproveitei e liguei para um estado que tem duas horas de diferença do restante do Brasil, o Acre, do governador Jorge Viana, e ele me deu algumas informações que são muito significativas para este ato de hoje.

No estado do Rio Grande do Norte, a construção de uma escola com quatro salas de aulas que atende 200 alunos custa 480 mil reais, com uma média de 2 mil, 440 reais por aluno. Já a construção de um centro educativo para abrigar 72 adolescentes infratores custa ao estado 2 milhões, 352 mil reais, com um custo médio de 32 mil reais por adolescente. Ou seja, significa que você gasta 2 mil, 440 para educar uma criança e mantê-la na escola e 32 mil para manter um adolescente infrator num centro de recuperação.

Isso aqui é a demonstração mais viva de que qualquer dinheiro que nós colocarmos na educação compensa, porque o mais importante investimento que um governo pode fazer é a educação do seu povo. Investindo na educação do povo a gente vai melhorar a qualidade profissional de cada homem e de cada mulher, a gente vai melhorar a qualidade de salário de cada homem e de cada mulher, a gente vai melhorar as oportunidades que essas pessoas terão



no mercado de trabalho. E o Brasil vai caminhando, na medida em que acredite na educação como um investimento altamente positivo de retorno imediato. O Brasil logo, logo estará no rol daqueles países que não vão mais exportar apenas produtos *in natura* ou exportar soja, ou exportar minério de ferro, a gente vai exportar a inteligência brasileira, que vai render muito mais recursos para o nosso país e muito mais divisas para o nosso país.

É por isso que nós todos aqui, do mais velho ao mais novo, precisamos render as nossas homenagens ao mais importante educador brasileiro, o nosso querido companheiro Paulo Freire. Paulo Freire que, certamente, pela bondade que carregava no coração, deve estar lá no céu olhando para todos nós e dizendo assim: “finalmente os meus meninos tomaram juízo, finalmente os meus meninos acreditaram que investir na educação é a solução para o Brasil e para o mundo”. E que não há hipótese alguma de qualquer país do planeta chegar a se transformar num país desenvolvido sem que antes a gente invista maciçamente na educação brasileira, com educação de plena qualidade.

É por isso, deputados e senadores, é por isso Governadora e prefeitos, que nós mandamos para o Congresso Nacional a Emenda Constitucional criando o Fundeb, porque o Fundeb é a possibilidade que nós temos de garantir, meus queridos companheiros Palocci, Fernando Haddad e Dulci, de garantir aos estados do Nordeste e aos estados do Norte a possibilidade deles terem uma qualidade de educação nivelada aos estados que têm a melhor educação no país. Porque lamentavelmente, companheiro Palocci, companheira Governadora, que conhece, José Sérgio Grabielli, essa parte do Nordeste brasileiro, normalmente aqueles que vivem no semi-árido são tratados, historicamente, como se fossem cidadãos de terceira categoria, como se fossem pessoas que não precisassem do Estado brasileiro, como se fossem pessoas que não precisassem de políticas públicas dos governos municipais, estaduais e federal. E nós estamos exatamente, nesse momento histórico, fazendo uma reversão para o nosso querido Nordeste brasileiro e para o Norte.



Quando nós criamos o programa do Biodiesel, que na minha opinião é o programa mais extraordinário para o desenvolvimento do semi-árido brasileiro nos próximos 15 anos, até porque nós não agüentamos o preço do petróleo subindo do jeito que está. E o Brasil tem condições e tem mais do que qualquer outro país do mundo de, através da produção do álcool, através da produção do Biodiesel, seja da mamona, seja do pinhão manso, seja da semente de girassol, seja da soja, seja do caroço de algodão, seja do babaçu, seja do dendê, nós temos condições de dar ao Nordeste brasileiro uma dimensão de desenvolvimento, a partir da agricultura familiar, que jamais esse Nordeste conheceu. E nós vamos vivenciar isso nos próximos anos.

Da mesma forma, o Biodiesel é um programa que tem como característica fundamental a ajuda à agricultura familiar do povo trabalhador deste país. Não que o grande não possa produzir, na medida em que for aumentada a demanda, na medida em que os países ricos forem adotando o cumprimento do Protocolo de Quioto e, portanto, tiverem que usar combustível renovável, menos poluente, certamente o Brasil vai poder colocar o seu produto lá fora e certamente vamos precisar que os grandes produtores brasileiros produzam, definitivamente, a soja, que é a maior quantidade de grãos que nós produzimos. E, quem sabe, meus companheiros, a gente resolva o problema da soja transgênica no Brasil. Ao invés de vender para o povo, vamos transformá-la em biodiesel e, quem sabe, a gente vai viver muito mais tranquilo no nosso país.

A segunda coisa é a Transnordestina. Eu estou vendo um companheiro levantar a camisa com a fotografia do governador Miguel Arraes. Quando Miguel Arraes voltou para o Brasil, em 1979, de todos que voltaram, eu fui o único político no Brasil a receber o governador Miguel Arraes. E já naquela época ele falava da Transnordestina, falava do sonho da Transnordestina. Pois bem, a Transnordestina, ela vai sair do sonho e, se Deus quiser, nos próximos 15 dias estaremos no Nordeste brasileiro anunciando finalmente o começo da



Transnordestina, para permitir que o Nordeste brasileiro tenha as mesmas oportunidades.

Mas não é apenas isso. Eu apanhei muito neste país por não querer ser um político de duas caras. Aquele político que chegava no Ceará e falava: “eu sou favorável à transposição do rio São Francisco”, chegava no Rio Grande do Norte e falava: “eu sou favorável à transposição do rio São Francisco”, chegava em Sergipe e falava: “eu ainda não tenho uma posição definida”, chegava na Bahia e falava: “eu sou contra”. Eu nunca prometi, mas nós vamos fazer a transposição do rio São Francisco.

Agora, muitas vezes eu compreendo porque esse projeto está rodando no Brasil desde 1846, quando D. Pedro tentou fazer. Nós vamos utilizar apenas 1% da água do rio São Francisco para ajudar 12 milhões de famílias a terem água para beber. E só pode ser contra quem tem água Perrier na sua geladeira, só pode ser contra quem nunca carregou uma lata de água de 20 litros na cabeça por seis ou oito léguas.

Agora, é importante que os companheiros que são favoráveis comecem a se manifestar, porque por enquanto só os contra se manifestam. Então, é preciso que povo mostre porque é preciso tirar apenas 1% de uma água que vai para o mar para dar para as pessoas beberem, para dar para um animal beber, para que as pessoas possam viver mais dignamente. Eu, que vim de helicóptero para cá, junto com a Governadora, nós vimos a quantidade de leito de rio seco, nós vimos os açudes que de vez em quando secam e fica a terra trincada. Com a transposição, não vão secar mais os açudes, porque o canal vai regularizar para que eles sejam perenes e para que nunca falte água nos açudes deste país.

Logicamente que tem gente que fala: “mas presidente Lula, porque gastar dinheiro com uma obra dessas, se poderia investir mais numa grande estrada não sei onde?” Ora, investir nessa obra não significa deixar de fazer a estrada. Acontece que essa obra é apenas para que a gente dê aos mais



humildes deste país o direito de levantar de manhã e ter um copo de água tratada para beber.

É isso que nós temos que fazer as pessoas conhecerem. Porque quem mora num apartamento nos grandes centros urbanos brasileiro, quem mora nos apartamentos dos grandes centros, mesmo do Nordeste, não tem nenhuma obrigação de sentir o drama do povo pobre, não tem nenhuma obrigação. Levanta de manhã, abre uma torneira e tem água, quer se lavar, abre um chuveiro e tem água, quente e fria. Abre a geladeira, tem várias marcas de água, às vezes até água de coco gelada. E o povo levanta de manhã e é obrigado a ir num açude, num barreiro, pegar um pote de água barrenta, colocar para assentar e depois ficar tirando com a canequinha. É por isso que quando eu saí de Garanhuns eu só tinha barriga, porque era, na verdade, verme, porque a gente não sabia nem esquentar água, nem ferver a água para beber. É isso que nós queremos fazer. A parte que já tem as coisas, que Deus abençoe e que tenha mais, mas o governo precisa governar prioritariamente para quem mais precisa neste país.

Se a pessoa já tem, que Deus abençoe, que ganhe mais, que conquiste mais, mas o Estado brasileiro precisa olhar aqueles que não tiveram oportunidade, precisam olhar as crianças pobres deste país. É por isso que nós criamos o Bolsa Família. Tem gente que fala: “presidente Lula, o Bolsa Família é uma esmola, é assistencialismo.” Eu acho que tem gente que pode dizer isso: levanta de manhã, tem um pãozão com manteiga, um copo de café com leite para comer, almoça todo dia e janta, aí o Bolsa Família é assistencialismo. Mas para uma mulher que levanta de manhã e vê seis ou sete filhos agarrados no rabo da sua saia pedindo alguma coisa para comer e não tem, o Bolsa Família significa muito. E é por isso que, se Deus quiser, e prefeito, Angicos tem 13 mil habitantes e 11 mil benefícios, não do Bolsa Família, mas todos os benefícios, e talvez não sejam 11 mil pessoas, talvez tenha uma que receba mais que um. Mas numa cidade de 13 mil habitantes, que tem 11 mil benefícios, significa



que, mesmo distante, o governo está sabendo que o povo de Angicos tem que ser tratado com a mesma decência que qualquer povo de outra cidade do nosso país.

Mas não basta, o senador Fernando Bezerra sabe, porque foi no Tribunal de Contas. Era para a gente ter começado a rodovia 101, que é a famosa rodovia do turismo neste estado, em março, mas não conseguimos, porque houve um problema no Tribunal de Contas. Ele foi lá com um monte de deputados e senadores e até hoje nós não conseguimos resolver, mas ela já poderia ter começado e a gente poderia inaugurá-la no começo do ano que vem ou no meio do ano que vem, porque vamos fazer vários lotes de uma vez. E por que fazer essa estrada? Porque o Nordeste tem uma vocação extraordinária para o turismo. E essa estrada vai permitir que alguém que desça aqui possa conhecer outros estados do Nordeste, ou que desça na Bahia ou que desça no Ceará. Essa pessoa pode transitar por uma estrada de qualidade, sem correr risco de vida. E eu acho que o Centro-Sul do país já teve momentos extraordinários em que parte das riquezas foram transferidas para lá e já se desenvolveu.

Agora, todos nós precisamos saber que o Brasil desenvolvido que nós queremos tem que ser também um Brasil solidário. E um Brasil solidário significa que aqueles que já têm alguma coisa precisam ceder um pouco, para que aqueles que ainda não tiveram possam ter oportunidade de ter alguma coisa.

Queria dizer para vocês uma coisa importante sobre o Bolsa Família. Aqui, no Rio Grande do Norte, são 212 mil e 300 famílias que recebem, significa que o Estado brasileiro, todo ano, coloca neste estado 170 milhões de reais para cuidar da parte mais pobre da população e já está atendendo mais de 70% das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza.

Os deputados, senadores, os ministros e a Governadora sabem que o Pronaf, antes do meu governo, quando o governo anunciava Pronaf para a



agricultura familiar, era uma coisa que ia para o Sul do país e não chegava ao Nordeste. Eu vou dar um exemplo para vocês. No Pronaf de 2001/2002, tinha apenas 14 mil contratos aqui no Rio Grande do Norte. No nosso programa de Pronaf, agora, já temos 67 mil contratos aqui no estado do Rio Grande do Norte.

Na safra de 2000, se mandava para cá apenas 21 milhões de reais, por conta do Pronaf. Na nossa safra agrícola, estão vindo para os trabalhadores 95 milhões de reais. Não é apenas isso.

Para os estudantes aqui saberem perfeitamente bem, o ProUni que nós criamos, que era uma coisa que muita gente não acreditava, nós fizemos com que jovens que não tinham oportunidade de entrar nas escolas federais pudessem ter uma bolsa para entrar numa escola particular. E só no estado do Rio Grande do Norte foram 2 mil e 432 mulheres e homens, adolescentes, que este ano puderam ter o prazer de cursar uma universidade sem pagar nada, porque não tinha vaga nas federais, mas a gente resolveu com o ProUni.

Mas não é só isso não. Eu, uma vez, brincava dizendo que era preciso que o Brasil tivesse alguém que não tivesse diploma universitário para se preocupar com as universidades neste país. E não disse isso por maldade não, eu disse porque, muitas vezes, depois que as pessoas se formam, as pessoas entram no mercado de trabalho e, muitas vezes, as pessoas esquecem que tem gente que não tem a mesma oportunidade que elas. É por isso que nós determinamos ao Ministério da Educação: nós vamos fazer no Brasil quatro universidades novas, 31 extensões universitárias e 32 escolas técnicas, fazendo com que as universidades deixem de ser apenas na capital e passem a ter campus no interior dos estados, que é lá que está a parte mais pobre da população.

Também, prefeito, ouvi bem, e quero dizer ao prefeito que, como eu passei 30 anos da minha vida reivindicando, eu jamais vou achar ruim que alguém reivindique para mim, porque eu passei a minha vida reivindicando.



Mas eu queria dizer ao prefeito que, em 32 meses de governo, nós já investimos mais em saneamento básico, 14 vezes mais que o segundo mandato do governo anterior. Obviamente que se o governo ficou praticamente três anos sem investir nenhum centavo em saneamento básico... porque eu sempre disse que muitas vezes os políticos brasileiros não gostam de saneamento básico, porque você coloca a manilha embaixo da terra, não dá para homenagear parente em época de eleição. Mas nós, quando investimos em saneamento básico, nós estamos investindo na geração de empregos, na melhoria da qualidade de vida e, sobretudo, na melhoria da qualidade de saúde das crianças brasileiras, das mulheres e dos homens neste país.

E, por último, eu vou entrar na questão da refinaria. Eu vou entrar, e quero dizer à companheira Governadora, aos companheiros que estão eufóricos pela refinaria que, primeiro, eu tenho nove estados que querem refinaria. E cada um, veja, espera aí, eu não vou chegar em cada palanque e contar uma promessa e uma mentira, não esperem. Até porque vocês, companheiros petroleiros, quando eu deixar a Presidência, vocês farão parte dos companheiros que eu vou continuar encontrando por este país afora. O que eu acho errado é que, é justo que cada estado reivindique para si a refinaria, também estamos de acordo. Agora, o que não pode é eu chegar num estado, e estão as pessoas com botom: a refinaria, a refinaria. Chego em outro, a refinaria. Cada um dá as razões para ter a refinaria. Ora, a refinaria, vejam, têm que ser levados em conta vários fatores, mas o principal fator que tem que ser levado em conta é o financiamento, porque se dependesse da Petrobras, a Petrobras não teria disposição de fazer uma outra refinaria, porque ela está gastando 1 bilhão de dólares para reformar ou para renovar a Refap, no Rio Grande do Sul; ela está gastando 900 milhões de dólares para refazer a refinaria de Duque de Caxias; está gastando mais 1 bilhão de dólares para fazer a Repar, no Paraná; está gastando mais 900 milhões de dólares para fazer a Replan. Portanto, a Petrobras, estrategicamente, não tem interesse em



fazer uma nova refinaria, porque o pessoal da Petrobras é um pessoal que é poderoso, tecnicamente competente, e eles acham que não tem que ter outra refinaria.

A refinaria tem que ter um interesse estratégico para o Nordeste brasileiro. E eu tenho dito a todos os governadores, tenho dito a todos, eu já cheguei até a conversar com um príncipe da Arábia Saudita, porque o Ceará dizia que o príncipe iria financiar lá, outro dizia que o empresário japonês ia investir lá, outro dizia que não sei quem ia investir lá. Até agora, de verdade, e não está definido ainda, só apareceu o presidente Chávez, da Venezuela, propondo um convênio com a Pedvesa para que se construísse uma refinaria no Brasil. Ora, esse acordo é complicado, esse acordo não é um acordo simples, porque é um acordo que envolve não apenas investimentos da Pedvesa no Brasil, mas envolve muitos investimentos da Petrobras na Venezuela para prospectar petróleo pesado. Envolve bilhões e bilhões e, portanto, não vai ser nem uma paixão local, nem a paixão do Presidente da República sozinho que vai decidir. Isso tem que ter estudo técnico e, na hora em que estiver pronto, nós vamos anunciar onde vai ser a refinaria.

O que eu queria pedir é que vocês continuem reivindicando em cada estado, mas não façam disso uma profissão de fé, porque o fanatismo não ajuda nas decisões que nós temos que ter.

Muito obrigado companheiros e boa sorte a vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da 39ª Convenção Nacional de Supermercados
São Paulo - SP, 05 de setembro de 2005**

Senhor Cláudio Lembo, governador em exercício do estado de São Paulo,

Meu caro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Marina Silva, ministra do Meio Ambiente,

Fritsch, secretário Especial de Aqüicultura e Pesca

Minha querida companheira Marisa,

Senador Aloizio Mercadante, que agora virou, com este título, Super Mercadante,

Meus caros amigos deputados estaduais, deputados federais,

Meu caro João Carlos de Oliveira, presidente da Associação Brasileira de Supermercados,

Senhor Sussumu Honda, presidente da Associação dos Supermercados do Estado de São Paulo,

Meu caro Gilberto Kassab, prefeito em exercício da cidade de São Paulo,

Senhor Arthur Sendas, presidente do Conselho Consultivo da Associação Brasileira de Supermercados,

Senhor Wanderlei Saraiva Costa, presidente da GS1-Brasil,

Empresários e empresárias que participam deste encontro,

Meus amigos e minhas amigas.

Creio que não é mais possível ignorar o capital de otimismo que a economia brasileira acumulou até aqui. Sob qualquer ângulo que se olhe, é forçoso reconhecer que há uma nova dinâmica a orientar a engrenagem



produtiva do país.

A evolução da oferta, o fôlego da demanda, os resultados nas contas externas e, sobretudo, a retomada dos investimentos, configuram um ciclo de solidez inédito nas últimas décadas da nossa História.

O que estamos dizendo não é que o caminho está pronto. Nem são desprezíveis os obstáculos, alguns de natureza estrutural e histórica, que temos pela frente. Mas só por erro ou sectarismo se pode negar que, finalmente, pisamos o chão firme de uma trajetória promissora.

Nós, brasileiros e brasileiras, estamos com muito mais confiança em nós mesmos. E a confiança, como sabemos, é um passo além da esperança. O momento em que a esperança se transforma em ação.

Há um conjunto de razões que nos anima nessa travessia. As exportações brasileiras crescem a uma taxa de 24%. O valor acumulado nos últimos 12 meses, como disse o Furlan, ultrapassa os 111 bilhões de dólares e temos um superávit comercial de 40 bilhões de dólares.

Atingimos um fluxo de comércio exterior que equivale hoje a 30% do PIB, o que significa uma participação quase dez pontos superior à marca dos anos 90.

Mais que uma boa contabilidade, esses números refletem uma decisão acertada e corajosa de promover o reposicionamento do nosso país no cenário internacional. A estratégia deste governo, que o diferencia dos demais, foi trocar o Brasil da dependência financeira pelo Brasil da inserção soberana e competitiva na economia global. E vocês sabem que isso muda tudo.

Deixamos a posição subalterna e equivocada que via no endividamento crescente e no acúmulo de passivos comerciais um fermento modernizador da nossa estrutura produtiva.

Na verdade, o que se conseguiu, então, foi promover o acanhamento do parque industrial brasileiro, a retração do investimento, a financeirização da economia, e a devastação do emprego nas cidades, com o empobrecimento do



produtor no campo.

Não faz justiça ao esforço nacional quem atribui as atuais conquistas apenas e tão somente a uma conjunção externa favorável. Tal visão é tão equivocada quanto a sua contrapartida ingênua de supor que a simples abertura dos mercados seria suficiente para promover a convergência da riqueza e reduzir as assimetrias entre as Nações.

Não é assim que acontece na vida real. A globalização não é o inferno e nem o paraíso. É a velha disputa de forças políticas e econômicas pela conquista de mercados, agora de modo mais intenso e em escala planetária.

Essa é a realidade do comércio internacional. Essa é a realidade das mesas de negociações nas quais temos conquistado árduas vitórias. Acima de tudo, essa é a realidade do jogo pesado da diplomacia no século XXI, no qual o Brasil entrou disposto a contribuir para mudar a geografia do comércio mundial e tornar mais justa a repartição da riqueza num mundo onde 850 milhões de pessoas ainda passam fome.

A verdade é que fizemos uma escolha com base em um projeto de Nação e construímos um caminho que se mostrou promissor. Superamos um dos principais gargalos do desenvolvimento brasileiro, expresso na incapacidade de gerar divisas para reduzir nossa vulnerabilidade e ampliar o potencial produtivo da nossa economia.

Durante décadas, essa restrição jogou o Brasil em um pêndulo infernal, oscilando entre o endividamento externo e o descontrole inflacionário, ambos fadados a empurrar a sociedade, periodicamente, para um ajuste de contas desagregador com efeitos cumulativos nas finanças do Estado, na desigualdade da renda e na retração do investimento público e privado.

Fizemos uma ruptura benigna. Cortamos as amarras com uma lógica que, nos anos 90, reservou ao país um déficit em conta corrente da ordem de 188 bilhões de dólares, quase 23 bilhões de dólares somente em 2001. Uma estabilidade que se apóia em um déficit de 180 bilhões de dólares, na verdade,



não pode ser chamada assim. O insustentável não serve de alicerce, nem para o presente e, muito menos, para o futuro.

Hoje, o Brasil vive um ciclo de crescimento sem inflação, muito diferente da instabilidade sem crescimento e sem exportações do passado. Nossas contas externas, agora, acumulam um saldo líquido da ordem de 2% do PIB ao ano. A economia avança oito trimestres seguidos, com a inflação mais baixa dos últimos cinco anos. Mais de 100 mil empregos formais estão sendo criados todos os meses. Graças ao crédito com desconto em folha, adicionamos ao mercado de consumo mais de 90 milhões de reais por dia neste país. A demanda das famílias cresce há sete meses sucessivos, impulsionada, também, pelo aumento da massa salarial e a elevação do poder de compra do salário mínimo.

Mas o que é, sobretudo, importante, é que não estamos diante de uma simples bolha de consumo ou uma aventura cambial movida a importações, sem receita correspondente. O que verificamos agora, ao contrário, é uma expressiva retomada do investimento produtivo, que faz avançar o patamar das nossas possibilidades e amplia a fronteira do nosso projeto de desenvolvimento e de justiça social. A taxa de investimento na economia brasileira hoje é a maior desde 1998. Seis de cada dez indústrias vão investir, este ano, valores que, na média, superam em 18% o total desembolsado em 2004. A proporção do investimento industrial em relação às vendas, em 2005, é a maior da década. Trata-se de uma taxa média superior a 11% e um total de 46 bilhões de reais em novas máquinas e instalações.

Os empréstimos do BNDES já evidenciam o fôlego desta retomada de projetos que, durante anos, permaneceram engavetados nos centros de decisão das empresas. A captação de recurso do setor industrial junto ao BNDES aumentou, entre janeiro e julho, 38% comparado ao mesmo período de 2004. O que é mais significativo, os desembolsos do BNDES para aquisição de máquinas e equipamentos cresceram 100% reforçando, assim, a dimensão



cíclica desse processo que chegou também na balança comercial brasileira.

De janeiro a agosto, as importações de máquinas e bens de capitais tiveram um aumento de quase 29%, com saldo de 35% entre junho e agosto. O que estamos dizendo é que uma parcela significativa da indústria brasileira ganhou nervos e musculatura como nunca teve no passado. Portanto, essas indústrias estão líquidas, são mais rentáveis, ampliaram a produtividade e reduziram o seu endividamento externo e interno.

Depois de expandir os turnos de trabalho e a hora extra, chegou o momento de acionarem novos planos de expansão para sintonizar a capacidade produtiva com as dimensões renovadas da demanda. Tenham a convicção de que esse é um momento historicamente promissor que estamos vivendo. E é para isso que devemos nos preparar, tanto na esfera pública, quanto no setor privado, com igual desassombro, empenho e confiança.

O comércio e o setor de serviços, que reúnem mais de um milhão e duzentas mil empresas, empregando seis milhões de brasileiros e brasileiras, terão a enorme responsabilidade de ser a ponte entre esse novo ciclo de expansão da oferta e a ampliação do mercado de consumo de massa no país. Exatamente por isso, queremos anunciar, aqui, a resposta a um pedido que nos foi feito no Congresso da ABRAS em 2004. Estamos criando uma nova Secretaria, a de Comércio e Serviços, que funcionará junto com o Furlan, no Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, para que nunca mais tenha divergência entre o João Carlos e o Furlan sobre o índice que está sendo utilizado. A ela, à Secretaria, caberá a responsabilidade expressa de formular e implementar políticas públicas para o setor, ampliando, assim, a capacidade de respostas do governo a um segmento que multiplicará sua relevância nesse novo ciclo de desenvolvimento.

Quero encerrar dizendo, como sempre dissemos, que a retomada do desenvolvimento brasileiro, antes de ser uma agenda econômica, é a grande obra da maturidade democrática da nossa sociedade e das nossas instituições.



Significa dizer que as duas principais debilidades da economia: a carência de investimento associada à vulnerabilidade externa; e a desumana distribuição da riqueza, estão sendo enfrentadas e vencidas de forma simultânea, articulada e política.

Criamos as condições para o avanço da nossa economia. O Brasil está mostrando que pode intensificar a competição e gerar empregos, ao mesmo tempo e com igual intensidade, vai continuar crescendo e distribuindo renda com justiça e muita generosidade.

Meu caro João Carlos, eu não poderia terminar sem lhe dar um conselho aqui. A sua reclamação sobre a questão dos impostos, nós, no primeiro ano de governo, aprovamos uma reforma tributária, a parte pertinente ao governo federal foi mais ou menos resolvida; agora, tem que ser votada a reforma tributária pertinente aos estados brasileiros. E, muitas vezes, é preciso que haja um trabalho muito forte de vocês para convencerem os governadores e os deputados a votarem a segunda parte da Reforma Tributária, que é uma parte que unifica a questão do ICMS, diminui, e que pode ajudar para que a gente tenha uma relação mais justa de estado para estado.

Se dependesse da vontade apenas do governo federal, ela tinha sido votada já no ano passado. Agora, depende de interesses regionais, de interesses locais e, aí, cada associação comercial, cada associação de supermercado, cada associação de empresários precisa, nos seus estados, chamar os deputados para conversar, chamar os governadores, e tentar definir se vai votar ou não, porque ainda tem governador que acha que o seu estado vai crescer fazendo a guerra fiscal. Então, é preciso que haja uma combinação de esforços para que isso seja aprovado. E também, como vocês vão ter quatro dias de conversas aqui, e eu sei que vai ter muita coisa importante a ser decidida, eu queria deixar uma contribuição para vocês sobre o momento histórico que o Brasil está vivendo. E eu queria que vocês refletissem em que momento histórico, na história mais recente do Brasil, nós vivemos uma



combinação como a que estamos vivendo agora.

A economia brasileira está crescendo, e não façam previsões pessimistas porque ela pode surpreender a todos vocês, como surpreendeu o número divulgado pelo IBGE esta semana. O crescimento da nossa indústria é visível em todo o território nacional. De 18 regiões que foram medidas, apenas uma não cresceu, o Rio Grande do Sul, por conta de dois problemas: por conta da seca e por conta de um problema no setor de calçados. O crédito, só do BNDES, cresceu 39% nesse primeiro semestre. A balança comercial vem batendo recorde, apesar do pessimismo de alguns, “que o câmbio está baixo, que o câmbio precisava ser mais alto”. Tem alguém que tenta adivinhar quanto é que deveria valer o câmbio, “deveria ser três reais, deveria ser 2,90, 2,95”. A verdade é que, apesar do câmbio não ser aquilo que os vendedores gostariam que fosse, é aquilo que os devedores querem que seja, ou os compradores, mas os vendedores... Apesar do câmbio, nós chegamos a 9 bilhões em maio, chegamos a 10 bilhões em junho, chegamos a 11 bilhões em julho, repetimos 11 bilhões e 348 em agosto, e vamos continuar crescendo porque, para os pessimistas, a gente apresenta resultado, a gente não discute, vamos esperar sair cada número para que a gente possa ver.

Então, vejam que interessante, a economia crescendo, a indústria crescendo, o crédito crescendo, a balança comercial crescendo, a massa salarial crescendo, o poder de compra crescendo, os preços em queda, e o emprego crescendo. O que mais nós queremos? Vender mais no supermercado, com mais salário, com mais crédito consignado.

Estou dizendo isso porque muitas vezes nós temos dificuldade de reconhecer as coisas boas que nós mesmos conquistamos, ao invés de comemorar a nossa vitória. Ontem, por exemplo, eu vi brasileiro frustrado porque o Brasil ganhou de 4x0 no primeiro tempo, as pessoas já pegaram as suas maquininhas e já calcularam que iam ser 8 no final do jogo, iam marcar mais 4, e não foi fácil marcar, marcou apenas mais um.



Na economia, na política é tudo a mesma coisa, não tem muita diferença. O Brasil, acreditem, entrou num ciclo virtuoso de crescimento. Eu vou repetir para vocês uma coisa que eu tenho dito. Não pensem que as pressões que nós sofremos diariamente não são muitas, infinitas. Pessoas que acham: “Presidente, tem que aproveitar este momento em que a situação está difícil politicamente e fazer alguma coisa para agradar o mundo.” Por exemplo, quando o Senado aprovou o salário mínimo de 384 reais, sabendo que as prefeituras não podiam pagar, sabendo que a Previdência não podia pagar e aprovaram para tentar levar o Presidente a um desgaste do veto, eu disse claramente: para mim não tem nenhum problema, eu perco um voto, perco o amigo, mas não perco a seriedade com que eu tenho que tratar as questões políticas deste país. Graças a Deus, a Câmara colocou a coisa na sua dimensão e nós temos um salário mínimo que não é o melhor do mundo, mas é muito melhor do que aquilo que as pessoas recebiam outro dia atrás.

Se a gente pegar só a cesta básica para analisar, a gente vai perceber que a cesta básica agora, em agosto, custou 54% do salário mínimo; em julho do ano passado ela custava praticamente 67%. Só isso significa 13% de ganho na parte que ganha o salário mínimo, que são as pessoas que mais vivem de cesta básica.

Tem gente que fala: “Presidente, agora o momento está difícil, por que não baixa o juro?” Primeiro, porque se eu tivesse o poder de baixar o juro eu deveria ter assumido a responsabilidade de dizer que fui eu que aumentei. Durante o processo de campanha, todos vocês, em todos os debates de que eu participei, diziam: “Presidente, o Banco Central tem que ser autônomo, não pode ter ingerência política no Banco Central e, mais ainda, Presidente, o câmbio tem que ser flutuante.”

Eu vou repetir para vocês uma coisa que o Palocci diz todo dia: “sabe qual é o problema do câmbio flutuante? É que ele flutua”. Esse é o grande problema, nós não podemos ter um câmbio flutuante e o Presidente da



República achar que ele pode determinar. Obviamente que nós entendemos que os juros agora têm que entrar numa rota, eu acho que diferentemente da que fez agora, porque a inflação me parece que está definitivamente controlada.

Eu estou dizendo isso para vocês porque eu estou dizendo desde o primeiro dia de governo: nós não queremos governar este país pensando nas próximas eleições, até porque eu dizia, durante a campanha, que o mal do Brasil é que as pessoas só pensam o Brasil de quatro em quatro anos. As pessoas só projetam o Brasil de quatro em quatro anos e uma nação que tem o potencial que tem o Brasil, uma nação que tem as possibilidades que tem o Brasil só será grande e, definitivamente, uma nação rica, se a gente projetar para 15, 20 ou 30 anos.

É por isso que nós queremos criar uma condição sólida para a economia brasileira, não pode ser uma aventura, não pode ser uma coisa que a gente muda um dia, muda no outro dia. Vocês conhecem a história do Brasil e sabem quantas aventuras nós tivemos, quantos planos nós tivemos, quantas vezes vocês foram se deitar devendo um e acordaram devendo dez. Quantas vezes aconteceu isso no Brasil? Nós não vamos fazer.

Eu não sei qual é o preço que pagaremos por isso, a única coisa que eu tenho certeza é que se depender deste governo a gente vai ter, pela primeira vez, uma economia sólida em que vocês não serão pegos de surpresa numa matéria no Jornal Nacional, em que vocês não serão pegos de surpresa num e-mail da Internet, de que o governo, à meia-noite, se reuniu e tomou uma atitude para favorecer isso ou favorecer aquilo. Não. Nós temos que favorecer este país e nós estamos vivendo um momento excepcional.

Obviamente que sempre haverá aqueles que reclamam, mas vocês sabem que a quantidade de dinheiro que nós colocamos no mercado, nesses últimos 30 meses, não estava prevista na cabeça de nenhum de vocês. Só o crédito consignado colocou no mercado 19 bilhões e 700 milhões de reais, só



isso. Só o projeto Bolsa Família colocou mais 7 bilhões no mercado, neste país. São Paulo é um estado rico, mas aqui no estado tem quase 700 mil pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza, recebendo o Bolsa Família. Só vocês sabem o que significa para um supermercado, você sair de 2 bilhões e 200 de dinheiro do Pronaf para 6 bilhões e 250, este ano. Só vocês sabem o que significam os benefícios com o salário mínimo, que em 2003 custavam 98 bilhões de reais e agora somam um total de 165 bilhões de reais. Esse dinheiro todo vai para algum lugar e, certamente, uma parte dele vai parar na cadeia de supermercados deste país.

Eu dizia ao João Carlos: “João Carlos, acho que é importante a gente estar sempre cobrando, porque a vida tem que ser uma cobrança eterna.” Aliás, ninguém cobrou mais no Brasil do que eu, por isso eu nunca reclamarei quando alguém me cobrar. Olha, passeata contra o governo, qualquer manifestação, como eu já fiz todas que eu tinha direito, eu aceito que façam todas contra mim também, sem ficar de cara feia. Agora, não podem deixar de reconhecer que o Brasil vive um momento excepcional na sua economia. Talvez não seja tudo aquilo que a gente quer, mas é o máximo que a gente já teve nos últimos anos. E analisem, nos últimos governos deste país, não peguem um, não, podem pegar três ou quatro, e analisem, desde 1980, há 25 anos, qual o momento em que o Brasil viveu um momento tão promissor como o que está vivendo? E, isso, não é graças ao Presidente da República ou ao Ministro da Fazenda. Nós poderemos ter uma parcelinha de responsabilidade. Isso é graças a vocês, que estão dizendo... Com todo esse conflito político, com todo esse conflito, se alguém achou que poderia fazer conflito político, criar conflito político, exagerar mais ou menos, achando que iria acertar a economia e que o país iria sair do trilho, caiu do cavalo, porque a economia está cada vez mais sólida, e nós não vamos permitir que a crise política atrapalhe o sonho deste país de se transformar em uma grande Nação. Ela pode prejudicar um político, dois políticos, trinta políticos, mas a economia,



podem ficar certos que, enquanto eu for Presidente da República, enquanto a gente puder oferecer oferta de emprego, enquanto a gente puder oferecer crescimento econômico, enquanto a gente puder oferecer aumento das exportações, podem ficar tranquilos que nós iremos enfrentar qualquer situação para não permitir que o nosso querido Brasil e, sobretudo, o povo mais pobre, sofra qualquer retrocesso com mudanças na política econômica.

Meus parabéns, bom Congresso e boa sorte a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço
com o presidente da República da Nigéria, Olusegun Obasanjo**

Palácio Itamaraty, 06 de setembro de 2005

Excelentíssimo senhor Olusegun Obasanjo, presidente da República Federal da Nigéria,

Senhores governadores de estado e ministros de Estado da Nigéria,

Senhores ministros de Estado do meu governo,

Senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Senhoras e senhores integrantes das delegações da Nigéria e do Brasil,

Meus amigos e minhas amigas,

Sua visita ao Brasil, presidente Obasanjo, é uma ocasião especial para nós, brasileiros. Vossa Excelência é um amigo, um companheiro. E a Nigéria é um país a que somos unidos pelo Atlântico e pela história. É uma nação de que estamos próximos por identidades historicamente profundas e por aspirações universais.

Vossa Excelência expressa uma nova Nigéria, dinâmica e confiante que, como o Brasil, vem redefinindo seu papel no mundo. Nigéria é um país orgulhoso de seu passado e, ao mesmo tempo, seguro de sua capacidade de trilhar os rumos do futuro.

Como líder que aglutina, Vossa Excelência ajudou seu país a superar suas divisões e a construir um caminho em que a diversidade encontrou na democracia sua melhor expressão.

Reconhecemos no povo nigeriano nossas raízes. Sabemos do alto preço que pagou ao ver seus filhos fazerem a travessia forçada do oceano para



construir um novo Continente.

Nigéria e Brasil são os dois países com maior população afrodescendente do mundo. Compartilhamos a experiência da colonização, o sofrimento da escravidão e o desafio de construir sociedades forjadas na diferença, mas que avançam em busca do bem comum.

Presidente Obasanjo,

A visita de Vossa Excelência ao Brasil expressa esta parceria que estamos determinados a consolidar. Sela uma aproximação. Salda uma dívida que tínhamos com nossos povos.

Quando estive em Abuja, no ano passado, afirmei que não é possível que países com tão vasta população e economias tão dinâmicas deixem de trabalhar juntos em favor de uma nova configuração do cenário internacional.

Hoje, estamos aprofundando similaridades. Exploramos complementaridades para estabelecer uma agenda bilateral de iniciativas concretas.

A cooperação na área da saúde, em particular mediante transferência de tecnologia brasileira, mostra a possibilidade da solidariedade contra o flagelo do Hiv/Aids.

No campo agrícola, estamos compartilhando técnicas científicas para combater outros males globais: a fome e a pobreza.

Os acordos que hoje assinamos alargam as possibilidades dessa cooperação. No campo jurídico e penal, nos comprometemos a lutar contra o tráfico de drogas e o crime organizado transnacional, que ameaçam nossas sociedades e valores comuns.

O Acordo Aéreo permitirá retomar as ligações entre os dois países, determinados a estreitar um diálogo estratégico.

Queremos que nossas relações se assentem em bases econômicas sólidas. O comércio ultrapassa US\$ 4 bilhões, mas permanece o imperativo de diversificar trocas ainda concentradas nas importações brasileiras de petróleo.



A recente missão do meu Ministro da Indústria, Comércio Exterior e Desenvolvimento a Abuja explorou mecanismos inovadores para aumentar o intercâmbio em condições de maior equilíbrio.

Com o mesmo espírito, combatemos os subsídios inaceitáveis aplicados pelos países industrializados. Unidos no G-20, estamos trabalhando para que o comércio internacional seja uma via de duas mãos, um poderoso indutor de desenvolvimento nacional e de prosperidade para nossos produtores agrícolas.

Contamos com a Nigéria e com toda a África nesta luta para legar às futuras gerações um sistema comercial fundado na competitividade de nossos filhos, e não na sua fome e miséria.

Na Cúpula de Nova Iorque, de setembro de 2004, a comunidade internacional se comprometeu a eliminar essas chagas. A presença de Vossa Excelência naquele evento ajudou a aproximar-nos do dia em que alcançaremos esse objetivo.

Presidente Obasanjo,

Juntamente com o ex-presidente Nelson Mandela, Vossa Excelência é celebrado como um homem de conciliação na África contemporânea. Aprendemos a admirar sua postura corajosa em prol da democracia e da boa governança na Nigéria e no Continente.

Seu engajamento na prevenção de conflitos e na cooperação regional contribuiu para uma “renascença africana” que vai além das estatísticas de crescimento. Indica o amadurecimento das instituições e o fortalecimento da cidadania, no nível nacional e regional.

A União Africana, que Vossa Excelência atualmente preside com grande discernimento, está ajudando a promover o aperfeiçoamento político, o fortalecimento econômico e a vocação pacifista, que hoje ganham força na sociedade africana.

Foi essa nova realidade que me fez visitar 14 países do Continente desde o início de meu governo. Contribuímos, juntos, para a normalização da



República Democrática do Congo, passo fundamental para os destinos de toda a África sub-saariana. No Conselho de Segurança e na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, apoiamos a estabilização de São Tomé e Príncipe. Nossos dois países estão engajados na pacificação definitiva de Guiné Bissau.

Com o mesmo entusiasmo, acolhemos a idéia de Vossa Excelência de realizar a Primeira Cúpula América do Sul-África. Vamos celebrar uma solidariedade fundamental que aproxima nossos continentes. Mostraremos que a união de forças é a melhor resposta para o desafio de uma globalização desigual. Conte com o Brasil nessa empreitada!

Meu caro presidente Obasanjo,

Nossos países estão prontos para assumir maiores responsabilidades na promoção da paz internacional. A reforma do sistema das Nações Unidas e nossa campanha pela ampliação do Conselho de Segurança oferecem oportunidade única para fazer ouvir a voz do mundo em desenvolvimento nas decisões mundiais.

Estamos trabalhando juntos para consolidar uma nova ordem internacional, fundada num multilateralismo revigorado, mais democrático e mais justo. Estou confiante de que as propostas defendidas pelo G-4 e pela União Africana darão impulso para uma ampliação do Conselho que atenda aos interesses dos países do Sul.

Agradeço o empenho de Vossa Excelência e da diplomacia nigeriana na busca de uma aproximação entre os dois projetos.

Presidente Obasanjo,

Amanhã, Vossa Excelência assistirá aos festejos da nossa data nacional. Muito me honra tê-lo ao meu lado nessa celebração cívica maior. Sua presença é um justo tributo ao povo nigeriano, que esteve ao lado do Brasil desde os primórdios de nossa maioridade.

O Obá de Lagos, juntamente com o do Benin, foi dos primeiros



soberanos a reconhecer, ainda em 1823, a independência do Brasil. A presença, aqui, de Vossa Excelência, assim como o gesto de seus antepassados, é expressão dessa duradoura amizade entre brasileiros e nigerianos e um ícone da irmandade entre o Brasil e a África. Essa fraternidade foi capaz de superar um passado dramático. Ela enriqueceu nossas duas sociedades.

Cândido da Rocha, escravo de origem nigeriana, retornado do Brasil, levou consigo, além da vontade de triunfar, um pouco do Brasil para sua terra. A Casa da Água que construiu, permanece um símbolo da forte presença "brasileira" em Lagos.

A visita de Vossa Excelência certamente colaborará para que a Nigéria tenha novas "casas brasileiras" e que os nigerianos sintam-se cada vez mais em casa no Brasil.

Com esse sentimento de confiança, peço a todos que se unam a um brinde às relações entre Nigéria e Brasil, à prosperidade de nossos povos e à felicidade pessoal do presidente Obasanjo.

Muito obrigado.



Pronunciamento à nação, do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em cadeia de rádio e tv, por ocasião das comemorações do 7 de Setembro

Meus amigos e minhas amigas,

O 7 de setembro é dia de emoção e reflexão. Neste dia, 183 anos atrás, começamos a nos tornar uma nação independente, marco histórico de uma luta iniciada bem antes e que continua até hoje. Sim, porque a luta pela independência continuará enquanto houver um só interesse nacional a defender e um único brasileiro a ser libertado da miséria.

No Dia da Pátria, quero refletir com cada um de vocês sobre a extraordinária capacidade que temos, povo e governo, de enfrentar e superar desafios. Se há uma característica marcante do povo brasileiro é a de lutar contra a adversidade e vencê-la.

O diferencial do meu governo é justamente este, o de não recuar diante dos obstáculos, por maiores que sejam, e superá-los. Foi assim desde o início.

Todos sabem que, quando eu assumi a Presidência, o Brasil estava mergulhado em uma profunda crise econômica e social. O quadro era assustador: a economia estagnada, o desemprego crescendo, a inflação disparando e a crise social prestes a explodir. Muitos não acreditavam que eu fosse conseguir.

Hoje, 32 meses depois, cada um de vocês é testemunha: vencemos a crise econômica, re colocamos o país nos trilhos. Juntos, governo e povo, fizemos o Brasil voltar a crescer de modo sustentado. Os resultados estão aí, à vista de todos.

A economia cresce, a indústria cresce, o comércio cresce, as exportações crescem, o emprego cresce, o salário cresce, cresce a



transferência de renda para os pobres, a inflação cai, o custo da cesta básica também cai. Dessa vez, o crescimento é para todos, com geração de empregos e distribuição de renda.

Graças a Deus e a muito trabalho, nosso governo já criou mais de 3 milhões e 200 mil novos empregos com carteira assinada. Não é tudo que precisamos. Mas já é bastante e tenho orgulho disso.

O Brasil entrou definitivamente na rota do desenvolvimento. E nada nos desviará desse caminho.

A dívida social teria desanimado quem não estivesse, como eu, habituado a enfrentar dificuldades. Mas pusemos mãos à obra, implantamos programas sociais inovadores, passamos a enxergar e a cuidar dos pobres deste país. Ainda temos muito o que fazer, mas os resultados já estão aparecendo.

O Brasil está mudando para melhor. E mudará cada vez mais porque foi para isso que viemos, para juntar o econômico com o social, para juntar os números da economia com a qualidade de vida das pessoas. E estamos semeando o futuro, investindo fortemente na educação e na infra-estrutura.

Hoje, podemos dizer com humildade, mas com o sentimento do dever cumprido: o Brasil está se tornando um país cada vez mais produtivo e solidário.

Permitam-me, neste Dia da Pátria, dia da soberania nacional, celebrar com vocês uma grande conquista: este ano alcançaremos a nossa auto-suficiência na produção de petróleo, que tornará o Brasil muito menos vulnerável diante das crises internacionais.

Por isso, digo a vocês com toda a convicção: da mesma forma que soubemos vencer o desafio da crise econômica e estamos vencendo o desafio da dívida social, saberemos superar, com coragem e serenidade, as atuais turbulências políticas.

A crise política também será vencida pelo Congresso, pelo governo e



pelo povo brasileiro. Será vencida com a apuração cabal de todas as denúncias e com a punição rigorosa dos culpados. Nem eu nem vocês admitiremos qualquer temporização, nenhum acordo subalterno, doa a quem doer, sejam amigos ou adversários. O fundamental é que a verdade prevaleça e que não haja impunidade. Que as CPI apurem, que a Polícia Federal investigue, que o Ministério Público denuncie, e que a Justiça, soberana, julgue.

O que não podemos, de modo algum, é permitir que essa crise política seja manipulada por interesses menores e se alastre artificialmente, contaminando de modo abusivo e desnecessário a vida nacional.

Por isso, faço questão de tranquilizar as pessoas de bem e advertir aos mal-intencionados, que as turbulências políticas não vão tirar o governo do seu rumo.

A política econômica será mantida, a política social continuará sendo ampliada, a política externa seguirá seu curso e a vigilância ética será redobrada.

É preciso separar o joio do trigo para que possamos punir quem deve ser punido, inocentar quem deve ser inocentado, corrigir o que deve ser corrigido e seguir em frente, construindo um país mais transparente, com nossa democracia fortalecida, porque o Brasil é maior, muito maior do que tudo isso. E não podemos perder as oportunidades econômicas e sociais que nós mesmos construímos, à custa de muito sacrifício.

Conto com cada um de vocês para que o país continue a crescer, a gerar empregos e a distribuir renda.

Que estejamos todos à altura do país sonhado pelos fundadores da nacionalidade.

Obrigado e boa noite.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de início das obras da Rodovia Interoceânica**

Puerto Maldonado – Peru, 08 de setembro de 2005

Excelentíssimo senhor Alejandro Toledo, presidente da República do
Peru,

Senhora Eliane de Toledo, primeira-dama do Peru,

Excelentíssimo senhor Eduardo Rodríguez Veltzé, presidente da
República da Bolívia,

Senhores ministros das Relações Exteriores,

Senhor José del Maestro Rios, presidente regional de Madre de Dios,

Meu querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre,

Senhor Eduardo Zavala, prefeito de Puerto Maldonado,

Senhoras e senhores membros das comitivas do Peru, da Bolívia e do
Brasil,

Senador Simbá Machado, do Brasil,

Deputada Perpétua Almeida,

Deputados Miguel de Souza e Zico Bronzeado,

Meus companheiros e companheiras,

Companheiros da imprensa brasileira, da imprensa boliviana e da
imprensa do Peru,

Eu fiz questão de ter um intérprete no meu pronunciamento porque
senão apenas alguns poucos iriam entender todas as minhas palavras e todas
as minhas intenções.

Quero, inclusive, cumprimentar os empresários brasileiros, os



empresários peruanos e os empresários da Bolívia porque, enquanto governantes, estamos começando a fazer a nossa parte. Depois da estrada, virão os empresários procurar as oportunidades para parcerias, *joint ventures* no campo da agricultura, no campo da indústria e no campo do comércio.

Por isso, eu quero dizer ao presidente Toledo que o que nós estamos fazendo aqui, hoje, é concretizando um sonho, um sonho de muitos que morreram há muito tempo atrás e que tanto lutaram para que a nossa querida América Latina, América do Sul, pudesse sofrer um processo auspicioso de integração.

Na verdade, querido companheiro Toledo, o que estamos fazendo, aqui, é saindo da era dos discursos para a era da prática. Este ato de lançamento da pedra fundamental da Rodovia Interoceânica em Puerto Maldonado, é um momento especial, não só para as relações entre Brasil e Peru. Estamos, hoje, inaugurando um capítulo novo na história da região Amazônica e da América do Sul como um todo. Celebramos a realização de um sonho que peruanos, bolivianos e brasileiros acalentamos por décadas, sonho que, até agora, não havia saído dos discursos e das intenções. Iniciamos, hoje, a integração física de nossos países. Nossa fronteira deixa de ter uma linha de divisão. Será, cada vez mais, um traço de união entre nossos povos. A geografia torna-se nossa aliada. Homens, como Manoel Paes Sousa, Euclides da Cunha e o próprio Barão do Rio Branco dedicaram-se, faz um século, a marcar os limites entre nossos países. Hoje, temos que explorar nossas fronteiras até nossas potencialidades de cooperação.

A Rodovia Interoceânica, por sua grandeza e importância estratégica, será um poderoso instrumento de progresso. Haverá novas frentes de trabalho e de oportunidades, resgatará populações historicamente isoladas e marginalizadas. Essa obra é um símbolo da confiança, amizade e cooperação que marca nossas relações. Ela corresponde à aposta que Brasil e Peru fizeram, uma aliança profunda e irreversível. Materializa a convicção de que



podemos superar as limitações que ainda travavam o desenvolvimento de nossos países. A Rodovia Interoceânica será o indutor de descentralização, prosperidade e renovação.

Meu querido amigo presidente Alejandro Toledo,

Quando estive em Lima, há mais de dez anos, percebi quão pouco conhecemos a riqueza, a variedade cultural e as oportunidades que o Peru oferece para nós, brasileiros. Lamentei a quantidade de produtos que importamos de outros países e que poderiam perfeitamente ser fornecidos pela indústria e pela agricultura peruanas. Os povos da Amazônia brasileira querem também que seus produtos, seu trabalho e sua visão de mundo possam chegar a outras terras e a outros continentes.

Estou certo de que a estrada interoceânica trará benefícios diretos e imediatos para a macrorregião sul-peruana, para o norte e centro-oeste brasileiros e também para o ocidente boliviano. Ela promoverá o desenvolvimento econômico das regiões fronteiriças por multiplicação e diversificação dos produtos e serviços comercializados. Favorecerá também a presença do Estado nessas áreas, a segurança e a proteção do meio ambiente, coibindo, sobretudo, a exploração ilegal de madeiras. Permitirá uma melhor assistência, com unidades locais, facilitando o acesso de agente de saúde, professores, pesquisadores e outros profissionais, juntamente com os empresários serão os novos atores do desenvolvimento regional.

Serão criadas as condições para novos investimentos, favorecidos pela inigualável diversidade agrícola, biológica e mineral dessa terra. Vamos aproveitar o grande potencial energético dessa região, o grande (inaudível) e da Amazônia brasileira assegurará o abastecimento para as futuras gerações. Aí está o caráter estratégico desta obra ambiciosa.

Essa estrada terá ainda um enorme impacto sobre o turismo. Do alto de Cuzco e na Planície Amazônica os visitantes conhecerão um patrimônio natural sem par.



Quero prestar homenagens ao governador Jorge Viana e aos presidentes regionais peruanos que estão aqui conosco. Eles acreditaram e investiram neste sonho. Mais do que ninguém tiveram clareza sobre o que este projeto significará para a região. Trabalhadores, empresários, turistas e investidores estão para chegar. E com eles novas oportunidades de empregos, de cooperação e de negócios.

Quero convidar os homens de visão para abraçar este desafio de escrever conjuntamente a história futura de nossos países e de nossa região.

Meus caros presidentes Toledo e Rodríguez,

Esta obra se constrói de sonhos e de concreto, tem grande valor material, tem maior valor simbólico. A Rodovia Interoceânica é o primeiro grande pilar desta grande estrada comum que estamos edificando na América do Sul. Ela atesta o nosso compromisso de construir a infra-estrutura necessária à união definitiva de nosso continente. Tenho insistido que os importantes acordos comerciais que assinamos só trarão resultados quando criarmos os meios efetivos para a sua implementação.

Pontes e estradas não apenas transpõem rios e unem comunidades distantes, tornam possível o diálogo, a cooperação e o comércio entre os povos. A conexão física da América do Sul é um requisito para que a nossa região se integre de forma competitiva nessa economia globalizada. Como disse, na histórica Reunião de Cuzco, em dezembro passado, ao integrarmos nossos países estamos nos integrando com o mundo. Nessa empreitada, a parceria inovadora entre a Corporação Andina de Fomento e o Proex brasileiro, tem demonstrado que unindo esforços, estaremos (inaudível) desafio da construção da Comunidade Pan-Americana de Nações.

Ainda este mês, em Brasília, terei o prazer de receber os amigos, presidente Toledo e presidente Rodríguez, juntamente com os demais líderes sul-americanos para a primeira reunião de Cúpula de nossa comunidade.



Vamos reafirmar os compromissos continentais de tomar com as próprias mãos as rédeas do nosso destino comum.

Essa pedra fundamental que assentamos hoje, em solo peruano, tem, portanto, uma especial significância. Ela é o alicerce da obra maior que teve em Bolívar e em outros tantos próceres seus primeiros arquitetos. Está cimentada pela amizade de nossos povos e pela convicção de que depende de nós, e de mais ninguém, a construção de um futuro mais próspero, mais justo e solidário.

Querido companheiro Toledo,

Meus queridos amigos,

Mulheres e homens do Peru, da Bolívia,

Nós tivemos a felicidade de, no ano passado, inaugurarmos a primeira ponte entre Bolívia e Brasil. Uma ponte pequena, muito estreita, em que só cabe um carro. Mas, de qualquer forma, foi o primeiro sinal da integração em 500 anos de história.

Em novembro já estou convidando o presidente Toledo para que possamos inaugurar uma ponte entre Assis Brasil, no estado do Acre e Iñapare, no Peru, para que não apenas as mercadorias transitem, mas nossa alma latina transite, e o povo peruano possa transitar para o Brasil e o povo brasileiro possa transitar para o Peru, quem sabe, talvez, sem precisar de passaporte, sem desconfiar das pessoas, acreditando que a integração da América do Sul é um fato irreversível.

É muito importante a nossa aliança com o Norte, é muito importante a nossa aliança com outros países e outros continentes. Mas nós temos a obrigação moral, política, ética, e a obrigação, para com o nosso povo, de afirmarmos cada dia que a América do Sul só deixará de ser um continente pobre no dia que nós acreditarmos em nós mesmos, e o que temos que fazer, ao invés de ficar olhando para os países mais ricos, é olhar para a nossa pobreza e saber que nós poderemos acabar com ela quando nossos países se



desenvolverem.

E esta estrada, que é a estrada do desenvolvimento, é a estrada da integração, é a realização de um sonho de muitos, e inclusive meu, que desde muito pequeno ouvia falar numa rodovia interoceânica.

Pois bem, meu querido companheiro e irmão presidente Toledo, quis Deus que você e eu pudéssemos começar esta obra. Nós não sabemos se vamos viver para ver a concretização dela. A única coisa que eu tenho certeza é que não será apenas a felicidade demonstrada pelo povo do Peru, agora, do Brasil e da Bolívia, mas em algum momento alguém escreverá, na História, que foi exatamente neste dia que a Comunidade Sul-americana de Nações e essa sua proposta se consolidou. Não tem volta. Daqui é fazermos outras *carreteras* porque não é possível que não aprendemos com a história. Ou fazemos a integração ou atravessaremos mais um século sendo países de boas perspectivas, mas países pobres.

Por isso, meu querido presidente Toledo, quero terminar minhas palavras dizendo que, de uma primeira conversa que tive contigo, hoje estamos aqui demonstrando que quando o político é sério, conversam seriamente, transformam suas conversas em realidade. E o povo do Peru, certamente, que já tem orgulho de seu Presidente, no futuro terá muito mais motivo para ter orgulho de um presidente que não teve medo de gastar seu dinheiro em um centro tão distante como este. Porque, muitas vezes, é melhor fazer obra onde há desenvolvimento, e nós estamos fazendo obras em uma parte do Peru, e até em uma parte da Bolívia, e também em uma parte do Brasil, que são regiões pobres e que merecem, dos governantes, o mesmo carinho e a mesma atenção que os grandes centros ricos do nosso país.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos e declaração à imprensa, por ocasião da Conferência Latino-Americana contra a Fome Crônica no Marco das Metas do Milênio

Cidade da Guatemala-Guatemala, 12 de setembro de 2005

Depois da assinatura dos protocolos entre os dois governos, eu queria dizer ao presidente Berger que amanhã, quando eu sair da Guatemala para ir a Nova Iorque, sairei com a convicção de que nós estamos apenas dando os primeiros passos para que a América Central e a América do Sul, o Brasil e a Guatemala, possam ter um crescimento excepcional nas suas relações políticas, econômicas, comerciais e culturais.

Eu quero parabenizar os nossos Ministros das Relações Exteriores que fizeram, através da sua assessoria, um trabalho extraordinário para que pudéssemos firmar os acordos que firmamos hoje, aqui.

Eu convidei o presidente Berger para visitar o Brasil no começo do próximo ano e eu espero que possamos assinar novos acordos e estreitar ainda mais as nossas relações.

Quero dizer ao presidente Berger que saio daqui muito mais otimista do que cheguei e com a convicção de que haverá interesse de empresários brasileiros em fazer parcerias com empresários da Guatemala e que haverá ainda mais interesse do Brasil em fazer parcerias com a Guatemala, para que os dois países possam se desenvolver e melhorar a vida do nosso povo.

Uma única exigência: quando o presidente Berger for ao Brasil, que ele leve Rigoberta Menchú para rever os amigos que ela tem no Brasil.

Muito obrigado.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Porta-Voz
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia oficial de chegada à Guatemala**

Cidade da Guatemala-Guatemala, 12 de setembro de 2005

Senhor Oscar Berger, presidente da República da Guatemala,
Senhor Eduardo Stein, vice-presidente da República da Guatemala,
Embaixador Jorge Briz, ministro das Relações Exteriores da República
da Guatemala,

Senhores ministros de Estado da República da Guatemala,
Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,
Senhores ministros de Estado, Patrus Ananias e Luiz Dulci,
Senhores e senhoras integrantes da comitiva brasileira,
Senhoras e senhores embaixadores,
Senhoras e Senhores,

Permita-me, meu caro presidente Berger, dizer que finalmente chegamos à América Central. Já tivemos oportunidade de conversar em outros encontros, e já foi demonstrada à Vossa Excelência a vontade que eu tinha de aperfeiçoar o relacionamento com a Guatemala.

Depois de um trabalho produtivo dos nossos Ministros das Relações Exteriores, nos encontramos aqui na Cidade de Guatemala. E como em todos os países que eu visitei, eu estou convencido de que a relação entre Guatemala e Brasil será outra, a partir deste encontro.

Eu penso que temos muito o que conversar, temos muitas possibilidades



de acordos e, sobretudo o Brasil, que tem uma economia maior que a dos demais países do nosso Continente, tem o compromisso de partilhar com os nossos irmãos da América Latina os seus conhecimentos na área de Ciência e Tecnologia, a capacidade produtiva e tecnológica das suas empresas e o nosso conhecimento na agricultura, para que possamos, não apenas estabelecer parcerias, mas contribuir para que todos os países tenham melhores condições para o seu povo.

Também vamos discutir um assunto extremamente importante e que me emociona toda vez que falo sobre ele, o combate à fome e à pobreza. Daqui a pouco, estaremos conversando e quero lhe contar as boas e bem-sucedidas experiências que temos no Brasil e aprender com Vossa Excelência as experiências bem sucedidas aqui na Guatemala.

Estou certo de que estamos reescrevendo mais um capítulo na já boa relação entre Guatemala e Brasil. Quero terminar afirmando a Vossa Excelência que, ao longo da minha vida política, conheci muita gente da Guatemala, ouvi muitas histórias sobre a Guatemala e hoje estou feliz porque estou num país onde tenho amigos e num país da América Central que pode, definitivamente, mostrar ao mundo que por mais difícil que seja, não tem nada melhor do que vivermos consolidando um processo democrático em nossos países.

Por isso, meus parabéns, Presidente, a Vossa Excelência e ao povo da Guatemala.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento da Conferência Latino-Americana contra a Fome Crônica no Marco das Metas do Milênio

Cidade da Guatemala-Guatemala, 12 de setembro de 2005

Muito me honra, presidente Berger, seu convite para participar do encerramento desta Conferência latino-americana e caribenha sobre o mais elementar dos direitos humanos: o direito à alimentação. Este evento é um marco na história de nossa região.

A fome está deixando de ser apenas um problema dos pobres e famintos. Transforma-se num desafio para nossos governos e nossas sociedades. Passa a ser percebida como uma questão verdadeiramente política.

Nesta conferência, assumimos o compromisso de unir esforços para erradicar esse genocídio silencioso. Estamos dando voz àqueles que sequer têm forças para exigir seus direitos. Estamos desafiando a indiferença dos que não sabem o que é passar fome.

Senhoras e senhores,

Fiz dessa luta meu objetivo de vida, a prioridade maior de meu governo. A fome, em meu país, significa, antes de tudo, exclusão social. É sinônimo de falta de emprego, de renda, de educação, de saúde, de condições dignas para dezenas de milhões de brasileiros. A fome invalida a cidadania que nossas constituições concedem a todos homens e mulheres de nossos países.

Não bastam gestos esporádicos de caridade para aliviar a desesperança de quem não sabe quando - e de onde - virá a próxima refeição.



O Programa Fome Zero, que adotamos no Brasil em parceria com a sociedade civil e mais de 100 ONGs, busca a emancipação cidadã, habilitando todos a viver do fruto do próprio trabalho. Ele articula um conjunto de ações governamentais.

Mais do que distribuir alimentos, estamos fortalecendo a agricultura familiar, estimulando a formação de cooperativas, criando infra-estrutura, gerando empregos formais e dando acesso à educação nutricional. Com incentivos fiscais, microcrédito e seguro agrícola, parcerias com empresas e entidades, estamos assegurando condições de competitividade ao pequeno produtor.

O conjunto de ações que integram o Fome Zero é, pois, parte central de uma grande transformação em curso no Brasil. Ele demonstra que, com vontade política, a fome pode ser derrotada.

O Programa Fome Zero tem no Bolsa Família seu principal instrumento. Ele garante renda mínima a 7 milhões e meio de famílias. Nossa meta é atingir até o fim de 2006 todos os brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza. Estamos transferindo não apenas renda, mas o direito à educação e à saúde.

Esse benefício supõe que as famílias se responsabilizem pela frequência escolar de seus filhos e acompanhamento da saúde das gestantes e das crianças. Em dois anos e meio, enfrentando enormes desafios econômicos, realizamos uma importante transformação social. Ela foi obra do governo e da sociedade.

No começo de meu governo a agricultura familiar recebia créditos equivalentes a 1 bilhão de dólares. Hoje recebe 3 bilhões de dólares. Até julho de 2006 estarão disponíveis o equivalente a 4 bilhões de dólares. O campo, que sempre alimentou os demais brasileiros, deixará de ser uma terra de famintos.

Esses processos de transferência de renda e de apoio aos pequenos produtores ajudam a explicar a reversão por que está passando a economia



brasileira, há mais de duas décadas em recessão ou crescimento medíocre.

Demos passos importantes para a constituição de um grande mercado de bens de consumo de massas, essencial para quem quer entrar definitivamente na rota do desenvolvimento.

Minhas senhoras e meus senhores,

Um sentimento ganha adeptos em todo mundo. Quero ser um de seus porta-vozes. O relatório Sachs, lançado pelo secretário-geral Kofi Annan, afirma ser possível varrer a pobreza extrema da face do planeta até 2020.

Ainda nesta semana, na Cúpula de Nova York sobre a Implementação das Metas do Milênio, vamos reafirmar o compromisso selado por mais de 100 países na Declaração de 2004 sobre uma Ação contra a Fome e a Pobreza.

Vamos nos comprometer a saciar a fome de 300 milhões de pessoas até 2015 e evitar que, a cada sete segundos, uma criança morra de desnutrição.

Vamos declarar que os mecanismos financeiros inovadores de combate à fome não são mais um tabu e hoje ganham espaço na agenda das Nações Unidas, do Banco Mundial, do FMI e do G-8. Sabemos que, sem gerar recursos novos, de forma regular e confiável, não cumprimos essas metas.

Com base numa proposta do presidente Chirac, apoiada pelo presidente Lagos e por vários chefes de Estado europeus, vamos lançar em Nova York o projeto-piloto de uma pequena contribuição solidária sobre a emissão de bilhetes aéreos internacionais. Determinei examinar a melhor forma de implementar essa contribuição no Brasil. Será um primeiro passo.

Apresentaremos também às Nações Unidas sugestões concretas para reduzir os custos das remessas de emigrantes a seus países de origem. Queremos que os 46 bilhões de dólares anualmente remetidos para a América Latina, Caribe e África cheguem integralmente a seus destinatários. Ajudarão a gerar renda e empregos para as famílias daqueles que deixaram o lar e a pátria em busca de melhores oportunidades.

Companheiras e companheiros latino-americanos,



Estimam-se em dezenas de bilhões de dólares os custos diretos da fome mundialmente. O mundo gasta quantias ainda mais vultosas para proteger-se de inseguranças e instabilidades, o que é potencializado pelo ciclo vicioso de pobreza, injustiça e violência.

Faz mais sentido empregar esses recursos na eliminação de suas causas. Faz mais sentido investir na cooperação solidária e esclarecida.

Necessitamos de um sistema de comércio internacional mais justo e equitativo. Os escandalosos subsídios concedidos aos agricultores dos países industrializados somam 300 bilhões de dólares. Com um adicional de 50 bilhões de dólares anuais seria possível cumprir as Metas do Milênio.

É uma luta que estamos travando nas negociações da Rodada de Doha da OMC e para a qual precisamos, países latino-americanos e caribenhos, estar unidos e sintonizados.

Contamos, desde já, com o compromisso dos países industrializados de destinar 0.7% do PIB para a ajuda ao desenvolvimento.

Todas essas iniciativas e propostas objetivam fomentar um clima de solidariedade internacional, que ajude os países mais pobres a quebrar o eterno ciclo de vulnerabilidade, dependência e mais pobreza.

É esse o desafio que une a comunidade latino-americana em torno do Haiti. O Brasil aceitou o comando da Missão das Nações Unidas nesse país irmão para que não se repitam fracassadas experiências passadas. Não basta restabelecer transitoriamente a paz e a segurança. Estamos engajados em projetos emergenciais de saúde, saneamento e cooperação técnica que ajudarão a trazer melhorias palpáveis e confiança duradoura.

Por isso, julgamos fundamental a urgente liberação dos recursos prometidos pela comunidade internacional para a recuperação física e econômica do país.

Os preparativos para a realização das eleições gerais de novembro são a melhor indicação de que a esperança está prevalecendo no Haiti. Nosso êxito



demonstrará que a união de esforços dos países em desenvolvimento é capaz de encontrar resposta solidária por parte da comunidade internacional.

Caros Colegas,

Um ilustre geógrafo brasileiro, meu conterrâneo Josué de Castro, já na década de 50, denunciava a fome como um flagelo fabricado pelos homens, contra os homens.

Quero convidar todos aqui presentes a fazer da luta contra a fome e a pobreza, em suas múltiplas dimensões, um compromisso ao mesmo tempo pessoal e universal, um projeto de vida coletivo.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de encerramento da reunião dos Chefes de Estado e de Governo dos países do Sistema de Integração Centro-Americana (Sica) e do Brasil

Cidade da Guatemala – Guatemala, 13 de setembro de 2005

Excelentíssimo senhor Oscar Berger, presidente da República da Guatemala,

Excelentíssimos senhores Chefes de Estado e de governo dos países membros do Sistema de Integração Centro-Americana-SICA,

Senhores Chanceleres,

Empresários,

Ministros dos países da América Central e do Brasil,

Meus amigos e minhas amigas,

Antes de ler o meu pronunciamento queria dizer ao presidente Berger que daqui a pouco vou a Nova Iorque, mas queria agradecê-lo pelo convite de visitar a Guatemala e poder trazer comigo empresários brasileiros com experiências de investimento em muitos países do mundo.

Com essa viagem à América Central eu penso que já cumprimos um ciclo no planeta. Começamos pela América do Sul, África, Oriente Médio, Ásia, Europa, América do Norte e, agora, América Central. E fazemos isso porque acreditamos que neste mundo globalizado não há tempo a perder. Não tem como governantes e empresários ficar sentados nos seus gabinetes esperando a visita de um possível comprador ou de um possível vendedor.



Este século XXI será o século da ousadia, o século da competência, o século em que nós temos que afirmar um ditado popular do meu país: “quem não é o maior tem que ser o melhor”.

Por isso, essa relação pressupõe troca de conhecimentos. Pressupõe entendermos que nós não temos o direito de repetirmos no século XXI os mesmos erros que cometemos no século XX ou no século XIX.

Eu penso que a humanidade, sobretudo a parte mais pobre da população, está à espera de que sejamos mais criativos, de que sejamos mais ousados e consigamos tornar realidade todos os sonhos que a cada eleição prometemos aos povos de nossos países.

Por isso, presidente Berger, muito obrigado por essa oportunidade de visitar a América Central, de visitar o seu país. Eu desconhecia muito a América Central quando era oposição, porque tenho muitas relações políticas nesse mundo. Mas, como Chefe de Estado é minha primeira visita. Gracias.

Quero cumprimentar os empresários aqui presentes. Os brasileiros e os empresários da América Central. Saúdo o entusiasmo com que todos responderam ao convite para participar deste encontro sem precedente. Este é um momento especial para iniciar nova e ambiciosa parceria econômica, comercial e de cooperação entre o Brasil e o Sistema de Integração Centro-Americano – SICA.

O comércio exterior brasileiro passa por uma fase excepcional. Cresce muito acima do comércio mundial. Em 2004, exportamos 100 bilhões de dólares, desempenho inédito em nossa história. Os dados parciais de 2005 indicam que essa tendência veio para ficar. Nos últimos doze meses, chegamos a 110 bilhões de dólares. Neste ano batemos recordes de crescimento todos os meses.

Estamos diversificando nossas exportações e conquistando novos mercados. Nossas empresas estão buscando novos horizontes. Nossas importações não ficam atrás. No ano passado, alcançaram 63 bilhões de



dólares. Este ano serão maiores, tendo em vista o crescimento sustentado da economia brasileira.

Queremos estender esse dinamismo para o comércio com os países do SICA. Em 2004, as trocas entre o Brasil e os parceiros centro-americanos atingiram 1,4 bilhão de dólares - menos de 1% do comércio exterior brasileiro. As exportações do Brasil para a região totalizaram 1 bilhão e 300 milhões, e as importações foram de 105 milhões de dólares. Os números são claros: estamos muito aquém do nosso potencial e temos de corrigir esse desequilíbrio na balança comercial.

E assim, Presidente, quero afirmar que, por mais que o Brasil queira crescer as suas exportações, temos consciência de que é preciso haver um equilíbrio na balança comercial. Nós precisamos vender, mas precisamos comprar, porque todos os países têm o direito de crescer, gerar divisas, gerar empregos e fazer distribuição de renda.

Um dos principais instrumentos ao nosso alcance para estimular o aumento das trocas é a negociação do acordo de livre comércio entre o Mercosul e o SICA. Uma das características dos acordos que o Mercosul tem assinado com outros países da região é o reconhecimento, sempre que cabível, de assimetrias. O acordo de livre comércio entre SICA e os Estados Unidos também oferece oportunidades e estímulo adicional para investimentos brasileiros nos países da região.

Estou seguro de que todos os empresários aqui presentes partilham a expectativa de que a Rodada de Negociações de Doha reduza os entraves arbitrários à expansão do nosso comércio.

Todos ganharão com a redução dos subsídios e barreiras tarifárias aplicadas pelos países desenvolvidos. O G-20, que o Brasil ajudou a criar, e que tem coordenado até hoje, é uma força nas negociações que não pode mais ser desconhecida.

É motivo de alegria constatar a presença ativa de um país centro-



americano - a Guatemala - nas atividades do G-20, como na recentíssima reunião ministerial no Paquistão.

A percepção de que competimos pelos mesmos mercados não deve impedir que juntemos esforços para assegurar um comércio internacional mais justo e equilibrado.

Senhoras e senhores,

Nossos governos estão fazendo a sua parte. Contamos com a ousadia e empenho de vocês, empresários, para fazer chegar novos investimentos brasileiros nos países centro-americanos. É esse o sentido do Programa de Incentivo a Investimentos Brasileiros na América Central e Caribe.

Sei que empresas brasileiras do setor têxtil já estão desenvolvendo estudos para a instalação de novas fábricas na região. Iniciativas como essa garantirão a geração de empregos e a criação de renda.

A cooperação técnica também é fator de estímulo para novos empreendimentos. Os programas brasileiros de combustíveis renováveis, como o Etanol e o Biodiesel, são alternativa energética para a América Central. O Brasil está pronto a compartilhar uma tecnologia inovadora e limpa. Além de reduzir a emissão de gases poluentes, gera postos de trabalho no campo e valoriza a agricultura familiar.

Quero agradecer o apoio dos homens de negócio brasileiros ao fortalecimento das relações econômicas com o SICA. A presença empresarial, em feiras e missões comerciais, como esta, complementa o trabalho do governo.

Atuando em conjunto, seremos capazes de gerar novos negócios e criar novas oportunidades, em benefício do desenvolvimento de nossos países e do bem-estar de nossos povos.

Muito obrigado e boa sorte.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de abertura da Reunião de Alto Nível da Assembléia Geral das Nações Unidas (Metas do Milênio)

Nova Iorque-EUA, 14 de setembro de 2005

Senhor Presidente,

Senhores Chefes de Estado,

Para Josué de Castro, brasileiro e cidadão do mundo, “a fome” é expressão biológica de males sociológicos”. Ela é um flagelo fabricado pelos homens, contra os homens. Essas idéias guardam atualidade. Fiz do combate à fome prioridade de meu governo. É luta que expressa desafio maior: promover o desenvolvimento com justiça social e democracia política.

Em 2004 organizei, junto com meus colegas da França, Chile e Espanha, reunião de alto nível para promover Ação Internacional contra a Fome e a Pobreza. Sessenta Chefes de Estado e de Governo e mais de 100 delegações responderam positivamente.

Hoje damos continuidade a um debate iniciado na Cúpula do Milênio. Estamos trabalhando para que as Metas do Milênio sejam alcançadas. O relatório Sachs mostra que esses objetivos são possíveis.

O debate sobre fontes inovadoras de financiamento do desenvolvimento deixou de ser tabu. A ONU trouxe o tema para o centro de sua agenda. O BIRD, o FMI e o G8 sensibilizaram-se para a questão.

Este debate e os eventos paralelos relacionados às Metas do Milênio refletem a força da mobilização.

Para cumprir aqueles objetivos a comunidade internacional necessita engajar-se. Ir mais rápido. Passar da palavra à ação. Aprofundar parcerias entre governos, empresários e sociedade civil.

No ano passado, sugerimos mecanismos para obter recursos adicionais,



que permitissem ajuda mais eficiente, em bases estáveis e previsíveis.

Este ano, o grupo técnico, mais Alemanha e Argélia, discutiu iniciativas de curto prazo. Caminhamos para a execução de projetos-piloto em torno de algumas dessas idéias. Apóio a proposta de meu amigo Chirac, de uma contribuição solidária sobre passagens aéreas. Sei que outros países, como o Chile, já adotaram essas idéias.

No Brasil, determinei que meu Governo apresse estudos para que a medida possa ser colocada em prática. Esse mecanismo arrecadará recursos significativos.

Mais importante será seu efeito de demonstração. Com criatividade e solidariedade, seremos capazes de encontrar fórmulas inovadoras para o combate à pobreza extrema.

Iremos propor à Assembléia-Geral a redução dos custos das remessas internacionais dos emigrantes. Queremos que elas cheguem integralmente a seus destinatários. Isso ajudará a gerar renda e emprego para as famílias daqueles que deixaram o lar em busca de oportunidades.

Senhor Presidente,

Estou convencido de que a contribuição maior do Brasil à erradicação da fome no mundo é o esforço inédito que estamos fazendo no nosso próprio país. As ações que integram o Fome Zero são parte de uma grande transformação em curso no Brasil.

Contribuem para realizar cinco dos oito objetivos do Milênio. Transferimos não apenas renda, mas o direito à educação e à saúde.

Condicionamos o benefício à freqüência escolar e ao acompanhamento da saúde das gestantes e das crianças.

O Brasil contribui para a superação da pobreza e das desigualdades, quando promove discussões sobre a necessidade de maior equilíbrio e justiça no comércio internacional.

Escandalosos subsídios aos agricultores dos países industrializados



representam seis vezes o adicional de 50 bilhões de dólares necessários anualmente para cumprir as Metas do Milênio.

Neste mundo turbulento e inseguro em que vivemos, estou convencido de que a erradicação da fome é condição indispensável para construir uma ordem internacional estável e pacífica.

A hora de agir é agora.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião de cúpula dos países membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas

Nova Iorque-EUA, 14 de setembro de 2005

Senhor Presidente,

Desejo congratular-me com Vossa Excelência pela iniciativa de convocar esta reunião, em um momento crucial para o futuro das Nações Unidas.

Intensificam-se os esforços para fortalecer a ONU e seus órgãos principais. Precisamos adequar o Conselho de Segurança às exigências políticas e econômicas de um mundo em profunda transformação.

Esta é a terceira reunião de Cúpula do Conselho em 60 anos de existência. Em 1992, os chefes de Governo dos países membros do Conselho se reuniram para celebrar o fim do confronto leste-oeste e os novos horizontes que se abriam para uma ação efetiva em favor da estabilidade internacional. Havia motivos para confiar no futuro da segurança coletiva.

Em 2000, o Encontro de Cúpula coincidiu com atos de brutal violência movidos pela intolerância racial e religiosa.

Buscava-se aprender as lições das guerras civis na ex-Iugoslávia e em Ruanda para recuperar a capacidade da Organização de conter abusos maciços aos direitos humanos.

Hoje, estamos confrontados a ameaças cada vez mais complexas. Os dois projetos de resolução sobre a mesa são uma tentativa de dar resposta a esses desafios.

Atos bárbaros de terrorismo continuam sendo perpetrados contra inocentes e indefesos. O combate a esse flagelo exige firmeza. Mas não o



derrotaremos apenas pela repressão. Precisamos evitar que o terrorismo crie raízes em meio à desesperança. Temos de rejeitar o preconceito e a discriminação, sob qualquer disfarce ou pretexto.

No combate à violência irracional nossas melhores armas são a cultura do diálogo, a promoção do desenvolvimento e a defesa intransigente dos direitos humanos.

Senhor Presidente,

O Conselho deve continuar a dedicar também amplo espaço em sua pauta às questões africanas. Nos 14 países africanos que já visitei e nos numerosos contatos em Brasília com lideranças do Continente, pude comprovar o importante progresso institucional e econômico em curso na região.

A decidida vontade política de suas lideranças de superar os conflitos do presente e lidar com a herança de um passado de dependência tem sua melhor expressão na criação da União Africana.

Esse exemplo merece ser acompanhado por todas as regiões que almejam integrar-se de forma soberana e pacífica na comunidade internacional. No Haiti, a América Latina quer demonstrar que as Nações Unidas não estão condenadas a simplesmente recolher os destroços dos conflitos que não puderam evitar.

A Missão de Estabilização das Nações Unidas está oferecendo um novo paradigma de resposta aos desafios da solução dos conflitos e da reconstrução nacional. Estamos contribuindo para a estabilização duradoura do país – sem truculências ou imposições.

Estamos estimulando o diálogo e apoiando a reconstrução institucional e econômica.

O estabelecimento de uma Comissão de Construção da Paz mostra que a comunidade internacional partilha essa mesma visão.

Uma melhor coordenação entre o Conselho de Segurança e o ECOSOC



assegurar que situações como as do Haiti ou da Guiné-Bissau recebam tratamento adequado. São crises profundas de sociedades que buscam reencontrar o caminho do desenvolvimento. Nessas questões, a ação das Nações Unidas é insubstituível. É o caso do conflito no Oriente Médio, onde questões políticas sensíveis precisam ser equacionadas com credibilidade e transparência. Com esse espírito, o Brasil apóia os esforços do “quarteto” para implementar o Mapa para a Paz.

Senhor Presidente,

O projeto de reforma das Nações Unidas, hoje em discussão, é indissociável da atualização do Conselho de Segurança.

Sua agenda, cada vez mais ampla e ambiciosa, implica responsabilidades diversificadas, muitas vezes em áreas não previstas pela Carta. Não é admissível que o Conselho continue a operar com um claro déficit de transparência e representatividade.

A boa governança e os princípios democráticos, que valorizamos no plano interno, devem igualmente inspirar os métodos de decisão coletiva e o multilateralismo.

Temos diante de nós uma oportunidade histórica para ampliar a composição do Conselho de forma eqüitativa.

Para a maioria dos países membros da ONU, isto significa aumentar o número de membros permanentes e não-permanentes, com países em desenvolvimento de todas as regiões, nas duas categorias.

Senhor Presidente,

Estou convencido de que não haverá um mundo com paz e segurança enquanto 1 bilhão de pessoas forem oprimidas pela fome. Quero insistir que este mal é a mais devastadora arma de destruição em massa. A fome e a pobreza afetam a capacidade de trabalho, as condições de saúde, a dignidade e as esperanças. Desagregam famílias, desarticulam sociedades, enfraquecem a economia. Desatam um círculo vicioso de frustração e indignidade, que é



terreno fértil para a violência, as crises e conflitos de toda ordem.

Reitero que o Brasil deseja que este Conselho continue a ser o foro multilateral por excelência para a promoção da paz e da segurança internacional, papel maior que lhe reserva a Carta das Nações Unidas.

O Brasil assume plenamente suas responsabilidades na promoção das reformas necessárias ao fortalecimento desta instituição, que deve estar no centro das complexas decisões que o momento histórico exige.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião de Alto Nível da Assembléia Geral das Nações Unidas (Metas do Milênio)

Nova Iorque-EUA, 15 de setembro de 2005

As Metas do Milênio constituem uma notável conquista do humanismo contemporâneo. Sua aprovação representou, sem dúvida, uma vitória dos valores de solidariedade humana sobre as doutrinas então predominantes no mundo, de indiferença moral e omissão política perante os excluídos.

Elas refletem, pois, um estágio superior da nossa consciência coletiva. Baseiam-se na convicção de que devemos combater as desigualdades, respeitando e valorizando as diferenças.

Expressam uma visão substantiva de democracia, segundo a qual os direitos políticos, para serem efetivos, são indissociáveis dos direitos econômicos, sociais e culturais.

Afirmam a necessidade de expandir a produção de riquezas, mas universalizando os seus benefícios; e de fazê-lo sem eliminar as fontes da vida, mas protegendo-as e renovando-as.

O que exigirá, com certeza, uma nova relação, mais criativa e responsável, dos seres humanos com a natureza e consigo mesmos. As Metas traduzem, enfim, o ideal civilizatório da paz fundada na justiça.

Não poderia haver objetivos mais justos e pertinentes, nosso desafio é o de concretizá-los. Para isso, não bastam mecanismos e procedimentos de rotina.

Na maioria dos países, as Metas simplesmente não serão cumpridas se persistirem os atuais modelos de financiamento e os limitados fluxos de ajuda. Temos de agir com maior presteza e ousadia.

É preciso ampliar, e muito, os recursos disponíveis para combater a



pobreza e a fome, oferecendo oportunidades de desenvolvimento aos países pobres. Se os países desenvolvidos tiverem a devida lucidez estratégica, perceberão que essa nova atitude, esse esforço adicional, mais do que justo, é absolutamente necessário. Sem ele, temo que a segurança e a paz mundiais se tornem uma quimera.

Senhoras e Senhores

Tenho dito sempre, e faço questão de repetir, que cada um de nossos países deve fazer a sua parte. Temos nos empenhado em realizar no Brasil as mudanças que propomos no plano internacional, sem qualquer pretensão de ditar modelos, mas com tremendo entusiasmo e determinação política.

Adotamos as Metas do Milênio como referência obrigatória para as nossas políticas públicas. Criamos, inclusive, um prêmio nacional para valorizar as melhores experiências de solidariedade social, sejam de governos locais, de igrejas, de empresas ou de movimentos populares.

Assinalo brevemente iniciativas de nosso governo em 4 áreas:

- o combate a Fome;
- o direito ao trabalho;
- a luta pela equidade racial e de gênero; e
- a preservação ambiental.

Hoje, o Programa Fome Zero, que tem no Bolsa Família o seu principal instrumento, já beneficia 7 milhões e 500 mil famílias, cerca de 30 milhões de brasileiros e brasileiras.

Até o final de meu governo, todas as famílias que vivem abaixo da linha de pobreza estarão incorporadas ao programa. O Brasil, afinal, garantirá aos seus filhos o direito de comer todos os dias.

Já avançamos bastante, o que nos credencia a dar passos ainda mais ambiciosos no rumo da justiça social. Fizemos o Brasil voltar a crescer de modo sustentado, com geração de empregos e distribuição de renda. Em 32 meses, criamos 3 milhões e 200 mil novos empregos, sem falar em centenas



de milhares de postos de trabalho gerados na agricultura familiar.

A preocupação com os direitos das mulheres e com a promoção da igualdade racial permeia todas as nossas políticas públicas.

Criamos secretarias especiais, com *status* ministerial, cuja função é justamente a de instigar e estimular a equipe de governo para garantir que isso de fato aconteça.

Exemplifico com algo que me emociona profundamente: negros e índios pobres, oriundos da escola pública, agora podem entrar na universidade, graças ao nosso programa de cotas étnicas e de apoio financeiro aos alunos carentes.

Um exemplo mais:

- abolimos uma discriminação anacrônica que pesava sobre as trabalhadoras rurais na reforma agrária, a titularidade da terra era só dos maridos. Agora é dos maridos e das mulheres. O crédito à agricultura familiar era só para os homens, agora passou a ser também para homens e mulheres.

Na área ambiental, entre outros êxitos, destaco com alegria a redução consistente do desmatamento na Amazônia e as novas perspectivas que se abrem para os 22 milhões de habitantes da região com o Plano Amazônia Sustentável, um inovador projeto de desenvolvimento econômico e social ecologicamente orientado.

O Brasil está se transformando num país cada vez mais produtivo e solidário e cada vez mais disposto a somar forças com nações de todos os quadrantes para que as Metas do Milênio sejam de fato atingidas em benefício dos pobres do mundo e de toda a humanidade.

Quero terminar dizendo, senhor Presidente, que não posso deixar de sublinhar um ponto a que me referi, ontem, no meu discurso diante do Conselho: a necessidade urgente de reformar aquele órgão – a fim de torná-lo mais legítimo, mais representativo – sem a qual a ONU não cumprirá o papel histórico que lhe está reservado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Aeroporto Internacional de Maceió – Zumbi
dos Palmares**

Maceió-AL, 16 de setembro de 2005

Meus queridos companheiros e companheiras do estado de Alagoas,

Meu querido companheiro Ronaldo Lessa, governador do estado de
Alagoas,

Meu querido companheiro Renan Calheiros, presidente do Senado,

Meu querido companheiro Walfrido dos Mares Guia, ministro do
Turismo,

Meu companheiro Jaques Wagner, ministro-chefe da Secretaria de
Relações Institucionais,

Senhor Luis Abílio de Sousa Neto, vice-governador do estado de
Alagoas,

Desembargador Estácio Luiz Gama Lima, presidente do Tribunal de
Justiça de Alagoas,

Senadores José Sarney e Teotonio Vilela,

Deputados Federais Arlindo Chinaglia, João Lyra, Renildo Calheiros,
João Caldas,

Deputado, vou falar pelo menos os presentes, deputado Thomaz Nonô.

O João Lyra já citei aqui,

Senhor José Cícero Soares de Almeida, prefeito de Maceió,

Senhor Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Deputados Benedito Lyra, Paulo Fernando, o nosso Paulão,

Senhora Vânia Paiva, prefeita de Rio Largo,



Senhora Roseana Beltrão, prefeita de Feliz Deserto e presidente da Associação dos Municípios de Alagoas,

Meus companheiros e minhas companherias, vocês aí que estão gritando, e quem não está gritando, muito bom dia. É uma alegria imensa estar aqui nesta querida Maceió para conversar com vocês.

A construção de um aeroporto é, para o estado, para o Brasil e para o município, um espécie de cartão de visita, ou seja, qualquer cidadão brasileiro ou cidadã que sair de um outro estado e vier a Alagoas, ou qualquer turista de qualquer país do mundo que vier ao Brasil e a Alagoas, certamente ficará muito mais feliz se a primeira impressão deixada pelo estado for uma boa impressão. Por isso, este aeroporto aqui, não vou dizer que é o mais bonito do Brasil porque o Carlos Wilson, em cada estado que inaugura um, diz que é o mais bonito do Brasil, mas certamente a beleza arquitetônica deste Aeroporto faz jus à beleza turística do estado de Alagoas, faz jus ao que pode servir de atração para que outras pessoas possam visitar Alagoas, porque essa é a impressão que fica: o cidadão desce num aeroporto, é tratado de forma civilizada, tem uma boa praça de alimentação, tem uma cadeira confortável para sentar, tem uma boa arquitetura, é arejado, ou seja, essa pessoa, certamente, será tratada dignamente pelo povo alagoano, que tem um coração como o coração de mãe. Nos hotéis serão bem tratados. E cada um que vier aqui, quando voltar para o seu estado vai pedir para três ou quatro conhecerem Alagoas, conhecerem o aeroporto, e eu acho que isso vai gerar a quantidade de emprego que o companheiro Walfrido dos Mares Guia tanto falou aqui, e que o companheiro Carlos Wilson trabalha com tanto entusiasmo.

Mas eles estavam tão entusiasmados, o Lessa tão preocupado em cobrar coisas do Palocci, e o Walfrido tão entusiasmado para falar do turismo, que eles esqueceram uma obra extremamente importante que era para ter sido anunciada aqui. Ontem, foi confirmado, assinado, protocolado, portanto, o



investimento de 450 milhões no complexo turístico Onda Azul, em Passo do Camaragibe. Já tem, inclusive, licença ambiental e vai gerar 3 mil e 200 empregos nessa região. Essa era a grande notícia que você podia dar, Walfrido, mas ficou aqui preocupado em falar só do turismo e você, Ronaldo...

Agora, antes de entrar na questão do aeroporto, porque já foi falada muita coisa aqui, eu queria apenas dizer para vocês uma coisa que está acontecendo no país, neste momento. O país tem seus percalços políticos, não é a primeira vez, nem será a última, e é bom que seja assim, porque isso vai consolidando o processo democrático no nosso país. As mentiras que foram contadas irão aparecer, as verdades que foram ditas vão ser apuradas, e aqueles que tiverem culpa pagarão pelos erros que cometeram. Essa é a lógica natural da política em qualquer lugar do mundo. Não há por que ficarmos mais ou menos traumatizados. Quem mentiu, vai aparecer; quem fez alguma que seja verdadeira, vai aparecer, e a democracia continuará no seu leito natural para fortalecer este país. Da minha parte, eu tenho a responsabilidade de cuidar para que qualquer que seja a acusação, qualquer que seja a denúncia, contra quem quer que seja, não prejudique os 186 milhões de brasileiros que no fundo, no fundo, são vítimas quando as coisas não dão certo.

E por isso eu poderia dizer, aqui, em Alagoas, para vocês: o Programa Bolsa Família, companheiro Ronaldo Lessa, atende, no estado de Alagoas, 232 mil pessoas. Significa 67% das pessoas abaixo da linha da pobreza neste Estado e significa que, por ano, o estado está recebendo, praticamente, 191 milhões de reais para cuidar da parte mais pobre da população de Alagoas.

Mas o Pronaf, na agricultura familiar, também cresceu aqui. São praticamente 30 mil contratos neste estado e, certamente, este ano vai ter muito mais contratos, porque nós pulamos de 7 bilhões para 9 bilhões na safra 2004, 2005 e 2006, e eu acho que os trabalhadores, os pequenos produtores de Alagoas certamente irão ao Pronaf, porque agora não é apenas a questão do homem, é que a mulher, ela também tem o direito. Independentemente do



seu marido ter feito um contrato, ela vai poder fazer o seu contrato.

Ontem, Ronaldo, eu fui na ONU. Kátia, você que é uma grande baluarte nessa luta, ontem eu fui na ONU e pude constatar que o Brasil é o único país do mundo em que as mulheres estão conquistando tantos direitos, nós aprovamos uma lei que garante que o cartão do Bolsa Família seja entregue à mulher e não ao marido. Não é por desconfiança do marido. É que a mulher, para tratar dos filhos, certamente tem mais responsabilidade do que nós homens, e por isso o dinheiro estará mais garantido e nós sabemos que chegará nas mãos das pessoas.

Mas não é apenas isso. Quando nós criamos o ProUni, Lessa, aqui no estado de Alagoas, nós conseguimos abrir 414 novas vagas para que estudantes da periferia pudessem cursar uma universidade. E vai ser muito melhor agora, quando a gente puder vir aqui assinar o contrato e começar a construir a extensão da universidade federal para Arapiraca que, quando estiver pronta, terá 640 novos alunos.

Eu tenho uma relação aqui, você está falando em Penedo, está falando em Viçosa, eu sei que nós estamos fazendo 43 extensões das universidades federais, tirando-as das capitais e levando-as para as cidades espalhadas por este país. Nós estamos fazendo 32 novas escolas técnicas neste país porque estamos convencidos de que o Brasil não pode ser exportador de soja ou de minério de ferro a vida inteira. O Brasil tem que ser exportador de conhecimentos, de inteligência, e isso só será possível se a gente acreditar na educação. E é por isso que nós estamos fazendo, na educação, o que poucas vezes foi feito no Brasil.

É importante lembrar que, nos oito anos que antecederam o meu governo, foram aprovadas três universidades e foi feita uma, a de Palmas, no estado de Tocantins. Nós vamos fazer, até o final do ano que vem, quatro novas e vamos fazer 32 extensões para que o Brasil possa, definitivamente, dar chance aos seus adolescentes de, ao terminar o ensino básico, ao terminar



o 2º grau, poder entrar numa universidade e se transformar em mão-de-obra altamente qualificada.

Mas tem mais ainda, meu companheiro Renan, o programa Luz para Todos, aqui, no estado de Alagoas. Quem nasceu em Maceió, na principal rua, não sabe o que é o efeito da falta de luz para uma pessoa que mora no sertão ou na periferia, que vive à base do candeeiro. O Programa Luz para Todos, que já atingiu no Brasil 1 milhão e 300 mil pessoas, no estado de Alagoas já atingiu 45 mil e 910 pessoas. Ou seja, nós estamos tirando as pessoas das trevas e estamos levando as pessoas para o mundo civilizado. Somente quem sabe o que é ir se deitar com um candeeiro e acordar com um candeeiro, cozinhar com um candeeiro, costurar com um candeeiro, é que sabe dar valor ao Programa Luz para Todos, que é um grande programa de inclusão social no nosso país.

Mas, voltando à questão do aeroporto, a Infraero, sob a presidência do companheiro Carlos Wilson, tem feito no Brasil o que há muitos anos não se fazia. Nós já inauguramos uma dezena de aeroportos, temos mais uma dezena para inaugurar. Só para vocês terem uma idéia: o aeroporto de Brasília estava interditado há oito anos porque um cidadão fez uma casa próxima ao aeroporto e depois entrou com uma ação no Ministério Público dizendo que ia fazer barulho na casa dele. E hoje, os deputados que chegam em Brasília, muitas vezes têm que ficar 40 minutos ou uma hora sobrevoando o aeroporto porque não tem condições, por causa do tráfego aéreo.

Pois bem, se Deus quiser, todos nós que estamos aqui, ainda sob a presidência do companheiro Carlos Wilson – que algum dia vai ser candidato a alguma coisa lá em Pernambuco – nós vamos inaugurar a segunda pista do aeroporto de Brasília, para transformar Brasília não apenas na capital do Brasil, mas numa cidade que seja a capital da modernidade deste país. Nós não podemos ficar transitando em aeroportos que coloquem em risco a vida das pessoas que vão visitar aquele estado.



Mais ainda, o que nós estamos fazendo em infra-estrutura de estradas neste país. Lamentavelmente, Lessa, nós temos um problema no Brasil. É que no governo passado foi feito um acordo com muitos governadores para que os governadores fizessem as estradas. Em muitos estados que eu tenho visitado, acabou o dinheiro e as estradas não foram feitas. Então, tem governador, Lessa, que fala assim para mim: Presidente, nós vamos devolver a estrada para Vossa Excelência”. Eu falo: tudo bem, me devolva a estrada, mas me devolva o dinheiro também para eu poder fazer, porque o dinheiro, o gato comeu. Na verdade o dinheiro foi utilizado para pagar salário, para pagar 13º. E, agora, nós temos vários estados com problemas.

Então, eu sou franco para dizer: eu nunca botei na minha cabeça que seria possível resolver, em quatro anos, os problemas criados em 500 anos deste país, eu nunca coloquei isso na minha cabeça. Mas quero, da forma mais honrada possível, no dia 31 de dezembro de 2006, poder juntar todos os governadores, juntar os prefeitos, pelo menos através das suas associações, e a Kátia foi da associação. E as pessoas sabem o quê? Aumentou, e muito, a transferência de dinheiro para os municípios e para os estados, há muito e aumentou. Sempre será pouco, porque nós temos uma dívida de décadas, de anos, e temos que pagar essa dívida. Mas aumentou substancialmente.

Os prefeitos, aqui, podem dizer o que aconteceu. Este país, Lessa, passou quatro anos sem gastar um real em saneamento básico. Nós, nos primeiros dois anos, colocamos 14 vezes mais dinheiro do que tinha sido colocado para fazer saneamento básico. Agora, o que acontece, Lessa? Muitas vezes a prefeitura dá entrada, o dinheiro é disponibilizado e se descobre que a prefeitura não tem condições de pegar o dinheiro porque está devendo.

Então, é preciso fazer uma discussão correta de como criar mecanismos mas, meu querido Lessa, se a dívida é injusta ou não, em algum momento os 27 governadores deste país sentaram com o governo passado e fizeram um acordo da dívida. Fizeram um acordo da dívida que todo mundo, eu conheço o



governador que foi, inclusive, autor do acordo e hoje ele reclama que é preciso renegociar a dívida. Eu quero dizer para vocês o seguinte: eu acho que as injustiças que estiverem acontecendo em algum lugar do país, se forem uma coisa excepcional, nós temos que tratá-las dentro da excepcionalidade, temos que tratá-las como coisa emergencial porque, Lessa, apesar das coisas que se fala ou que se escreve – eu acho que aqui deve ter muito economista – não há momento na história política e econômica do país em que a gente esteja vivendo um conjunto de fatores positivos na economia, como estamos vivendo.

O Brasil sempre trabalhou com uma dicotomia muito séria. Quando o Brasil decidia exportar, ele matava o mercado interno; quando o Brasil desistia e fortalecia o mercado interno, matava a exportação; quando o Brasil decidia crescer, a inflação subia. E eu vivi, neste país, o auge do milagre brasileiro, em que a gente tinha pleno emprego, em que a gente trocava de emprego na hora em que quisesse, mas a inflação estava em 17%. Hoje, nós estamos com a economia crescendo, nós estamos com as exportações crescendo, estamos com o mercado interno crescendo, estamos com a dívida, com relação ao PIB, caindo, estamos com os créditos crescendo, estamos com a massa salarial crescendo.

Os companheiros sindicalistas devem ter lido o relatório do Dieese. Há muitos anos, os sindicalistas brasileiros não conseguiam fazer aumento acima da inflação. E agora, 85% deles estão fazendo acordo acima da inflação. O que é mais importante, o emprego está crescendo como nunca cresceu neste país. Este mês, agora, nós chegaremos a praticamente 3 milhões e 400 novos empregos de carteira profissional assinada. Dá uma média de mais de 110 mil empregos por mês, contra 8 mil empregos no governo passado.

Então, o que está caindo, na verdade? A inflação. E o que está caindo, na verdade? Os preços. Aqui, a dona de casa sabe, em 2003, pagava-se num saco de arroz de cinco quilos, 11 reais. E hoje paga-se 6 reais por um saco de arroz de cinco quilos. Significa que está tendo mais comida na mesa do pobre,



significa que a cesta básica, que em julho do ano passado gastava 67% do salário mínimo, está gastando apenas 54%. E vai cair mais, porque nós vamos fazer mais isenção nos produtos da cesta básica.

O que eu quero, na verdade, é criar um país altamente produtivo, mas altamente solidário, em que as pessoas que têm posses, em que as pessoas que já conquistaram a cidadania não tenham medo de ceder um pouquinho daquilo que têm para que a gente possa levar comida à boca daqueles que estão neste país, há muitos e muitos séculos, sendo massacrados; que a gente tenha consciência de que nós, embora sejamos um governo para todos, e este aeroporto é a demonstração disso, nós priorizamos os pobres brasileiros porque eles precisam da reforma agrária, do emprego, do crédito, precisam, efetivamente, que as políticas sejam feitas, voltadas para atender aqueles que mais necessitam, aqueles mais carentes. É assim na vida da gente.

Uma mãe, se ela tem dez filhos e tem um que está fragilizado, ela vai deixar os nove gritarem, mas ela vai atender aquele que está fragilizado, aquele que está fraco. O governo tem que ser assim, nós temos 186 milhões de filhos, tem uma parcela de 45 milhões que tem acesso a bens materiais, que tem emprego, que tem salário, mas tem uma parte que não tem. E é dessa parte que nós precisamos cuidar de forma prioritária, é nessa parte que nós precisamos fazer um certo chamego, porque essa gente precisa sobreviver com dignidade.

E quando nós falamos no nosso governo, Lessa, acabou a palavra “gastar com educação”, que sempre foi utilizada, “não pode fazer isso, porque não pode gastar com educação.” Com educação a gente não gasta, a gente investe, e é o investimento que traz o retorno mais imediato para o nosso país. E estamos fazendo isso porque acreditamos que este país, daqui a dez ou 15 anos, será altamente competitivo, será um país altamente produtivo e será um país que não vai ficar devendo nada a nenhum outro país, a nenhum outro governante de nenhum país do mundo.



Por isso, eu não poderia deixar de vir aqui, não só para inaugurar o aeroporto, por ser aniversário da cidade, mas porque o Renan parece que vai oferecer um almoço para todos nós, em algum lugar, aqui. Não é sempre que alguém completa 40 anos de vida. E o Renan está completando 40 anos de vida. Bom, quarenta, acho que de atividade política, porque em 1978, quando eu vim aqui pela primeira vez, a convite do meu compadre Adelmo, o Renan já era candidato a deputado estadual naquela época, em 1978, imaginem.

Então, eu vim aqui para dizer a você, companheiro Lessa, eu sei que você tem um ano de mandato, um ano e pouco, eu tenho um ano e pouco, e eu sei que nós temos muito por fazer aqui. Este aeroporto é apenas uma demonstração de que nós damos a Alagoas o mesmo tratamento carinhoso que a gente dá aos outros estados. Mas o Nordeste vai ter mais, Lessa, o Nordeste vai ter mais porque o Nordeste vai ter a Transnordestina, porque o projeto do Biodiesel da mamona é preferencial para o semi-árido nordestino, porque a revitalização do São Francisco, eu sei que aqui tem gente contra, é uma necessidade para levar água para 12 milhões e meio de pessoas. E só sabe o valor disso quem carregou um pote de água na cabeça por seis léguas. Quem abriu a torneira e tem água não dá valor a isso. Agora, quem está acostumado a carregar um pote na cabeça ou uma lata de 20 litros na cabeça, por seis léguas, sabe da importância da gente levar água para que o Nordeste brasileiro deixe de ser uma referência de miséria e passe a ser uma referência do desenvolvimento.

Eu disse, Lessa, quanto tomei posse: ninguém fará mais pelo Nordeste do que eu farei. E digo isso não porque sou Presidente da República, digo isso porque vivi e sei o sofrimento e a penúria dessa gente. É uma pena que a gente não tenha o dom de Deus, de fazer as coisas tão rapidamente. Leva mais tempo mas, certamente, Lessa, deixaremos marcas no Nordeste brasileiro, deixaremos marcas para os estudantes, deixaremos marcas para as mulheres, para os homens, sobretudo, para os trabalhadores do campo neste



país, que foram maltratados durante séculos e séculos. Nós vamos fazer com que esses companheiros possam conquistar a sua cidadania.

É com essa concepção de governo que nós estamos tentando levar o Brasil para frente, otimista.

Fique tranqüilo, Lessa, que vai crescer muito mais no ano que vem, fique tranqüilo que você vai receber muito mais este ano ainda, porque a economia está crescendo e isso vai significar mais renda para o estado de Alagoas. Fiquem tranqüilos, prefeitos que estão aqui, porque se vocês têm o privilégio de entregar uma pauta de reivindicações para o Governador me entregar, certamente, se vocês atentarem para os que recebiam os prefeitos antes de vocês, quatro anos atrás, vocês devem falar: “bom, não só estamos recebendo um pouco mais, como certamente o presidente Lula não trata o prefeito como um estranho. Trata um prefeito como um cidadão, como um companheiro.” Eu não moro no Brasil, eu não moro em São Paulo, eu moro numa cidade. Quando terminar o meu mandato, eu vou voltar para uma cidade, eu não vou encontrar mais com o Presidente, eu vou encontrar com o prefeito, eu vou encontrar com os vereadores. É por isso que os prefeitos têm que ser tratados com respeito. E sabem as duas prefeitas, aqui, que já tiveram relações conosco, do carinho e da atenção que nós tivemos com os prefeitos.

No mais, meus parabéns a Alagoas, a Maceió, pelo seu aniversário, ao Renan, ao Lessa por este aeroporto e meus parabéns ao povo de Alagoas. Daqui para a frente, tudo será diferente com este aeroporto bonito.

Um abraço!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do Presidente da República da Áustria, Heinz Fischer
Palácio do Planalto, 19 de setembro de 2005**

Excelentíssimo senhor Heinz Fischer, presidente da República da Áustria,

Senhoras e senhores integrantes das delegações da Áustria e do Brasil,
Senhoras e senhores,

É com grande satisfação que dou as boas-vindas ao presidente Fischer e sua comitiva ao Brasil.

Esta é a primeira visita oficial de um Chefe de Estado austríaco ao continente sul-americano. Ela testemunha a nova visão que Vossa Excelência vem imprimindo à política externa da Áustria. Atesta também a decisão de seu Governo de privilegiar o diálogo e a cooperação com o Brasil.

Estamos hoje renovando laços que antecedem a própria independência brasileira. O casamento de Maria Leopoldina com o futuro Imperador do Brasil selou uma amizade indissolúvel entre nossos povos. Este é o sentimento que estamos celebrando e que nos comprometemos a reafirmar.

Caro Presidente Fischer,

Aprendemos a admirar a atuação internacional da Áustria, que soube combinar neutralidade com coerência de princípios em momentos cruciais da história contemporânea.

Seu país colaborou ativamente para a distensão política durante a Guerra Fria. Manteve diálogo construtivo com o movimento não-alinhado e favoreceu o engajamento Norte-Sul. Com a adesão à União Européia, vem contribuindo para redesenhar o futuro desse continente.



A Áustria abre-se, agora, para novos horizontes de ação. Sua visita ao Brasil representa oportunidade para retomarmos os tradicionais laços de amizade e de entendimento que sempre pautaram nossas relações.

O Brasil aceita com entusiasmo o desafio deste reencontro. Queremos relançar o diálogo político e alcançar níveis de cooperação e comércio condizentes com o potencial de nossos países. Já estamos trabalhando na identificação de interesses comuns e de metas de atuação conjunta.

Precisamos explorar, em benefício de nossas populações, as grandes coincidências de orientação entre nossos Governos. A trajetória política de Vossa Excelência me permite afirmar que estamos, ambos, engajados na consolidação de uma sociedade democrática e plural.

Acreditamos que o desenvolvimento econômico de nada vale se não estiver aliado à justiça social. Vemos na integração regional o caminho para ampliar nossa inserção competitiva na economia global. Estamos comprometidos com o fortalecimento do multilateralismo, a promoção da paz, a defesa dos direitos humanos e a preservação do meio ambiente.

Senhor Presidente,

Os acordos que assinamos hoje inauguram um novo capítulo da relação entre Áustria e Brasil. Nossa cooperação técnica será ampliada para campos estratégicos como os de energias renováveis, desenvolvimento rural, meio ambiente e educação. Estaremos também em condições de executar projetos em benefício de países africanos de língua portuguesa.

O memorando de entendimento entre nossas academias diplomáticas estabelece as bases para o intercâmbio entre dois centros de ensino de excelência e tradição. A cooperação científica e cultural que estamos revitalizando é fruto da mesma admiração e interesse mútuos que motivaram a histórica expedição austríaca que comemorou a vinda da Princesa Leopoldina ao Brasil.

Esperamos implementar projetos inovadores em matéria ambiental.



Queremos aproveitar as possibilidades oferecidas pelo mecanismo de desenvolvimento limpo do Protocolo de Quioto.

Nossos vínculos precisam de alicerces econômicos e comerciais sólidos. Há um grande potencial a ser explorado, e temos o desafio de ampliar e equilibrar o intercâmbio bilateral.

Sua presença no Foro Econômico em São Paulo – em companhia de expressiva delegação empresarial – realçará as oportunidades de negócio. O memorando de entendimento que nossas Câmaras de Comércio adotarão facilitará ainda mais a formação de novas parcerias.

Vivemos um momento de grandes oportunidades econômicas no Brasil, em particular no campo da infra-estrutura. Sabemos do interesse do empresariado austríaco em conhecer melhor o Programa de Parcerias Público-Privadas. Queremos a Áustria como sócia na modernização da base produtiva do Brasil.

Esse mesmo entusiasmo deve prevalecer nas negociações em curso entre o Mercosul e a União Européia. Contamos com a liderança da Áustria, no exercício da presidência de turno do Conselho Europeu, para concluirmos com sucesso nosso acordo bi-regional.

O espírito construtivo que prevaleceu na reunião ministerial de Bruxelas indica que é possível encontrar soluções justas e equilibradas para ambas as partes.

Temos, portanto, motivo para confiar que poderemos assinar o acordo em Viena, em maio de 2006, por ocasião da Quarta Cimeira América Latina e Caribe – União Européia.

Caro Presidente,

Acabamos de regressar de Nova Iorque, onde participamos de uma conferência histórica. Comemoramos os sessenta anos das Nações Unidas e renovamos nosso compromisso de adequá-la aos desafios contemporâneos.

O Brasil conta com a solidariedade da Áustria nas iniciativas que



lançamos nessa ocasião para financiar o combate à fome e à pobreza extrema. A democracia e a justiça social pelas quais tanto lutamos em nossos países não prosperarão se não estiverem ao alcance do conjunto da humanidade.

Senhor Presidente,

Os brasileiros tiveram a felicidade de acolher, nesta terra, um dos maiores humanistas da Áustria e da Europa do século passado. Stefan Zweig fez do Brasil seu segundo lar e nos legou, em seus livros, uma das mais belas expressões de confiança nas potencialidades deste país e de nossa região.

Se estivesse aqui, estou certo de que concordaria que o Brasil está deixando de ser o “País do Futuro”. Estamos realizando, no presente, as enormes possibilidades que ele identificou. Confio que a Áustria seguirá ao nosso lado nessa grande jornada.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar em comemoração aos 50 anos da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein

São Paulo-SP, 20 de setembro de 2005

Meu caro amigo dr. Claudio Lottenberg, presidente da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein,

Senhora Ida Stanfatel,

Dr. José Pinus, presidente do Conselho Consultivo da Sociedade Beneficente Israelita Albert Einstein,

Meu querido companheiro Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes,

Meu querido companheiro José Saraiva Felipe, ministro da Saúde,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República,

Minha querida Marta Suplicy, ex-prefeita de São Paulo,

Meu caro senador Eduardo Suplicy,

Meu caro amigo Henry Sobel, nosso não rabino apenas dos judeus, mas de todos nós, brasileiros,

Meus amigos e minhas amigas membros da Sociedade Beneficente Israelita Albert Einstein,

Senhoras e senhores profissionais da saúde,

Meus amigos e minhas amigas,

Não vou falar nem da Clara, nem do André Singer, porque fazem parte do meu gabinete e, por uma exigência do Cláudio, eu trouxe uma parte dos judeus que trabalham comigo no meu gabinete.



É com grande alegria que participo das comemorações destes 50 anos da Sociedade Beneficente Israelita Albert Einstein. Alegria ainda maior, porque cercado de nomes ilustres de uma comunidade que se destaca por uma paixão que, a meu ver, é a mãe de todas as paixões, talvez o mais belo dentre todos os sentimentos humanos: a celebração da vida. É ela que dá ao ser humano esta capacidade de sorrir e de sonhar, mesmo diante das situações mais singelas. E, ao mesmo tempo, de se indignar com espanto e repulsa, frente à injustiça e a opressão.

Quero cumprimentar a todos os que estão aqui comemorando o cinquentenário de uma entidade cuja obra beneficente reflete justamente esta alegria de viver e esta paixão pelo mais sagrado de todos os direitos, que é o direito a uma vida digna.

Quero lembrar o dr. Manoel Tabacow Hidal, urologista que um dia reuniu um grupo de médicos e empresários para transformar essa paixão num grande hospital em São Paulo, símbolo de união pela vida entre o povo judeu e o povo brasileiro.

Não poderemos esquecer ainda o nome do cardiologista, dr. Jozef Feher, falecido em 1996, outro dos ilustres fundadores do Albert Einstein, que o presidiu por 17 anos.

Tenho também que lembrar do saudoso empresário Leon Feffer, cuja contribuição para esta obra todos reconhecemos.

Quero mencionar também o dr. Reinaldo André Brandt, que presidiu a Sociedade Beneficente Israelita, e o rabino Henry Sobel, na figura de quem quero cumprimentar todos os religiosos aqui presentes.

Quero lembrar que o cientista Albert Einstein, cujo nome inspirou essas iniciativas, esteve no Brasil há exatamente 80 anos. Einstein era também um apaixonado pela vida, e como tal, um otimista que não se deixava abater e que gostava de afirmar, afirmava ele: “no meio de toda dificuldade, sempre existe uma oportunidade, sempre.”



Einstein veio para proferir conferências sobre a teoria da relatividade no Brasil, e no meio de uma agenda agitada encontrou oportunidade para experimentar nosso vatapá com pimenta. Segundo a imprensa da época, provou e aprovou.

Enfim, quero cumprimentar todas as senhoras e senhores representantes desta comunidade alegre e reconhecida justamente pela incrível capacidade de voltar sempre inteira para a vida, como se imitasse a própria primavera depois das piores tormentas e provações.

Creio que essa força explica em grande parte o fato de um hospital como o Albert Einstein ter se transformado nisto que é, uma referência médica em todo o mundo.

Hoje, o Einstein é o principal centro de transplantes hepáticos da América Latina e foi a primeira instituição da medicina mundial a realizar um transplante duplo de rim e de fígado intervivos.

Creio que este trabalho, nascido de uma iniciativa comunitária, merece não apenas ser comemorado. Merece uma reflexão profunda, porque encerra lições oportunas de auto-estima e de solidariedade que são requisitos indispensáveis para qualquer povo superar os seus desafios.

Na verdade, minhas senhoras e meus senhores, e vocês são a prova disso, quando uma comunidade sabe o que quer, ela cria um consenso em torno do bem comum e se torna capaz de mobilizar os recursos indispensáveis à consecução dos seus objetivos, por mais difíceis que eles sejam.

Esta é a grande força que move a aventura humana. Não é a busca cega do interesse particular, mas sim a vontade coletiva expressa nas formas de convivência, que asseguram o direito de todos e garante aos mais humildes o caminho de sua emancipação.

Gostaria de mencionar aqui dois exemplos dessa comunhão de interesses na qual governo e a comunidade israelita participam juntos. Um, é a adesão do Hospital Albert Einstein à rede BrasilCord. Trata-se de uma rede



pública de bancos de armazenamento de sangue de cordão umbilical e placentário, para atendimento especialmente de pacientes portadores de leucemia. A BrasilCord reduzirá em quase 11 vezes o custo de um cordão para transplante da medula óssea.

Outro exemplo dessa parceria é o mutirão que reúne a Confederação Israelita do Brasil – Conib, a prefeitura de Diadema e o Instituto de Responsabilidade Social Albert Einstein. Juntos eles participam de um projeto de desenvolvimento sustentável do município mineiro de Itinga, no Vale do Jequitinhonha, numa iniciativa dentro do grande guarda-chuva social do programa Fome Zero.

Os profissionais do Einstein fizeram o diagnóstico e avaliação nutricional de 1.300 crianças dessa região, que é uma das mais pobres do Brasil. O que se constatou ali é que 73% das crianças com até dois anos de idade sofriam de anemia. Um trabalho como esse, é excelente, poderia servir de exemplo para muitos e merecer ter continuidade e quem sabe consigamos convencer outras organizações da sociedade a trabalhar nisso.

Eu acredito que sem essa convergência de interesses, entre o governo e sociedade, entre setor público e setor privado, entre o desenvolvimento econômico e desenvolvimento social, não há comunidade possível porque não há valores compartilhados.

Não há nação possível, porque não há consenso político nem ético; não há política possível para a infância, porque não há futuro comum; e não há proteção ao idoso, porque a memória do passado não cabe no individualismo do presente.

Na rotina sobressaltada das últimas décadas, nós todos aprendemos essa lição. Deixada à própria lógica, a economia enfraquece as estruturas integradoras da sociedade e cria ilhas de excelência num oceano de desigualdades.

Por isso, o compromisso deste governo tem sido sempre o de colocar a



justiça social como princípio orientador da economia e da vida democrática brasileira. Creio que avançamos nessa trajetória.

Vou citar muito resumidamente, em primeiro lugar, o que fizemos na área da saúde, onde estamos investindo 430 milhões de reais só na ampliação dos programas de saúde da família e os agentes comunitários de saúde.

Até junho, já havíamos criado 5 mil 833 novas equipes de saúde da família, totalizando 22 mil 683 equipes em ação em todo o país, com uma novidade, criamos também 6 mil 308 equipes de saúde bucal espalhadas em 60% dos municípios brasileiros. Investimos 120 milhões de reais na criação de 94 centrais de atendimento móvel de urgência que operam 910 ambulâncias com suporte básico e equipamento de UTI, disponíveis em 610 municípios do país e suas respectivas microrregiões.

Na capital paulista e no interior do estado de São Paulo, 211 ambulâncias encontram-se em operação. Abrimos 2 mil 260 novos leitos de UTI e entregamos 5 milhões e 900 mil medicamentos em 39 farmácias populares, sendo que outras 176 estão em implantação.

Idêntico esforço acontece em várias outras frentes associadas diretamente à melhoria da saúde e do nível de vida da população. Pela primeira vez, em mais de 20 anos, o Brasil tem estabilidade econômica com crescimento produtivo e expansão de oportunidades. Tem crescimento com geração de empregos e inclusão social. E isso faz toda a diferença no nosso país.

Já foram gerados, em dois anos e oito meses, mais de 3 milhões e 380 mil empregos com carteira profissional assinada, perfazendo uma média de 104 mil empregos criados a cada mês do nosso governo.

O Brasil dispõe hoje de um alicerce muito mais sólido para planejar o seu futuro. Em que pesem as limitações, estamos mais fortes agora do que antes e amanhã seremos melhores do que hoje.

Milhões de brasileiros e brasileiras estão tendo a oportunidade, graças



às iniciativas do governo e da sociedade, de participar mais ativamente desse novo ciclo virtuoso. É o caso, por exemplo, do ingresso do sistema bancário com a abertura de mais de 6 milhões de contas correntes simplificadas, ou da facilidade na obtenção de empréstimos para consumo e produção, como o crédito consignado e os empréstimos para a agricultura familiar.

Milhões de famílias que vivem abaixo da linha da pobreza e ainda dependem do apoio do governo para sobreviver, estão sendo atendidas pelo Fome Zero, que têm no Bolsa Família o seu instrumento mais amplo.

Em junho, este programa de transferência de renda já estava presente em todos os municípios brasileiros beneficiando 7 milhões e 700 mil famílias e até o final do ano chegará a 8 milhões e 700 mil famílias. Além disso, o programa Fome Zero está criando alternativas para que as famílias tenham renda própria através da aquisição de alimentos dos pequenos agricultores, da reforma agrária de qualidade e de incentivo à produção, entre tantas outras alternativas.

Quero terminar dizendo às senhoras e aos senhores que essas políticas foram inspiradas nos mesmos valores que levaram a comunidade israelita a construir uma obra que orgulha seus filhos e serve de exemplo para o Brasil. Esses valores formam uma convicção humanista profunda. O que ela nos diz é que uma sociedade se define pela atenção que dispensa aos seus agrupamentos mais frágeis, pela forma com que trata seus doentes, pelo respeito aos seus idosos, pela proteção dispensada às suas crianças e a solidariedade que empresta aos lares mais singelos.

A obra da Sociedade Israelita Albert Einstein, sem dúvida, honra essa tradição solidária e humanista. E é ela também que tem pautado nosso projeto de desenvolvimento. Hoje, com a mesma tenacidade que ontem, agora, no governo, com mesma convicção de toda a nossa vida.

Parabéns a essa comunidade magnífica que elegeu a vida como a sua grande celebração, desejando-lhe desde já um Feliz Ano Novo de 5.766, que



será comemorado nos próximos dias.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da 2º Conferência Mundial do Café**

Salvador-BA, 24 de setembro de 2005

Excelentíssimo senhor Álvaro Uribe, presidente da Colômbia,
Senhor Paulo Souto, governador do Estado da Bahia,
Senhor Nestor Osorio, diretor-executivo da Organização Internacional do
Café,

Ministros de meu governo que estão participando deste evento,
Meu caro prefeito João Henrique,
Meu caro Presidente da Assembléia,
Ministros dos países produtores e consumidores, que estão participando
deste Encontro,
Deputados federais,
Deputados estaduais,
Delegados e delegadas desta II Conferência Mundial do Café,
Embaixadores aqui presentes,
Jornalistas,

Depois eu falarei do convite do presidente Uribe, no final. É uma dupla
alegria estar na bela e histórica cidade de Salvador e, ao mesmo tempo,
receber o mundo do café na Segunda Conferência Mundial promovida pelo
Brasil em parceria com a Organização Internacional do Café.

A presença de chefes de Estado, ministros, representantes de governos,
da política, da indústria, da agricultura e da comunidade acadêmica, confirma a
relevância econômica e a oportunidade estratégica deste extraordinário



Encontro.

Devo confessar que o tema café não me motiva apenas como Chefe de Estado. Sou um confesso e contumaz apreciador dessa bebida reconfortante, que se incorporou à cultura brasileira como símbolo indissociável da hospitalidade e da cordialidade do povo brasileiro.

Todos sabem que não há uma casa, por mais pobre que seja, um brasileiro ou uma brasileira, que não nos ofereça um cafezinho a qualquer hora que chegarmos: de dia, de madrugada ou à noite. O cafezinho está para o Brasil assim como a cerimônia do chá para o Japão.

Não há exagero em dizer que o Brasil só amanhece depois que o aroma do café invade nossos lares e aguça nossos sentidos. Aqui, o cafezinho coroa desde as refeições mais humildes até as mesas mais fartas; sela amizades; festeja encontros; repõe a energia do corpo e ainda tempera as nossas emoções.

Não por acaso somos o maior produtor mundial do grão e caminhamos, também, para conquistar o posto, hoje ocupado pelos Estados Unidos, de maior consumidor de café do planeta.

Em nome do café, do Senhor do Bonfim, que abençoa esta cidade, e do povo brasileiro, eu quero dar as boas-vindas a todos que vieram de outros estados brasileiros mas, sobretudo, boas-vindas àqueles que atravessaram oceanos para chegar a este Encontro.

Tenho a certeza de que expresso aqui, também, o sentimento do governo da Bahia e da Prefeitura de Salvador, que tudo fizeram para que a cidade lhes proporcionasse a acolhida dispensada aos seus hóspedes mais ilustres.

Minhas senhoras e meus senhores,

Este é o momento estratégico para discutir o futuro da bebida mais popular do mundo. Vivemos uma travessia em busca de um maior alinhamento mundial entre a oferta e a demanda, que assegura um novo ciclo de



recuperação dos preços. Não podemos, todavia, nos iludir. O desequilíbrio estrutural do mercado se arrasta por quase um século. Uma nova dinâmica favorável aos produtores somente irá se consolidar quando forem corrigidas as assimetrias internas de um negócio que movimenta mais de 90 bilhões de dólares por ano.

O café é a segunda mais importante commodity do planeta, atrás apenas do petróleo. Ele tem, porém, uma grande diferença em relação ao combustível: sua produção agrega um imenso contingente de pequenos agricultores concentrados, justamente, nas economias que lutam pelo direito do desenvolvimento.

Setenta por cento do café colhido no mundo vem de propriedades com menos de 10 hectares. Elas estão espalhadas por 60 países e reúnem mais de 25 milhões de pessoas na ampla faixa tropical e subtropical do globo. Ou seja, a produção se concentra onde o século XXI assistirá ao êxito ou ao fracasso da luta contra a fome e a pobreza.

Mais do que o desafio de uma lavoura, portanto, a reordenação do mercado internacional do café é um capítulo da luta por um comércio mundial mais justo. Para muitas nações representadas aqui a reordenação desse mercado pode significar a diferença entre a dignidade e a miséria de boa parte do seu povo.

Em Uganda, segundo o Banco Mundial, o café é a principal fonte de sobrevivência para mais de 25% da população; na Etiópia, contribui com 54% da receita das exportações; em Ruanda, assegura 31% das divisas do país; na Índia, emprega 3 milhões de trabalhadores; no México, congrega 280 mil das famílias mais pobres do estado de Chiapas, Vera Cruz e Puebla; na Colômbia, são exatamente as regiões cafeicultoras mais prósperas as que se mostram menos vulneráveis a conflitos violentos.

Dirigentes de entidades de agricultores familiares de muitos desses países se encontraram esta semana aqui em Salvador, em um evento paralelo



que conta com a participação da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, que representa os nossos agricultores familiares. Esses pequenos produtores que tiram do café o sustento de suas famílias são responsáveis por 54% de nossa produção cafeeira.

Ao todo, no Brasil, a cadeia do café garante uma receita nacional de 2 bilhões de dólares e ocupa 8,4 milhões de pessoas. Nossos cafezais estendem-se por 2 milhões e 700 mil hectares, divididos entre 300 mil produtores de 1.900 municípios, em 14 estados da Federação.

A esses produtores, independentemente de seu porte, não tem faltado apoio do nosso governo. Nossa política para a cafeicultura já liberou 1 bilhão e 250 milhões de reais para o financiamento, o custeio e a comercialização do café em 2005. Esse apoio será mantido em 2006, de forma que os cafeicultores não ficarão à mercê das urgências, do sobe e desce das bolsas, conseguindo com isso negociar seu produto pelos preços mais justos.

Minhas senhoras e meus senhores,

Como o mercado não remunera adequadamente todos os anos essa imensa corrente do café, uma engrenagem silenciosa se põe em movimento em diferentes partes do planeta e arrasta milhões de pessoas para um nível de pobreza e desigualdade sufocantes.

Migrações, inchaço urbano, fome e desagregação familiar: eis a contrapartida da apropriação desigual dos lucros na cadeia de um dos produtos mais rentáveis do mercado mundial de alimentos. O desafio sobre o qual devemos nos debruçar nesta Conferência é, ao meu ver, colocar a imensa energia dessa cadeia a favor da sociedade criada pelo café.

Trata-se de ter os olhos postos no futuro sustentável, não apenas na próxima florada, que saúda as primeiras chuvas com o delicado aroma do cafezal em flor, mas sim nos anos que permeiam as grandes transformações sociais. Assim como o cultivo do café, uma política para o café deve se pautar pela estabilidade de longo prazo. Nós sabemos, porém, que soluções



duradouras só prosperam quando todos os olhos de um negócio se fortalecem simultaneamente. Não é o que tem acontecido atualmente.

Há dez anos, os países produtores ficavam com 1/3 da renda gerada no comércio mundial do café, cerca de 10 bilhões de dólares num mercado que movimentava cerca de 30 bilhões de dólares. Hoje, essa participação caiu para menos de 9 bilhões de dólares, num mercado que passou a movimentar 90 bilhões de dólares por ano.

A queda na receita dos cafeicultores foi a maior deste período, se comparada à que houve com todas as outras commodities. Pouca dúvida pode haver de que tal desequilíbrio ampliou o fosso da desigualdade entre as nações.

A advertência é da própria Secretaria-Geral das Nações Unidas que enxerga no declínio dos preços pagos aos produtores uma dificuldade importante e o obstáculo para o êxito das Metas do Milênio. A corrida de todos contra todos, em busca da mesma porta de saída, levou ao aumento irrefletido da oferta nas últimas décadas. Não foi a resposta adequada ao colapso do Acordo Internacional do Café, que desregulou o mercado a partir de 1989. Hoje, os produtores recebem menos de 1% do preço cobrado por uma xícara de café nos grandes países importadores.

Meus amigos e minhas amigas,

Entre o fracasso dos mercados administrados e a autofagia da disputa cega registrada nos últimos anos, não há alternativa fácil. A busca de respostas, porém, passa por uma pergunta que não pode calar: para onde estão indo os lucros do café?

Parte da explicação está na armadilha das trocas desiguais, conhecida pelos países pobres desde o período colonialista. Ainda persiste, hoje, um desacordo profundo entre as regras que orientam o comércio mundial em pleno século XXI e as necessidades de emancipação econômica e política da maioria dos povos em desenvolvimento, boa parte dos quais têm no café um dos seus



esteios econômicos.

Quem planta ganha pouco, quem processa lucra muito. E as barreiras tarifárias impedem que os produtores participem, em igualdade de condições, do mercado final do produto, em pó e solúvel, vendido nos países ricos.

Não haverá solução duradoura para este problema se não houver um novo pacto de equilíbrio entre os diferentes interesses da cadeia do café. Trata-se de construir as bases políticas para uma partilha de lucros mais justa, uma oferta coordenada com a demanda e um esforço de promoção social e tecnologia de milhões de agricultores que assegure, de fato, uma melhor qualidade para o produto e para a vida de quem produz.

Não serve a este fim a lógica de uma desregulação unilateral. Quem diz “livre comércio” deve dizer, também, “suspensão de barreiras comerciais e de subsídios milionários” e deve lutar pelo fim de assimetrias financeiras importantes.

No Brasil, e creio que em muitos outros países, o café é uma lavoura pedagógica. Ele ajuda a entender o nosso passado e encerra lições das conquistas acumuladas no nosso presente.

Ao meu ver, está na hora. E esta Conferência é uma oportunidade ímpar para esse passo de tornar o café um componente do futuro. O futuro, como entendemos, somente será futuro se for melhor para todos, e não apenas um abrigo para os privilégios do passado.

A todos os senhores e senhoras, que vieram de longe, volto a estender meu abraço de boas-vindas. Tenho certeza de que não faltará, aqui na Bahia, o indispensável cafezinho brasileiro para dar força aos trabalhos e coroar o êxito desta Conferência.

Muito obrigado.

Na verdade, na verdade, recebi um convite do presidente Uribe, pela tribuna e eu vou ter que responder pela tribuna, sem ter uma data para dizer quando eu vou à Colômbia. Eu só quero dizer ao presidente Uribe que o meu



desejo é ir à Colômbia este ano e obviamente, no mais tardar, até o começo de dezembro. Eu tenho que definir porque já fui três vezes à Colômbia, mas todas as viagens muito corridas, muito rápidas e uma delas foi em Cartagena para participar de um encontro do café, mas eu pretendo ir à Colômbia por uma razão simples. Eu quero explicar isso em público.

Como vocês sabem, o café é um produto de países pobres, somente os países tropicais é que produzem café. Na maioria, países em situações como o Brasil, ou até mais pobres do que o Brasil. Em alguns países, inclusive, o café é a base principal das exportações e da geração de empregos. Ao mesmo tempo, os consumidores são os nossos irmãos mais ricos – Europa, os Estados Unidos e o Japão, apenas para citar alguns exemplos.

O que é grave e que em algum momento nós vamos ter que decidir é que, na América do Sul, na América Latina, tem vários produtores de café, países sobretudo pequenos. Na África, países pequenos, em alguma parte dos países asiáticos, países também na Índia e eu queria dizer a vocês que, muita coisa depende do tipo de força política e de organização que nós tivermos.

Porque veja, quando nós exportamos uma saca de café de 60 quilos, nós ganhamos um pouquinho de dólares para a nossa balança comercial, mas quando nós importamos um chip, por menor que ele seja, nós mandamos para fora mais dólares do que recebemos por uma saca de café. Ora, por uma razão muito simples: os países ricos estão mais organizados e eles determinam as regras do comércio internacional para que, sempre que possível, eles saiam ganhando.

Não estou criticando não, faz parte da lógica da negociação para o mundo do trabalho, para o mundo da agricultura e para o mundo dos negócios, quem tem mais força, quem tem mais poder econômico, sempre vai fazer pressão para ganhar um pouco mais. Mas eu penso que está na hora de nós começarmos a refletir se nós, países produtores, não temos que comprar uma boa demanda, para não dizer uma boa briga. Uma boa demanda.



Primeiro, nós temos que colocar valor agregado nos nossos produtos, nós não podemos ser exportadores de café em grão apenas, ou seja, é preciso que a gente aprenda a colocar valor agregado.

Segundo, nós temos que estabelecer no elo da cadeia produtiva acordos que possam permitir uma discussão mais justa da fatia que vai ficar para cada um no produto final, ou seja, não é possível que países que não produzem um grão de café ganhem mais dinheiro com o café do que os países que produzem o café.

Isso só existe porque, de certa forma, nós também, durante muito tempo, ficamos passivos diante dessa situação. Muitas vezes, cada país tentando agir sozinho, muitas vezes, cada produtor tentando agir sozinho, e nesse mundo globalizado não existe mais espaço para saídas individuais, não existe mais espaço se nós não criarmos entre nós as condições objetivas para valorizar o que nós produzimos. Ou seja, nós não somos mais colonizados, nós não temos mais que mandar os nossos produtos para o país que nos colonizou. Nós vivemos num mundo livre em que se endeusa todo dia o livre mercado, o livre preço, portanto, cabe a nós criarmos as condições de valorizar o que nós produzimos, eu quero dizer aos produtores que estão aqui.

Ou seja, nós não podemos permitir que sejamos vítimas porque produzimos um pouco mais. Nós não podemos... Ou seja, é preciso que os países consumidores compreendam a necessidade de se sentar em torno de uma mesa e estabelecer uma negociação em que o preço seja partilhado, para que o que transforma esse café ganhe dinheiro, mas aquele que cava o chão da terra para plantar a muda do café também possa ganhar dinheiro para sobreviver.

É até uma lógica que os países ricos já aprenderam e que colocam em prática no seu cotidiano. O presidente Uribe e eu somos amigos de muitos presidentes de países importantes do mundo – e somos amigos –, mas quando falamos de preço agrícola, a amizade fica jogada num canto. Porque o que



vale, na verdade, é a defesa dos interesses nacionais de cada país. O que vale é a defesa dos interesses políticos de cada país, e o que vale é a defesa dos interesses dos agricultores de cada país.

Por que nós não agimos assim? Depende somente de nós. Não estou dizendo que seja fácil, porque quem participa de negociação internacional na Organização do Comércio sabe o quanto é duro a gente levar uma vantagem, por menor que ela seja. É duro porque nós somos desunidos. É duro porque, muitas vezes, vamos lá e votamos nos nossos adversários comerciais. É duro porque cada um de nós acha que quem melhor agradar ao rei vai ser beneficiado individualmente, e não existe mais isso no mundo globalizado. Ou nós fazemos valer aquilo que nós temos, que são as condições favoráveis para plantar café e o fato de sermos os maiores produtores de café – os maiores estão aqui –, que nós temos que fazer valer, pelo menos, o respeito à dignidade de quem sobrevive trabalhando dia e noite para plantar e colher o café.

Quero agradecer as palavras gentis do presidente Uribe e dizer ao presidente Uribe que se Deus quiser nós vamos concretizar um sonho. Primeiro, da integração física da América do Sul. E estou devendo, é verdade, uma reunião com muitos empresários brasileiros, com muitos empresários colombianos, para que a gente possa estabelecer parcerias, para que empresários colombianos e brasileiros possam se juntar e discutir o que produzir.

Sobretudo, Presidente, eu quero discutir com Vossa Excelência a questão do biodiesel. Porque eu acho que o biodiesel estará, num futuro muito próximo, para os países pobres, como está o petróleo, hoje, para os países do Oriente Médio, e como está o álcool para o Brasil hoje. Eu acho que o biodiesel pode ser uma saída para o desenvolvimento dos países mais pobres do planeta, sobretudo os países da nossa América Latina e os países africanos.

Então, pode ficar certo que ainda este ano eu estarei visitando a sua



Bogotá.

Um grande abraço e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Programa de Recadastramento de
Pescadores**

Salvador-BA, 24 de setembro de 2005

Companheiros,

Hoje eu acho que é um dia extremamente importante para os pescadores brasileiros e, sobretudo, para os pescadores aqui do nosso querido estado da Bahia e da nossa querida Salvador.

Os acordos que foram anunciados e os anúncios feitos pelo ministro José Fritsch demonstram claramente que, definitivamente, no Brasil, o pescador brasileiro vai deixar de ser tratado como um indigente para ser tratado como um cidadão e uma cidadã, merecendo do governo toda a dignidade.

Eu lembro, logo que criamos a Secretaria de Pesca, eu perguntava ao companheiro Fritsch porque o governo tinha crédito para financiar carro, porque o governo tinha crédito para financiar televisão e porque a gente não tinha crédito para financiar uma chatinha, para um pescador que quisesse sair de manhã para tirar o sustento da sua família.

E, aí, é preciso dizer para vocês que a tarefa não é fácil, porque entre a decisão de criar o Profrota para financiar barco para pescador e concretizar essa decisão, Governador e Prefeito, demorou mais de um ano, porque a Marinha Mercante tinha um fundo de quase 1 bilhão de reais e, para a gente poder desmembrar esse dinheiro, acabar com os empecilhos do contingenciamento, não foi uma tarefa fácil.



Mas, graças a Deus, a gente pode vir aqui hoje, ao lado da igreja, e, olhando mulheres e homens aqui, a gente dizer finalmente: o pescador brasileiro vai poder financiar um barquinho para que ele possa melhorar a qualidade de pesca e trazer um pouco mais de comida para a sua família, e ganhar um pouco mais de dinheiro.

Eu queria dizer para vocês que a garantia de que vocês vão receber um salário, na época do defeso, é muito importante. É muito importante porque nós temos algumas categorias, no Brasil, o pessoal que trabalha com a laranja, o pessoal que na época que não tem colheita fica sem ganhar nada, algumas categorias já conquistaram. Mas o pescador, não. O pescador, as pessoas só tratam ele com respeito quando tem muita gente no domingo, em casa, para comer, e está faltando um pouco da mistura, aí ele corre para o lugar, para ver se encontra o pescador e um peixinho fresco. E ainda quer pechinchar por um preço mais barato possível.

Ou seja, eu, uma vez, Governador, tive uma experiência, uma vez eu tive uma experiência com a colônia de pescadores em Angra dos Reis. Eu fiquei dez dias lá, e todo dia eles saíam às 6 horas da manhã, depois saíam às 10, depois saíam às 2 da tarde e, depois, saíam às 6 horas para pegar o cerco lá, para desarmar a rede.

E a gente pensa que é fácil a vida, a gente pensa que é fácil. Muitas vezes, esses companheiros saíam de manhã e voltavam sem nenhum peixe. Às vezes, passavam dois dias sem trazer um único peixe na sua canoa. Às vezes, não conseguiam trazer. E, às vezes, quando eles conseguiam trazer, o preço era tão baixo que, muitas vezes, eles me falavam: “Ô, Lula, é quase que impossível a gente continuar pescando”. Porque, nessa altura do campeonato, cabe ao governo municipal, governo estadual, governo Federal, sindicato, federação, todo mundo cuidar para que o pescador possa ganhar um pouco mais pelo seu trabalho, que tenha um pouco mais de valor agregado, que a gente possa industrializar o seu peixe para que ele possa vender as coisas por



um preço melhor. Porque exatamente na época em que o companheiro pesca mais é a época que o preço cai demais. E, aí, quando ele pensa que vai ganhar muito dinheiro, ele praticamente está quebrado.

Então, companheiros, todas essas medidas que foram anunciadas aqui – todas – tanto esse convênio com a Espanha, como esse convênio com o governo da Bahia, como esse documento assinado pelo Ministro, significam o seguinte: o cadastramento não é para inibir ninguém, o cadastramento é apenas para dar legalidade a quem realmente pesca e a quem realmente vive da pesca.

Para nós não importa que os cadastrados sejam 500 mil, 600 mil, 800 mil ou 1 milhão. O que nós queremos é evitar que alguém que não seja do meio de vocês possa ser cadastrado como pescador para tirar proveito do que deveria ser apenas do pescador e da sua família.

A segunda coisa que eu acho importante é o auxílio-maternidade para as pescadoras. Porque no Brasil, lamentavelmente, algumas categorias não são tratadas... Por exemplo, na agricultura familiar, está aqui o nosso deputado Valmir, que é dos Sem-Terra, sabe: fomos nós que criamos uma linha especial de crédito para a mulher. Porque até então era só o homem que recebia o crédito. Agora, se a mulher quiser o crédito, ela vai pegar o crédito.

Mais importante ainda é que aqui, na Bahia, a valorização da mulher é demonstrada no Bolsa Família. Aqui na Bahia são 932 mil famílias que recebem o Bolsa Família, e quem recebe o cartão não é o homem, é a mulher. Não é que a gente não confia no homem, é que a mulher, quando se trata de cuidar dos “barrigudinhos”, a mulher tem mais responsabilidade. A mulher não tem vontade de parar no bar e tomar uma “caninha”. Ela vai é comprar o leite para o filho, ela vai é comprar o feijão para o filho.

Por isso é que toda a nossa política tem uma preferência especial para os setores mais pobres da população e, dentro dos setores mais pobres, a gente vai vendo a questão de gênero como uma coisa delicada.



Quando nós criamos... há quantos anos se fala das cotas para o povo negro estudar na universidade? Há quantos anos? Pois bem, Governador, com o ProUni que nós criamos, o ProUni o que era? O ProUni foi uma coisa muito engenhosa que o ministro da Educação Tarso Genro bolou, que era pegar, já que as universidades federais estavam entupidadas, pegou o quê? Pegou as universidades particulares, fez um convênio com elas, abriu mão de alguns impostos, e o equivalente ao imposto foi transformado em bolsa de estudo para jovens que estudavam em escolas públicas e para jovens da periferia. Só aqui, na Bahia, foram criadas, este ano, 9mil e 800 novas vagas para jovens. E mais, uma boa parte deles são adolescentes, cidadãos negros deste país, que até então eram tratados como se fossem de terceira categoria, e a experiência é tão bem-sucedida que, na primeira leva, já tivemos 1.260 índios recebendo a bolsa para fazer curso universitário neste país.

A nossa idéia o que é? A nossa idéia é chegar daqui a três anos, e ter 760 mil novas vagas: 360 das universidades públicas e 400 das universidades privadas e aqui, na Bahia, Governador, logo, logo, talvez dentro de uns 15 dias, o Governador receberá um convite para ir inaugurar a pedra fundamental da Universidade do Recôncavo Baiano, que foi aprovada. Nós estamos fazendo quatro federais novas e estamos fazendo 32 extensões das atuais federais, que muitas vezes estão na capital e nós queremos levar para o interior, para que as crianças do interior possam estudar.

Aqui, na Bahia, o Prefeito é testemunha. Em convênio com a prefeitura foi criado o PróJovem. Quantos alunos estão? Mil e duzentos jovens da periferia foram cadastrados, estão fazendo o curso e aprendendo uma profissão e, se Deus quiser, chegaremos a 200 mil no Brasil, este ano chegaremos a 200 mil.

Ontem, aqui também, em Camaçari, foi inaugurado, há poucos dias, a Escola de Fábrica. São 300 jovens da periferia, entre 15 e 20 anos de idade ou 17 anos, que vão lá para dentro da Ford aprender uma profissão, estudando



dentro da empresa. Eu sei que consertar o Brasil em quatro anos é muito difícil, porque o descaso que fizeram neste país em 500 anos a gente não vai consertar nem em quatro e nem em 10, o que é importante é que a gente comece agora a consertar, para quem vier depois ter a obrigação de continuar consertando.

Quero dizer ao Governador e ao Prefeito que, o dia de hoje para mim, eu não queria fazer hoje, eu queria vir aqui num dia especial para fazer uma grande festa em Salvador, que foi o acordo firmado entre o governo Federal, o estadual e municipal, de 283 milhões de reais para finalmente terminar o Metrô de Salvador, porque este povo... eu sei que já tinha muita gente me xingando aqui, na Bahia, mas eu acho que foi um acordo bom, foi um acordo que ganha o estado da Bahia, que ganha a prefeitura de Salvador, que ganha o governo Federal. Nós vamos acabar, apenas Pernambuco está com problema, mas nós vamos acabar este ano mesmo, o acordo com o Metrô de Fortaleza, o Metrô de Belo Horizonte, para que a gente possa melhorar um pouco a qualidade de vida das pessoas.

Por final, companheiros, eu quero terminar dizendo para vocês o seguinte: olha, tudo isso que nós estamos fazendo incomoda muita gente. A única coisa que eu quero que vocês tenham consciência é que, quem saiu de Garanhuns com cinco anos de idade para não morrer de fome, sobreviveu e virou Presidente da República, não tem medo de barulho. Fiquem tranquilos porque, se tem uma coisa importante que este país conquistou é a democracia, e a democracia exercida pela sociedade, exercida pelo Congresso Nacional, podem ficar certos que a democracia dará conta de receber, de resolver todo e qualquer problema neste mundo.

Agora, o que a democracia ainda não deu jeito de resolver neste país é a miséria que assola quase 1/3 da nossa população, e este, se não tiver governantes comprometidos com o povo, vai ter governantes que querem governar o país para apenas 35 milhões de habitantes.



Por isso, meus companheiros pescadores, eu fiquei muito orgulhoso, eu até perguntei se ela pescava, mas ela não pesca mais, mas certamente já pescou muito e eu acho que é hora agora dela receber do estado brasileiro a tranqüilidade para viver o resto da sua vida com dignidade e com felicidade.

Muito obrigado minha gente, meus parabéns e viva os pescadores brasileiros.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Veracel Celulose S.A.**

Eunápolis – Bahia, 28 de setembro de 2005

Excelentíssimo Senhor governador do estado da Bahia, Paulo Souto,
Excelentíssimo Senhor governador do estado do Espírito Santo, Paulo
Hartung,

Embaixadora Margareta Winberg, embaixadora da Suécia no Brasil,

Embaixador Hannu Uusi, embaixador da Finlândia no Brasil,

Senhor Ivan Ramalho, ministro interino do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio Exterior,

Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Senhor Renato Guéron, presidente da Veracel Celulose,

Senhor Carlos Alberto Vieira, presidente do Conselho de Administração
da Aracruz Celulose,

Senhor Carlos Augusto Lira Aguiar, presidente da Aracruz Celulose,

Senhor Jukka Hämälä, presidente da Stora Enzo,

Senhor Gilberto Pereira, Presidente do Sindicelpa,

Funcionários e funcionárias da Veracel Celulose,

Senhores acionistas e diretores da Veracel, da Aracruz e da Stora Enzo,

Deputado Clóvis Ferraz, presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,

Senhores deputados estaduais,

Senador Gérson Camata,

Senhores prefeitos ledos José Menezes Elias, de Belmonte; José Robério
Batista de Oliveira, de Eunápolis; Cláudio Henrique Ferreira de Carvalho, de
Itapebi; Deldi Ferreira Costa, de Guaratinga; Jânio Natal Andrade Borja, de



Porto Seguro; José Ubaldino Alves Pinto, de Santa Cruz de Cabrália; Paulo Ernesto Pessanha da Silva, de Itabela; Zairo Jaques Pinto Loureiro, de Canavieiras; João Coser, prefeito da cidade de Vitória; Ademar Devens, da cidade de Aracruz; Carlos Robson, de Nova Viçosa; Jackson Lacerda Santos, de Alcobaça; Wilson Brito, de Prado; Neuvaldo de Oliveira, de Caravelas; Manoel Stringhini, de Guaíba; Guerino Balestrassi, de Colatina,

Meus amigos e minhas amigas.

Não é fácil dizer exatamente onde começa o futuro quando somos, ao mesmo tempo, agentes da sua busca e o resultado do percurso. Mas sem dúvida alguma, um novo ciclo de investimentos, como o que está em marcha hoje na economia brasileira, e do qual faz parte o projeto da Veracel, constitui uma parte dessa travessia. E ela ajuda a mudar a face da sociedade e a inaugurar um novo tempo para o nosso povo.

Na vida de uma Nação, as decisões de investimento funcionam como uma ponte entre dois mundos. Através delas uma geração condiciona o horizonte da que virá a seguir. Significa dizer que um grande ciclo de investimentos como este que o Brasil inicia, não gera apenas mercadorias, empregos, divisas ou impostos. Acima de tudo, o que estamos produzindo hoje é a sociedade de amanhã, o país no qual irão viver os nossos filhos, os filhos dos nossos filhos, e os netos que eles terão. Esse Brasil não pode mais ser a terra da desigualdade. E não o será.

É com esse critério que o BNDES está financiando uma parte importante desta e de outras plantas industriais em andamento na atual expansão da nossa economia. Neste caso, ele vinculou a disponibilidade de recursos a projetos sociais destinados a melhorar a qualidade de vida das populações em nove municípios sob a influência da nova unidade da Veracel.

Cerca de 21 milhões de reais foram destinados a obras de saneamento básico, capacitação de professores, reforma e ampliação de escolas, aprimoramento de infra-estrutura municipal e erradicação da hanseníase.



Reduzir a distância entre o Brasil de cima e o Brasil de baixo é uma questão essencial do nosso projeto de Nação. Sem ele, o crescimento se perde no cipoal da injustiça, se dilui no abismo da desigualdade e inviabiliza uma nova face do futuro.

Portanto, antes de ser uma equação técnica, o desenvolvimento de um país é a grande obra política e social de sua gente. Não há respostas automáticas, nem dos mercados, nem da natureza para as três grandes perguntas do desenvolvimento: desenvolvimento para quem, desenvolvimento para o quê e desenvolvimento como?

A principal vantagem comparativa de um país não está apenas no solo, na água ou no sol, mas está, verdadeiramente, nos compromissos compartilhados que definem a forma democrática e soberana como a sociedade vai explorar seu potencial de riquezas e produzir o bem-estar para todos.

O Brasil tem trunfos naturais inegáveis. Um eucalipto, em nosso clima, dá corte em sete anos, contra trinta ou quarenta anos, no caso de um pinheiro nos países nórdicos. No entanto, é importante lembrar: mesmo essa desvantagem natural não impediu que muitos desses países desenvolvessem uma poderosa indústria florestal contribuindo, assim, para colocar seus povos no topo do desenvolvimento humano do nosso planeta. Essa é a principal diferença entre uma Nação e uma colônia fornecedora de matéria-prima.

O Brasil tem oito milhões e meio de quilômetros quadrados e apenas 2% do mercado mundial de madeira e celulose. A Finlândia, cujo território equivale à metade do estado de Minas Gerais tem, sozinha, 8% desse mercado e reúne mais de 400 mil fazendeiros florestais.

O Brasil pode ampliar, e muito, a sua capacidade de produção, agregando valor às nossas riquezas florestais. Do mesmo modo, tem condições para ser um dos maiores fornecedores de combustíveis renováveis do século XXI através do álcool e do biodiesel.



É preciso investir e conquistar mercados, como estamos fazendo, mas sobretudo, é necessário que os nossos trunfos naturais e econômicos ganhem cada vez maior legitimidade como alavanca de reconciliação do mercado com o meio ambiente e com a justiça social. O Brasil já dispõe de instrumentos para sanear essa dinâmica área na floresta.

O Plano Nacional de Florestas, enviado ao Congresso Nacional pelo governo federal prevê, simultaneamente, o incentivo ao plantio, à proteção às matas nativas e à incorporação de milhares de pequenos e médios produtores à atividade florestal lucrativa. A orientação que demos ao BNDES consiste em vincular novos financiamentos ao setor de papel e celulose a um compromisso empresarial com a expansão de pequenos e médios fornecedores de florestas plantadas. Não se trata de utopia, mas de um mercado pujante em todo o mundo.

Quando lançamos esse programa em 2003, o Brasil plantava anualmente 320 mil hectares de madeira, menos de 8% desse total em pequenas e médias propriedades. Hoje superamos a meta de plantio para 2007. Estamos agregando 520 mil hectares por ano ao estoque nacional de florestas plantadas revertendo, assim, o apagão madeireiro herdado nos anos 90, que alimentava o saque contra nossas florestas nativas. E, o que é mais importante, 19% do plantio agora acontece em terras de pequenos e médios agricultores, o que nos leva a dobrar a aposta.

O nosso objetivo é chegar a 2007 com 30% da oferta de madeira sob a responsabilidade de pequenos e médios produtores. O que esses números mostram é que não se pode demonizar nem endeusar previamente as janelas abertas pelo mercado. O grande desafio, na verdade, é democratizar os acessos e multiplicar as oportunidades. Essa é a referência que tem guiado nosso governo na grande retomada do desenvolvimento nacional.

O Brasil começa a viver, neste momento, um dos mais promissores ciclos de investimento dos últimos 20 anos. Sob todos os aspectos, trata-se de



uma dinâmica diferente daquela observada nos anos 90, quando o país não conseguia pagar suas contas, não gerava empregos, a produtividade crescia à base de demissões e não havia expansões das exportações nem da demanda interna. Hoje, o que se assiste é um aumento simultâneo, tanto da produção como do nível de emprego, que cresce 12 vezes mais do que a média mensal dos anos 90. A produtividade industrial atingiu, este ano, os maiores índices desde 1996. As exportações crescem 23% na média diária dos embarques. O financiamento do BNDES para a compra de máquinas e equipamentos de fabricação nacional deu um salto de 69% no primeiro semestre. E o crédito ao consumo cresceu 36% nos últimos 12 meses. Exatamente por isso, 59,6% das nossas empresas vão investir, este ano, 18% a mais, em termos reais, do que no ano passado.

Não chegamos a essa fronteira do futuro por obra e graça de automatismos de qualquer espécie. O Brasil não mudou de tamanho, nem o sol brilhou com mais intensidade nos últimos anos. O que mudaram foram as prioridades e a decisão de fazer o país crescer, gerando empregos, inclusão social e distribuição de renda. Nós sempre dissemos que um país em construção como o nosso não pode contrapor a produtividade à justiça social, nem o crescimento econômico à preservação do meio ambiente. O Brasil precisa competir e distribuir riqueza ao mesmo tempo e com igual intensidade. Este é o caminho que nós estamos construindo e que, certamente, iremos consolidar.

Meus amigos, diretores da Veracel, diretores da Aracruz, da Stora Enzo, acionistas da Veracel, convidados para este evento, governador Paulo Hartung, governador do estado da Bahia, senadores, deputados estaduais, este é um momento que me deixa extremamente otimista. Otimismo porque o investimento de 1 bilhão e 200 milhões de dólares no Sul da Bahia para produzir celulose, dá a exata dimensão do grau de confiança que investidores brasileiros e estrangeiros tiveram na condução do nosso país.



Esse dado é extremamente importante e acho que vocês, ao conhecerem o Brasil melhor, certamente irão investir mais, não apenas na Bahia, mas em outros estados da Federação, porque está acontecendo um fenômeno interessante no Brasil que os brasileiros devem estar acompanhando pela imprensa, mas os estrangeiros não. O Brasil está vivendo um ciclo virtuoso na sua economia. Os empresários estrangeiros podem pesquisar para descobrir há quanto tempo nós mantínhamos, no Brasil, um ciclo de acontecimentos de coisas tão importantes, acontecendo todas ao mesmo tempo. Os empresários brasileiros sabem que, há algum tempo atrás, quando o Brasil decidia exportar, concomitantemente o Brasil decidia sufocar o mercado interno. Os empresários brasileiros sabem que, toda vez que o Brasil decidia crescer, ele só crescia com inflação alta, porque era essa a visão que tinham os homens que trabalhavam a economia brasileira.

Há muitos anos o Brasil não tinha um ciclo em que, ao mesmo tempo em que você tem crescimento econômico, você tem crescimento das exportações, você tem crescimento das importações, você tem crescimento do crédito, você tem crescimento da poupança interna, você tem crescimento do crédito ao consumidor, você tem crescimento do superávit de conta corrente, você tem diminuição da dívida em relação ao PIB, você tem diminuição da inflação, você tem crescimento de salário e diminuição do custo de vida. Esse conjunto de fatores positivos que estão acontecendo na economia brasileira e, certamente o governador Paulo Souto e o governador Paulo Hartung, como estudiosos, sabem que há muito tempo isso não acontecia no Brasil, e está acontecendo por uma única razão: nós estamos deixando de fazer, no Brasil, a política de curto prazo, a política pensada apenas até a próxima eleição, a política pensada apenas no próximo mandato, a política pensada apenas para um partido político. Nós estamos pensando, como eu disse no meu discurso, um país para os nossos netos, para os nossos filhos, para os nossos bisnetos. Um país que entre definitivamente no rol dos países desenvolvidos, em que a



política econômica seja blindada com relação à pequenez política que, de vez em quando, acontece no nosso país. Que a política econômica seja elaborada pensando na nova geração e não pensando na próxima eleição.

Há muito e muito tempo a indústria brasileira não tinha um surto de crescimento como está tendo agora. E o que é mais importante, que alguns se assustam, é que estamos crescendo as exportações e aumentando as importações de máquinas e bens de capital, numa demonstração de que a indústria brasileira está acreditando no futuro e está investindo agora, para que não seja pego de calça curta, como aqueles pacotes que nós já tivemos na história do Brasil. E todos se lembram que a economia brasileira era feita por pacotes; entrava um ministro da Fazenda, ele já queria bolar o seu pacote e já lançava. Era o plano fulano de tal, era o plano sicrano de tal, era o plano com o nome do presidente, ou seja, acontece que, todos eles, não tiveram longa duração. E todos eles, ao terminarem, as empresas estavam mais pobres, os empregados mais desempregados e a sociedade brasileira mais pobre.

Eu tenho dito, todo santo dia, que este país não vai jogar fora a oportunidade que nós construímos de dar ao Brasil a chance definitiva de sair do rol dos países em desenvolvimento e entrar definitivamente no rol dos países desenvolvidos. Para isso, é necessário que haja confiança como essa que vocês demonstraram, ao fazer este investimento da Veracel, aqui, no sul da Bahia. Para isso é preciso que haja uma combinação de interesses de empresários brasileiros, governo federal, estadual, municipais, mas, sobretudo, com o convencimento de empresários estrangeiros, para que tenham aqui no Brasil a oportunidade dos investimentos, utilizando-se possivelmente da classe trabalhadora mais criativa do planeta Terra, utilizando-se de uma classe trabalhadora de alta competência e com um aprendizado extraordinário.

Porque o Brasil não vai permitir que aconteça conosco o que aconteceu no século XIX e no século XX. A Europa tirou proveito de uns, os Estados Unidos tiraram proveito de outros. E nós não iremos permitir que o Brasil



atravesse mais um século sendo um eterno país em desenvolvimento, o país do futuro. A vez do Brasil é agora, e não depende de ninguém, depende apenas de nós e depende de exemplo como este que a Veracel implantou, aqui, no Sul da Bahia.

Muito obrigado, meus parabéns e boa sorte!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita
ao Assentamento “Lulão”**

Santa Cruz de Cabrália-BA, 28 de setembro de 2005

Meu caro governador Paulo Souto, governador do estado da Bahia,
Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento
Agrário,

Meu caro Ivan Ramalho, ministro interino do Desenvolvimento, Indústria
e Comércio,

Meu querido companheiro deputado estadual Walmir Assunção,

Meus queridos companheiros prefeito Robério Oliveira, de Eunápolis;
Agenor Birschner, de Arataca; Sérgio Magalhães, de Jussari, e Jackson
Lacerda, de Alcobaça,

Meu caro Rolf, Presidente do Instituto Nacional do Incra,

Meus queridos companheiros vereadores, prefeitos,

Meus queridos companheiros e companheiras da cidade de Eunápolis,
das cidades vizinhas,

E meus companheiros do Movimento Sem-Terra, do Assentamento que
eu fiquei sabendo que era “Lulão” quando eu vim aqui, em janeiro deste ano,

Eu queria chamar aqui o seu Tertuliano, se ele pode ficar aqui do lado,
porque eu acho que a nossa querida Anita Maria de Jesus e o nosso querido
Tertuliano Dias Nascimento, ela com 64 anos de idade, e ele com 82 anos de
idade, são a mais viva demonstração... E eu vou repetir uma coisa que eu dizia
em 89, em 94, em 98, e não posso mudar o meu discurso porque eu virei
Presidente da República. Eu sempre achei que a grande coisa, ou uma das
grandes coisas que o Movimento Sem-Terra faz, pelo Brasil, é que o
Movimento Sem-Terra é capaz de tirar pessoas que estão quase virando párias



da sociedade, espalhadas por esse mundo, sem esperança, e transformá-las em guerreiros e guerreiras, como ele fez com a Dona Anita ou com o senhor Tertuliano: dar esperança, perspectiva, mostrar um horizonte para as pessoas, o que só acontecerá com muita perseverança e com muita luta.

Nesse mundo de hoje, nesse mundo globalizado, muitas vezes um mundo insensato, não há espaço para a covardia, não há espaço para o medo, não há muito espaço para aqueles que não aprenderam a andar de cabeça erguida.

Por isso, querido companheiro Walmir, eu vim aqui, apesar de ontem ter dito que não vinha, por causa das ocupações que os Sem-Terra fizeram nas sedes do Incra pelo país afora. Mas, depois, eu fui para casa e pensei que seria uma insensatez minha fazer com que o povo, a quem eu tinha prometido vir aqui, pagar por uma divergência que possa ter entre o Presidente da República e lideranças, entre lideranças e o Presidente da República. Eu acho que tanto a liderança do Movimento Sem-Terra quanto o Presidente da República podem ter as divergências que quiserem ter, mas em nenhum momento o povo pode pagar o preço da insensatez que a gente possa cometer.

A segunda coisa, Walmir, e eu faço questão de dizer, até eu vi o Zé Rainha aqui, e quero dizer para o Zé Rainha que, muitas vezes, Zé, as pessoas têm... Eu já vi gente com medo de ficar perto do Zé Rainha, porque o Zé Rainha é perseguido, de vez em quando é preso. E eu quero dizer aqui, como Presidente da República, Zé, o seguinte: você não é um companheiro de primeira hora, você é um companheiro que eu conheço há muitos anos, há muitos e muitos anos. E eu sei que quando eu deixar de ser Presidente da República, muitos que hoje são meus companheiros, não serão mais, mas você, certamente, continuará sendo meu companheiro.

E dizer, Walmir, na frente de vocês dois, que são duas lideranças do Movimento, que eu quero que vocês tenham consciência que em nenhum



momento eu fico ofendido ou fico chateado, quando o Movimento reivindica. Eu nasci, na minha vida, aprendendo a reivindicar. E eu sei que todos nós que nascemos no movimento popular, e o próprio governador Paulo Souto, o prefeito de Eunápolis, se o prefeito vai ao governador e ele consegue uma coisinha, pode ficar certo que, um mês depois, ele estará pedindo uma coisa maior, pode ficar certo que depois vai ficar pedindo. Se o governador vai a Brasília pedir um dinheiro para ajudar o estado, e eu der, pode ficar certo que, no mês seguinte, ele vai com um pedido maior. Podem ficar certos.

Ora, da mesma forma que eu tenho consciência que, no movimento social, a luta é quase que infinita. Quanto mais a gente conquista, mais a gente tem vontade de conquistar. Então, não pensem que eu fico chateado. Eu, às vezes, fico chateado porque a gente pode fazer os acordos sem precisar até de muito barulho. Até porque, às vezes, eu acho que sem barulho ele pode sair melhor.

Mas, de qualquer forma, eu quero dizer para vocês que estou aqui com orgulho. Certamente alguém vai dizer: “mas o presidente Lula foi num assentamento que não tem TV a cabo, o presidente Lula foi num assentamento que não tem telefone celular, o presidente Lula foi num assentamento em que ainda não tem a casa com uma varanda e com uma rede pendurada para a gente se espreguiçar”. Nem podia ter. O que é importante é medir a qualidade desse assentamento, aqui.

Eu estou daqui só olhando os carros passando ali numa estrada asfaltada. Portanto, não vai ter problema de escoamento da produção.

Eu sei que nesta região tem água. Estou vendo postes, ali, que leva luz para tudo quanto é lugar. Pois bem, o Programa Luz para Todos vai iluminar a casa de cada companheiro assentado, não apenas neste assentamento. O nosso compromisso é assentar todas as casas que não têm luz até 2008. E, se Deus quiser, nós vamos cumprir este compromisso, porque só não sabe o valor de um bico de luz, quem nasceu na cidade. Mas quem nasceu no campo, à



base de um candeeiro, ou à base de uma vela, sabe o significado de um bico de luz na casa, sabe o benefício para cuidar de um filho. Então, isso Walmir, é um compromisso nosso com o povo brasileiro e, sobretudo, com os assentamentos.

E mais ainda, eu queria dizer para vocês que fazer as coisas, Walmir, não é tão fácil como a gente muitas vezes teoriza. Você, agora, como deputado, sabe que muitas vezes é mais fácil a gente fazer uma crítica ao governador do que a gente realizar uma obra. Porque este país tem leis, porque este país tem deputado contra, tem vereador contra, tem prefeito contra, como tem a favor. Tem senador contra, senador a favor, é tudo um jogo de correlação de forças, e que nem sempre a correlação de forças está favorável a nós. E, sobretudo, vocês, do Movimento Sem-Terra, sabem o que significa essa palavra chamada correlação de forças. Nem tudo a gente pode fazer para mudar as leis, que precisam ser mudadas. É preciso saber quantos deputados nós vamos ter para votar as coisas, e o jogo é um pouco mais complicado.

Mas o que me deixa tranqüilo? Me deixa tranqüilo – eu pensei que o Rossetto ia falar aqui, ou o Walmir ia falar aqui – eu vou ter uma reunião para discutir o Orçamento. E o Rossetto já sabe que não vai faltar nenhum real para fazer os assentamentos que tem que fazer neste país este ano. E nós sabemos qual é a nossa meta, porque não foram os Sem-Terra que reivindicaram. A nossa meta é um compromisso de governo, que eu levei no encontro que vocês tiveram, lá em Brasília, no começo de 2003. Portanto, eu não posso dizer que vocês estão reivindicando demais, porque fomos nós que nos comprometemos. E eu sei que nós temos que cumprir os nossos compromissos, por isso eu vim aqui. Eu vim, aqui, em janeiro, estou vindo aqui agora, e já assumo o compromisso, Walmir, que volto aqui para inaugurar as casas junto com você e com outros companheiros aqui, do Movimento dos Sem-Terra.



Quero dizer mais, aos companheiros que estão falando de universidade. Vejam, eu estou levando a reivindicação – espera aí – mas eu vou dizer para vocês, aqui, uma coisa: primeiro, vocês sabem que aqui, na Bahia, eu até combinava com o Governador, hoje, eu, por esses dias, vou vir à Bahia para a gente ir inaugurar a pedra fundamental da Universidade Federal do Recôncavo Baiano. É uma universidade, acho que nós precisamos fazer muitas, vamos fazer quatro Federais. Mas aqui, na Bahia, nós vamos, ainda, estamos consolidando a Universidade Federal do Vale do São Francisco, que é o campus de Petrolina e o campus de Juazeiro. Aqui, na Bahia, nós vamos fazer uma extensão da Universidade Federal para Anísio Teixeira, vamos fazer uma para Barreiras, e vamos levar um Centro Federal de Educação Tecnológica para Vitória da Conquista.

Mas eu ouvi o grito de vocês, aí, de que é preciso trazer uma extensão para Porto Seguro. Eu vou para Eunápolis... Olhem, deixa eu dizer uma coisa para vocês: eu vou levar a reivindicação, a gente não pode fazer todas que quiser. Agora, vai ser feita na cidade que tenha melhor condições de fazer, onde tiver mais gente.

Podem ficar certos disso porque para nós trazermos as universidades federais para cá é a gente fazer com que o interior do Brasil ganhe universidade. E nós vamos anunciar 32 extensões das Federais para o interior do país, nós vamos anunciar quatro Federais novas e nós estamos anunciando 32 novas escolas técnicas neste país.

E por que eu estou dizendo isso? Porque este país vai deixar de ser exportador de produtos *in natura*, de soja ou de minério, que vai continuar exportando, mas nós só seremos uma Nação realmente forte quando a gente estiver exportando o conhecimento, a inteligência do povo brasileiro.

Quero terminar, gente, dizendo para vocês que eu já recebi uma companheira de vocês aqui, no palanque, que me disse que vai estar em Brasília na quarta-feira, vai estar na próxima semana. Eu vou conversar com o



Ministro da Saúde, porque eu acho que nós temos que dar uma resposta, até porque nós estamos numa fase extraordinária. E eu queria dizer aqui, para os Sem-Terra o que eu disse lá, na Veracel: o Brasil está vivendo um momento ímpar, meu caro Walmir – porque é importante fazer um discurso na Assembléia Legislativa – o Brasil está crescendo, a economia está crescendo, o crédito está crescendo, o emprego está crescendo, o superávit de conta corrente, o Brasil está crescendo o empréstimo do Pronaf, e muito, que vocês sabem. Sabem as duas coisas que estão caindo, no Brasil? A inflação e o custo de vida.

Esses dias eu fui informado que um saco de arroz, do melhor do Brasil – não vou dizer o nome para não fazer *merchandising* – que custava 11 reais, em 2003, está custando 6 reais hoje. Hoje eu fui informado, Walmir, que um saco de cimento, que custava R\$ 22,50 em 2003, está custando, agora, R\$ 14,00 em alguns lugares, e tem até de R\$ 11,90.

Então, nós sabemos o que isso significa para a parte mais pobre da população, nós sabemos o que significa ter acesso. Aqui na Bahia nós temos 932 mil famílias recebendo o Bolsa Família. O Bolsa Família, não é uma coisa para a eternidade. O que nós queremos é que todo mundo possa viver às custas do seu trabalho e levar o dinheiro para casa para sustentar a sua família. Esse é o ideal. Mas, enquanto isso não é possível de ser construído, nós vamos dar o Bolsa Família para as pessoas mais necessitadas.

Por isso, Walmir, eu, que pensei que ia estar às duas horas da tarde de volta em Brasília, por causa da votação na Câmara, e já são quatro e meia e eu estou aqui, eu quero, primeiro, agradecer ao Governador da Bahia. É importante dizer: o Governador da Bahia tem sido um parceiro importante, junto com o MDA e com o Incra, aqui neste estado.

Segundo, quero agradecer tanto ao presidente do Incra, o Marcelino e o Rolf, pelo trabalho, mas, sobretudo, agradecer ao companheiro Miguel Rossetto e agradecer a paciência de vocês. Vocês têm muito paciência, muita.



Eu dizia, no carro, ao Governador: feliz do país que tem o povo que nós temos. Porque ficar o tempo que vocês ficaram embaixo do encerado – e ainda vão ficar um pouco mais – mas vocês podem ter certeza que, daqui para frente, a vida de vocês é só melhorar, podem ficar certos que é só melhorar. E, se Deus quiser, quando eu vier aqui da outra vez, nós vamos poder ver a casa de vocês com luz elétrica, temos que ver a escola, que tem que estar digna, aqui. Eu sei que aqui dá para fazer irrigação. Nós vamos fazer uma coisa de qualidade para botar inveja nos adversários da reforma agrária neste país.

Agora, para terminar, eu queria tirar este microfone aqui, eu já falei demais, eu queria saber o seguinte: a dona Anita é uma mulher de 64 anos, vocês percebem que ela parece, aos olhos, franzina, mas disse, “meu caro Presidente, a luta não me assusta”. E ela ganhou uma terrinha, não aqui neste lote, é no outro lote. Mas eu queria, dona Anita, que a senhora dissesse, sobretudo para os companheiros da imprensa, que estão ali, o que que significa esse lote para a senhora?

Dona Anita: Esse lote para mim significa uma coisa muito boa, muita séria, porque tudo que eu desejava na minha vida era ter uma terra. Eu falava que, se eu morresse sem ter um pedaço de terra, eu não me salvava. E para mim foi a coisa melhor do mundo que existiu, foi Lula ganhar a Presidência, para a gente ter a terra da gente.

Presidente: Está feliz?

Dona Anita: Estou feliz e muito feliz.

Presidente: E me diga uma coisa, companheiro Tertuliano, o que significou para você essa terra?



Tertuliano: essa é para eu trabalhar enquanto eu for vivo e deixar para os meus filhos.

Presidente: Olha, aqui, vocês jovens aí que, de vez em quando, têm preguiça de levantar de manhã, vocês viram que ele tem 82 anos e ele falou que o que ele mais quer é trabalhar essa terra dele, com 82 anos. O Brasil, meu caro, eu vou dizer para vocês, companheiras e companheiros, um país que tem um ser humano capaz de lutar o tanto que este senhor lutou e esperar embaixo de um encerado preto o tempo que ele esperou, e depois dizer que o que ele mais quer não é se aposentar, o que ele mais quer é trabalhar a terra dele, este país merece uma chance. E nós, se Deus quiser, vamos realizar essa chance.

Eu quero me despedir de vocês, companheiros, porque daqui a pouco baixa a chuva aí e eu não consigo sair daqui.

Quero dizer para vocês, companheiros, que fiquem certos, eu vi o Prefeito aqui falar das casas de Eunápolis, nós temos muitas casas para fazer, mas eu queria dizer para você o seguinte, meu caro Walmir, fique tranqüilo que nós estamos começando. O Graziano está aqui comigo, já dei ao Graziano a incumbência de estudar, de forma muito criteriosa, o índice de produtividade, que faz mais de 20 anos que não é mexido neste país. Então, nós temos que mexer nele para fazer mais justiça neste país. Quando a gente for fazer, vai ter gente que não vai gostar, e nós sempre iremos fazer aquilo que seja o equilíbrio entre os desejos de uns e os não desejos de outros. Mas, fiquem tranqüilos, que nós logo, logo, vamos apresentar, é um decreto do companheiro Miguel Rossetto, logo, logo a gente vai apresentar o índice de produtividade, para que a gente possa desapropriar mais terras, assentar mais gente e fazer mais justiça social.

Muito obrigado, fiquem com Deus e boa sorte!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
abertura da Feira Nacional de Agricultura Familiar e Reforma Agrária**

Pavilhão ExpoBrasília do Parque da Cidade

Brasília-DF, 29 de setembro de 2005

Primeiro, companheiros ministros Patrus, companheiro Rossetto, Fritsch,
O Jacques Wagner está aqui atrás, está cansado de articular,
Companheiras e companheiros deputados,
Nossa senadora,
Minha mulher,
Meus companheiros e companheiras,

Eu acredito que esta Feira, se a nossa querida imprensa nos ajudar e
você montarem um esquema de divulgação da Feira, normalmente em
Brasília, na televisão de sexta-feira, tem as atividades culturais da semana,
poderiam colocar esta Feira como atividade cultural, acho que podem vir mais
de 100 mil pessoas, porque na hora em que o povo de Brasília souber que tem
uma Feira, organizada pela agricultura familiar, que tem produtos orgânicos da
melhor qualidade, que as pessoas que plantaram, que cavaram a terra,
colocaram a mão, a semente, ou fizeram a caixa para colher o mel, estão aqui,
elas próprias vendendo seus produtos, eu penso que muita gente terá interesse
de vir aqui para conhecer.

Eu até brinquei com a imprensa, amanhã eles não têm muito trabalho,
sábado também não, podem pegar as esposas, as mães, os pais e vir aqui
nesta Feira.

A segunda coisa é dizer para vocês o seguinte: eu estou, hoje, mais



convencido do que estava ontem e mais convencido do que estava quando fui candidato a Presidente da República, de que de vez em quando nós inventamos sarna para nos coçar, quando a gente quer defender a agricultura familiar, a gente ataca o agronegócio, e quando a gente quer defender o agronegócio, ataca a agricultura familiar.

Primeiro, o Brasil é tão extraordinário que precisa das duas, precisa da agricultura empresarial e precisa da agricultura familiar, por razões, algumas iguais, e por coisas totalmente diferenciadas. A primeira é que a agricultura familiar, ela permite, sobretudo, a manutenção da pessoa na terra, o que é uma coisa extraordinária. Ela pode não gerar o emprego de carteira assinada, mas gera o posto de trabalho para a pessoa da família que trabalha.

Segundo, a gente pode tratar os produtos com muito mais carinho, a gente pode ter menos pesticida, a gente pode jogar menos droga nas coisas que se planta, portanto, a gente pode oferecer um produto de maior qualidade na casa das pessoas.

Terceiro, o campo, no Brasil, que ainda tem uma quantidade de pessoas razoável vai ter muito mais a partir de agora. Primeiro porque o crédito, que era uma coisa inatingível, aqui eu estou falando para o Brasil inteiro, mas eu sei que tem muito gaúcho, muita gente de Santa Catarina, muita gente do Paraná, vocês se lembram que quando se anunciava o Pronaf, até outro dia, 80% dos recursos do Pronaf saíam para os estados do Sul do país, que era onde tinha maior organização, era onde tinha mais cooperativa, era onde tinha mais experiência. E o restante do Brasil ou não pegava quase nada, porque não tinha a cultura de pegar, ou porque o gerente do Banco do Brasil não sabia mais emprestar, ou porque as pessoas não estavam preparadas, é que as pessoas ficavam relegadas ao segundo plano.

Desde 2003 até agora – e eu vou dar o número só para vocês lembrarem: em 2003 foram liberados, do dinheiro que estava disponibilizado, 2 bilhões e 400 milhões. Este ano, agora, já liberou, terminou o Plano Safra em



julho, 6 bilhões, 200 milhões de reais, ou seja, três vezes mais. E nós disponibilizamos 2 bilhões a mais para a safra que começa agora e termina em julho do ano que vem.

E eu disse ao Rossetto, disse aos companheiros da Contag, porque nós fomos lançar o Plano Safra no Nordeste, dessa vez, pelo menos eu, o Rossetto está lançando todo dia, pelo Brasil afora, nós dissemos, lá em Pernambuco, que nós temos 9 bilhões disponibilizados. Mas, se chegar no mês de março, no mês de fevereiro ou janeiro do ano que vem, e tiver faltando dinheiro, eu disse aos trabalhadores que podem ficar tranquilos que a gente vai arrumar mais dinheiro, porque os gerentes do Banco do Brasil já estão mais preparados para emprestar.

Nós estamos tomando as medidas para facilitar que as cooperativas de crédito possam ter um trabalho mais importante do que já têm hoje. Nós estamos tomando medidas para que as pessoas possam pegar um pouco mais de dinheiro. E fazemos isso porque acreditamos que a Agricultura Familiar é um dos pilares que podem ajudar o Brasil a se transformar num país altamente desenvolvido. Basta que as pessoas, com a simpatia que vocês me trataram hoje, tratem os visitantes a partir de agora.

Aquele sorriso do Manezinho de Santa Catarina, uma boa cuia de chimarrão para os visitantes, uma boa carne de bode, Mané, não buchada, aqui está muito calor. Mas uma boa carne de bode, ou seja, quem sabe aí alguém oferecer uma cachacinha das Minas Gerais, ou seja, se vocês fizerem...

Esta Feira foi feita no ano passado, está sendo feita agora, esta Feira, certamente, vai entrar no programa cultural de Brasília daqui para frente. Na hora em que as pessoas comecem a gostar, ela não deixará de existir mais. Imagine, por exemplo, aquele cidadão levantando aquela foto, daquela senhora bonita com aquela enxada, mostrando que ela mesma que cava a terra, que planta e que colhe, isso realmente vai ajudar muito. É a companheira, dona



Celina, a nossa prefeita que foi assassinada.

Mas olhe, eu queria dizer para vocês que estou feliz, estou orgulhoso do trabalho de vocês, conheço profundamente o trabalho de vocês, porque há pelo menos 20 anos eu ando escarafunchando o que faz a Agricultura Familiar neste país. E quero dizer para vocês que desejo toda a sorte do mundo para vocês. Vocês estão, hoje, dando um passo extremamente importante.

Eu acho, Rossetto, que essa experiência de Brasília, quem sabe possa ser levada para outras capitais brasileiras, até a gente transformar isso num hábito do povo da capital, de que em tal época vai ter uma feira importante, sobretudo nos principais capitais do país. Portanto, Rossetto, meus parabéns, meus parabéns às pessoas que trabalharam para organizar isto, porque a gente chega aqui, está tudo pronto, arrumado, a gente não tem dimensão do sacrifício que vocês fizeram para fazer esta Feira, aqui.

Normalmente as pessoas que carregam um piano não são lembradas, normalmente não são. A gente só lembra de quem está tocando, como vocês agora estão me vendo, aqui, tocar piano, mas quem carregou o piano, quem afinou o piano, foram vocês. Então, meus parabéns, eu desejo sucesso. Eu quero declarar aberta esta 2ª Feira da Agricultura Familiar.

Boa sorte e meus parabéns!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de atos entre Brasil e Venezuela, por ocasião da
Cúpula Sul-Americana**

Palácio do Planalto, 29 de setembro de 2005

Meu caro amigo e presidente da Venezuela, Hugo Chávez,

Meu caro amigo Ali Rodriguez, ministro de Relações Exteriores da
Venezuela,

Meu caro companheiro embaixador Celso Amorim, ministro de Estado
das Relações Exteriores,

Meus queridos companheiros ministros brasileiros e ministras,

Caros companheiros e ministros das Relações Exteriores dos países
participantes da 1ª Reunião da Cúpula Sul-Americana de Nações,

Meu caro Rafael Ramirez Carreño, ministro de Energia e Minas e
presidente da Petróleo da Venezuela S.A. – PDVSA,

Meus queridos companheiros deputados, senadores,

Meu caro governador do estado de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos,

Meu caro governador do Acre, Jorge Viana,

Senadores Aloizio Mercadante, Delcídio Amaral, José Jorge, Romero
Jucá e Tião Viana,

Já que está aqui, eu vou ler todos os deputados: Agnaldo Muniz, André
de Paula, Arlindo Chinaglia, Carlos Abicalil, Carlos Eduardo Cadoca, Doutor
Rosinha, Eduardo Campos, Fernando Ferro, Guilherme Menezes, Jorge
Gomes, José Borba, José Chaves, José Pimentel, Luciano Zica, Maurício
Rands, Pedro Corrêa, Renildo Calheiros e Wasny,



Meus amigos integrantes da comitiva da Venezuela,
Vice-governador do estado de Pernambuco, José Mendonça,
Meu querido companheiro João Paulo de Lima e Silva, prefeito de Recife,

Nosso querido companheiro José Sérgio Gabrielli de Azevedo, presidente da Petróleo Brasileiro, da Petrobras,

Nosso querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero, Humberto Costa, nosso ex-ministro da Saúde,

Companheiro Silas, que é o nosso ministro de Minas e Energia,

Meus amigos e minhas amigas,

Normalmente, quando vem muita gente, a nominata é maior do que o discurso. Mas vocês terão paciência.

Primeiro, eu queria dizer ao presidente Chávez e à sua delegação que o que estamos fazendo hoje é a concretização de um sonho, como disse o Chávez, alimentado por muitos combatentes que ao longo de séculos marcaram a História da América Latina. O sonho da integração, o sonho de não permitir que a geografia, marcada por cada um dos governos, deixasse com que estivéssemos tão próximos mas, ao mesmo tempo, estivéssemos tão distantes, como sempre estivemos.

No caso do Brasil, presidente Chávez, sempre prevaleceu uma cultura de que a nossa relação preferencial era com os Estados Unidos e com a União Européia e que os países pobres deveriam ser secundarizados nas nossas relações.

Passamos anos, é só olhar o mapa do Brasil que qualquer um, de mediana inteligência, vai perceber que todo o desenvolvimento do Brasil se deu exatamente voltado para os colonizadores. Foi na nossa costa marítima, onde se deu todo o desenvolvimento, nesses 500 anos. E poucas vezes se pensou em fazer com que o Brasil se desenvolvesse para dentro, na sua fronteira com



todos os países da América do Sul. Aliás, muitas vezes achamos que os países da América do Sul eram nossos inimigos, e eles achavam que o Brasil era inimigo deles.

Eu conversei com muitos presidentes, desde que tomei posse, e eu ouvi muita coisa sobre o Brasil. Por exemplo, teve Presidente que me disse que passou 30 anos da vida dele acreditando que o Brasil era imperialista e que, portanto, era preciso tomar cuidado com a relação com o Brasil.

Tinha presidente que tinha medo das empresas brasileiras e não tinha medo das empresas americanas, européias ou japonesas, porque foi um caldo de cultura, criado ao longo de muitos e muitos anos, que fez com que nós fôssemos tão afastados.

Eu me lembro, Chávez, que mesmo quando eu era dirigente sindical, eu recebia, pelo menos 10 ou 15 convites por ano para viajar para Europa e para viajar para os Estados Unidos. E convidamos, também, todo ano, dirigentes sindicais da Europa e dos Estados Unidos para virem ao Brasil, e nós não tínhamos o hábito de ter relações com o movimento sindical da América do Sul. Tínhamos um PIT-CNT do Uruguai, que tinha muitos companheiros exilados no Brasil, com quem tínhamos relações boas.

Mas a verdade é que também os dirigentes sindicais de outros países da América do Sul – e você conhece bem os da Venezuela – tinham relações com o mundo inteiro, mas não tinham relações entre nós.

Eu acho que nós devemos, o que está acontecendo hoje... primeiro, a decisão política dos dois países, dos dois Presidentes. Mas, sobretudo, eu não poderia deixar de mencionar, aqui, Chávez, o trabalho que os nossos ministros das Relações Exteriores fizeram nesse tempo. Eu penso que a disposição do ministro das Relações Exteriores da Venezuela, o nosso companheiro Ali, a abnegação do nosso companheiro Celso Amorim, porque não basta os Presidentes decidirem, porque muitas vezes decidimos e as coisas não acontecem. Ou seja, o que é importante é que as pessoas que vão executar



essa relação, acreditem naquilo que estão fazendo. E eu posso dizer que eu não sei em que momento da história da diplomacia brasileira nós tivemos um companheiro que acredita na integração, como o companheiro Celso Amorim. Acho que poucas vezes nós tivemos, pouquíssimas vezes.

E o presidente Chávez também escolheu, para ministro das Relações Exteriores, um companheiro que acredita, que não vê nessa relação com o Brasil uma disputa, mas que vê nessa relação com o Brasil uma relação harmoniosa que, certamente, vai fazer bem para o Brasil, para a Venezuela e para todos os países da América do Sul.

É por isso que nós, hoje, estamos aqui, não apenas assinando os acordos, mas nós estamos aqui para inaugurar a primeira reunião de uma coisa que parecia impossível, aos olhos teóricos de alguns analistas, de que o Brasil, a Venezuela e os outros países da América do Sul constituíssem a Comunidade Sul-Americana de Nações.

Nós, com a consciência de que essa comunidade que tem que ser integrada do ponto de vista político, cultural, do ponto de vista comercial, mas, sobretudo, tem que ser integrada do ponto de vista da nossa infra-estrutura, porque sem comunicação, sem energia, sem pontes, sem ferrovias, sem hidrovias, sem estradas, sem aeroportos, não há integração. Haverá discursos, mas não integração de verdade, não haverá.

Nós, certamente amanhã, teremos tempo de discutir uma série de coisas mas, o mais importante é a gente dar uma reparada no mapa da América do Sul e ver a quantidade de obras que está sendo executada, em parceria entre um ou mais governos. Esse é o resultado concreto.

E certamente, presidente Chávez, isso incomoda. Incomoda porque as pessoas estavam habituadas a decidirem e nós a dizermos “amém”. Agora, nós não queremos tirar nada de ninguém, nada. A única coisa que nós queremos dizer ao mundo é que eles percebam que nós gostamos de nós, que nós nos respeitamos e que nós queremos ser ouvidos enquanto países soberanos,



donos das soluções para os seus problemas, e que queremos partilhar essas coisas, que queremos partilhar esse nosso sucesso com os nossos irmãos, porque eu aprendi uma coisa, Chávez, que eu utilizei muito tempo, em que eu dizia: “felicidade, ou a gente reparte ou a gente perde, porque não é possível a gente ser feliz sozinho”. Ora, não é possível nenhum país nosso ser rico e, em torno de si, ter um exército de miseráveis, ter um exército de pessoas passando fome.

Então, se nós pudermos, tivermos a sabedoria de fazer com que tudo o que possamos produzir possa ser partilhado entre nós, será melhor para todo mundo. E nós ousamos, um dia, dizer que era possível mudar a geografia comercial do mundo.

Quando nós afirmamos isso, mais ou menos há dois anos atrás, havia quem nos chamasse de megalomaníacos: “Esse Lula está com megalomania”. A verdade nua e crua é que essas coisas estão acontecendo. Não queremos brigar com ninguém, não queremos ter nenhum adversário. Se for possível conquistar isso só construindo amizades e relações positivas, tanto quanto melhor, que é o nosso desejo. Mas não aceitamos, em hipótese alguma, que alguém diga os passos que temos que dar e o tamanho dos passos que nós temos que dar. Afinal de contas, já faz muito tempo que nós conquistamos a nossa Independência.

E quando Venezuela e Brasil, mais ainda, quando a gigante PDVSA e a gigante Petrobras, porque são quase dois governos, têm mais dinheiro do que os próprios governos, as duas resolvem tomar a decisão de construir, com muita paciência e com muito tempo, um acordo que permite tirar petróleo e gás e, ao mesmo tempo, refiná-lo, em parceria, e, ao mesmo tempo, tentar construir juntas navios para transportar e vender esse petróleo, nós estamos dando um passo gigantesco. Um passo, eu diria que, possivelmente, esteja onde estiver Bolívar, esteja onde estiver o nosso Tiradentes, herói da nossa Independência, certamente ele estará pensando: “Puxa vida, demorou 200



anos, mas está acontecendo agora o que deveria ter acontecido há muito tempo atrás”.

Como eu já fiz o discurso, eu não vou precisar ler, aqui. Mas, Chávez, eu queria te dizer uma coisa, aproveitando os nossos deputados, aproveitando os nossos ministros e os nossos convidados, que passarão dois dias conosco.

Você sabe que aqui, essa decisão nossa, nós temos que dizer que fazer uma refinaria em Pernambuco, não apenas para mim, como pernambucano, mas a homenagem histórica que você quer prestar ao general Abreu e Lima, eu acho que é justa. Certamente tem outros estados que precisam de refinaria. Agora, quem sabe, um dia, nós teremos que fazer outras. Mas, o dado concreto é que foi a PDVSA e o presidente Chávez, que como sócios nossos nesse empreitada, colocaram a necessidade de ser em Pernambuco essa refinaria. E obviamente que um sócio importante, como a PDVSA, tem que ter um pedido muito carinhosamente aceito, porque não é todo dia que arrumamos um sócio da importância da PDVSA. A PDVSA que, antes do governo Chávez, era uma empresa tão poderosa como é hoje, mas que pensava diferente do que pensa hoje.

Eu me lembro de uma vez em que o presidente Chávez, num sufoco muito grande, os empregados fizeram uma greve de vários dias contra ele na PDVSA, o presidente ainda era o Fernando Henrique Cardoso, e o Chávez tinha feito um pedido de gasolina, e os trabalhadores da PDVSA, naquela época, denunciavam no mundo, os que saíram, que eu estava traindo os trabalhadores da PDVSA, porque estava mandando gasolina para a Venezuela.

Eu acho que hoje a PDVSA é uma empresa que sabe, antes de tudo, que ela é uma empresa venezuelana e, portando, tudo que ela poder fazer de bom com o seu potencial tecnológico, com o seu potencial de produção, de exploração, de refino, ela sabe que tem que dar resultados para melhorar a vida do povo da Venezuela.



Ouso dizer para vocês, aqui, que não sei se em algum momento da história, a PDVSA, ou melhor, a Venezuela, teve um presidente que utilizou tão bem os recursos do petróleo para ajudar ao povo pobre da Venezuela e a desenvolver a Venezuela.

Meu caro amigo Chávez, que já não está tão mais... eu não sei se vocês sabem, o Chávez era meio demonizado, aqui, no Brasil. Durante a campanha, alguns adversários meus diziam: “não pode votar no Lula, que ele vai fazer o que o Chávez está fazendo na Venezuela”. E, agora, nessa crise, também disseram, eu fui fazer um comício com o povo e disseram: “é, ele quer fazer que nem o Chávez”.

Primeiro, eu jamais poderia fazer as coisas que o Chávez faz, porque ele é mais jovem do que eu, o país tem muito mais petróleo do que o meu. Mas a verdade, a verdade nua e crua, é que este homem que está aqui sorridente hoje, alegre, já comeu o pão que o diabo amassou nos seus primeiros quatro anos de mandato.

Eu não sei se a América Latina teve um presidente com as experiências democráticas colocadas em prática na Venezuela. Um presidente que ganha as eleições, faz uma Constituição e propõe um referendo para ele mesmo; faz um referendo e ganha as eleições outra vez. Ninguém pode acusar aquele país de não ter democracia. Poder-se-ia até dizer que tem excesso.

Mas, de qualquer forma, este homem, que apanhou como pouca gente apanhou, e o Brasil teve um papel importante, ajudando, conversando, dialogando, este homem, hoje, se transforma num companheiro da maior importância. Não um companheiro do Lula ou um companheiro do Brasil, mas um companheiro da integração. Acho que o Chávez, hoje, é um presidente que a cada dez palavras que fala, ele cita a integração, porque é o que nós acreditamos. Eu não me conformo de ver um país da América do Sul comprando carro de outro Continente, quando nós podemos produzir aqui, na América do Sul.



Então, nós temos todas as condições. E a PDVSA e a Petrobras, que são nossas duas grandes gigantes, estão nos dando uma extraordinária demonstração de que aquilo que parecia impossível não é mais impossível. Eu aprendi também, viu Chávez, que o impossível é apenas mais difícil, mas a gente sempre consegue fazer as coisas que parecem impossíveis.

E quero terminar, aqui, dizendo que muita coisa vai acontecer na América do Sul, ainda. Muita. Obviamente que nós temos que vencer barreiras culturais, hábitos políticos, que não é uma coisa fácil. Mas nós vamos vencer, nós vamos vencer.

E eu queria dizer a todos vocês que é importante lembrar que, se Deus quiser, daqui a uns 30 ou 40 dias, vamos acertar direitinho a questão do terreno, eu vou visitar com o Governador, e aí, Chávez, nós vamos convidá-lo para a terra de Abreu e Lima. E até lá você aprenda a “hablar portunhol”, português, para que possa fazer um grande discurso em português e toda a gente entender perfeitamente.

Porque eu acho que, muitas vezes, os mais humildes não entendem, mas eles sentem, porque, quando as pessoas falam a verdade, Chávez, eu acho que as almas se comunicam, acho que o coração se comunica.

E eu acho que a Venezuela e o Brasil, com esse acordo que firmamos hoje, estão dizendo ao mundo, estão dizendo ao povo da Venezuela e ao povo do Brasil, estão dizendo à América Latina, que a integração não é mais um desejo, é uma realidade.

Meus parabéns. Parabéns ao estado de Pernambuco. Parabéns ao Governador. E se Deus quiser, Chávez, mais acordos faremos.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da Primeira Reunião de Chefes de Estado da Comunidade Sul-Americana de Nações (Casa)

Palácio Itamaraty, 30 de setembro de 2005

Senhores presidentes,
Senhores ministros de Estado,
Senhores e senhoras senadores,
Senhores e senhoras deputados federais,
Senhores integrantes das delegações presentes à primeira reunião da Comunidade Sul-Americana de Nações,
Meus amigos e minhas amigas,

É com honra, alegria, e sobretudo emoção, que dou boas vindas aos meus colegas e amigos presidentes que aqui se encontram para reafirmar o compromisso comum com a integração da América do Sul. Estamos animados por um mesmo sentimento.

A Comunidade Sul-Americana de Nações é muito mais do que uma construção política e jurídica, fruto de voluntarismo. Somos 350 milhões de homens e mulheres, determinados a realizar todas as potencialidades de uma região dotada de imensos recursos naturais e humanos. Uma região banhada pelo Atlântico, pelo Pacífico e pelo Caribe. Um vasto e diversificado território que se estende da Amazônia até a Terra do Fogo, que reúne as alturas dos Andes e as Planícies Patagônicas, a exuberância do Pantanal e as paisagens lunares dos desertos bolivianos e chilenos.

Possuímos uma economia complexa e diversificada com um PIB superior a 1 trilhão de dólares. Temos palcos industriais competitivos e uma



agricultura capaz de tornar-se o celeiro do planeta. Dispomos de três bens que serão fundamentais para o futuro da humanidade: água, alimentos e energia de múltiplas fontes. Reunimos centros de ensino e universidades que produzem considerável pesquisa científica e inovação tecnológica.

Abrigamos uma exuberante produção artística e cultural. Acima de tudo, contamos com a diversidade e a tranqüilidade dos nossos povos. Ostentamos uma tradição de convivência pacífica e de tolerância que se fortalece nos valores da democracia e da solidariedade. Por isso, fomos capazes de superar o obscurantismo da ditadura, estimuladas pela Guerra Fria e reafirmar o nosso respeito aos direitos humanos.

A democracia política que estamos construindo nessa região dá impulso na medida em que avançamos na construção de uma democracia econômica e social. Temos graves problemas sociais, mas também a clara determinação de resolvê-los. Queremos fazer do nosso Continente uma região de paz, apta a resolver seus contenciosos com os instrumentos da negociação política.

A América do Sul junta-se às demais grandes unidades geográficas do mundo, que dispõem, todas, de mecanismos de concertação política e econômica.

Meus caros amigos,

Estamos reunidos aqui para aprofundar os compromissos que assumimos em Cusco, em dezembro passado. Naquela ocasião, lançamos as bases da Comunidade Sul-Americana de Nações. Afiançamos nossa convicção em uma história compartilhada, em um destino comum.

Estamos decididos a concretizar um sonho de integração e unidade que animou os próceres de nossa independência. Vencemos o ceticismo e os preconceitos.

A comunidade da América do Sul, já dispõe de um valioso patrimônio acumulado. Contamos com esquemas profundos de integração sub-regional, que se vêm aperfeiçoando ao longo das últimas décadas e que continuarão a



ser objeto de nossa atenção prioritária. O Mercosul, a Comunidade Andina, a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica e o Sistema da Bacia do Prata testemunham a busca de respostas positivas aos nossos desafios comuns.

Não queremos duplicar esforços nem estruturas institucionais. Desejamos a articulação das várias instâncias de diálogo, coordenação e integração que já possuímos. Não abandonamos nosso ideal latino-americano, reforçamos nossa identidade coletiva, agregamos valor ao projeto de uma América Latina e de um Caribe fortes e coesos. Hoje, aprovaremos o Programa de Ação que encomendamos em Cusco, ele orientará o nosso trabalho no futuro.

Na prática, já avançamos na construção de uma verdadeira Área de Livre Comércio de toda a América do Sul. Devemos aprofundá-la e aperfeiçoá-la. Em 2004 nossas trocas intra-regionais aumentaram 25%, alcançando o valor histórico de 83 bilhões de dólares. Nossos empresários começam a ver na América do Sul um grande mercado para seus produtos e importante plataforma de exportação para outros continentes. Teremos sempre em mente as assimetrias e os diferentes graus de desenvolvimento de nossas economias.

Os acordos entre o Mercosul e a Comunidade Andina mostram que é possível harmonizar interesses. A integração das cadeias produtivas dará a nossos países melhores condições para a inserção competitiva na economia globalizada. O alicerce da Comunidade Sul-Americana é a integração da infraestrutura física. Estamos dando passos firmes na execução dos projetos que elegemos como prioritários no marco da Iniciativa de Integração da Infra-Estrutura Regional Sul-Americana, IIRSA.

Avança, significativamente, a criação de uma malha de conexões energéticas, viárias e de comunicações entre os nossos países. De Norte a Sul, de Leste a Oeste, estamos impulsionando a construção de estradas, hidrelétricas e gasodutos. Essas obras têm forte impacto multiplicador sobre a



geração de empregos, a captação de investimento, o estímulo ao comércio e a melhoria das condições de vida de nossas populações.

O Brasil já participa ou participará diretamente em pelo menos um projeto de integração física em cada um dos países da América do Sul. Sei que determinação semelhante anima todos os meus colegas sul-americanos. Junto com os presidentes Toledo, do Peru, e Rodríguez, da Bolívia, lançamos, há poucos dias, o início das obras da Rodovia Inter-oceânica. Essa estrada liga mais do que dois oceanos, ela integra e desenvolve o coração do Continente, resgata populações esquecidas, protege o meio ambiente, tira do isolamento regiões marginalizadas e projeta competitividade de nossos produtos em todo o mundo.

A integração energética, negligenciada no passado, passou a ter a relevância estratégica que merecia. Estamos coordenando esforços na exploração do petróleo e do gás. Daí surgiram iniciativas como a Petrosul, lançada por Venezuela, Brasil e Argentina, mas aberta a todos os países da região. Compartilhamos tecnologia na produção de combustíveis limpos e renováveis, como é o caso do etanol e, mais recentemente, do biodiesel. Avançamos na interconexão elétrica de nossos países. Abraçamos, agora, o desafio de desenvolver uma rede sul-americana de gasoduto, criando um verdadeiro anel energético continental.

Meus amigos, a casa que estamos construindo requer soluções inovadoras de financiamento e exige também o empenho do nosso empresariado. Por meio do BNDES e do Proex, o governo brasileiro tem financiado a exportação de bens e serviços para a realização de obras com interesse direto para a integração continental. Encontra-se em andamento, na região, 43 projetos de infra-estrutura com financiamento brasileiro, num total de 4 bilhões e 300 milhões de dólares. Para alavancar ainda mais a nossa capacidade de financiamento, o Brasil tomou a iniciativa de incorporar-se como membro pleno da Corporação Andina de Fomento, aumentando



significativamente nossa participação no capital da instituição.

Esperamos que em breve, a CAF possa contar com a participação de todos os países da região. Este será um passo decisivo na direção de um Banco Sul-Americano de Desenvolvimento.

A valorização dos Convênios de Créditos Recíprocos, os CCR, é outra ferramenta poderosa para levantar os recursos necessários à nossa integração. Vamos hoje avançar na harmonização de critérios e normas comuns de financiamento em nossa região.

Senhores Presidentes,

É imprescindível aprofundar o diálogo político entre nossos países. O Foro de Consulta e Concentração Política do Mercosul já conta com a participação de dez parceiros sul-americanos. A adesão da Guiana e do Suriname à iniciativa, criará um verdadeiro mecanismo de coordenação política regional. Vivemos em um mundo difícil, sobretudo para os países em desenvolvimento.

Enfrentamos novas ameaças à segurança coletiva e ao crescimento. Unidos, estaremos melhor habilitados para fazer valer nossos interesses coletivos e contribuir para uma ordem internacional mais democrática e mais eqüitativa.

A América do Sul começa a ser vista como importante interlocutor em temas centrais na agenda internacional. O encontro inédito que promovemos com o Mundo Árabe, em abril deste ano, testemunha a contribuição que podemos oferecer ao diálogo entre civilizações e à formação de parcerias inovadoras.

Em sua recente visita ao Brasil, o presidente Obasanjo, da Nigéria, expressou o desejo de organizar uma Cúpula entre a América do Sul e a África. Alarga-se o horizonte de oportunidades para o conjunto de nosso Continente.

Nossos sócios do mundo em desenvolvimento apostam na capacidade de encontrarmos respostas conjuntas para os desafios do crescimento com



justiça social.

As iniciativas Sul-Sul de nossa cooperação internacional não prejudicam relações tradicionais e indispensáveis com nossos parceiros industrializados. Partem da constatação evidente de que alcançamos níveis de maturidade política e econômica, que nos habilitam a ampliar nossos horizontes de atuação.

Ao chegarmos de cabeça erguida nas negociações internacionais, somos mais respeitados. A presença significativa de países sul-americanos na missão das Nações Unidas no Haiti, é exemplo da contribuição que podemos prestar para a promoção da paz e da segurança.

Estabelece um novo paradigma de cooperação internacional, em que a reconstrução econômica e social é a chave para a solução duradoura dos conflitos. Permite vislumbrar o aprofundamento de nossa cooperação e integração em matéria de defesa e segurança. No Haiti, não queremos impor soluções políticas. Lá, respeitamos os direitos humanos e o pluralismo político.

Recusamos a prepotência e a arrogância, próprias dos que têm nostalgia das aventuras coloniais. Sabemos que cabe somente aos haitianos, decidir sobre o seu futuro.

Senhores presidentes,

A integração da América do Sul tem uma dimensão essencialmente humana. Ao longo de nossas fronteiras se fortalecem os marcos de nossa união. Nelas, o cidadão sul-americano constrói quotidianamente a integração com que sonhamos. Por isso, necessitamos de uma agenda de cooperação para nossas regiões fronteiriças.

Estaremos dando um passo fundamental na construção de uma cidadania sul-americana com o acordo que dispensa visto de turista e passaporte no trânsito dos nossos cidadãos na região. Em nosso Continente Sul-Americano, não precisaremos de muros.

A verdadeira integração se faz por meio das pessoas, e vai além dos



esforços de abertura de nossos mercados. Implica na criação de uma identidade cultural e a valorização de nossa herança comum. O Brasil tomou uma medida pioneira nessa direção, ao aprovar a lei que torna obrigatório o ensino do espanhol em nossas escolas. As gerações futuras de brasileiros terão o espanhol como segunda língua, assim como terão a América do Sul como nossa segunda pátria. Esperamos que, crescentemente, o português também venha a ser lecionado nos outros países sul-americanos. Estamos prontos a contribuir para que isso ocorra.

Agradeço ao meu colega, presidente Alejandro Toledo, o excelente trabalho desenvolvido pelo Peru desde a histórica reunião de Cusco. Sua visão e determinação permitiram o surgimento de nossa Comunidade. Estou certo de que encontraremos o mesmo entusiasmo da parte do governo boliviano, que estará a cargo da organização da nossa próxima Cúpula.

Permitam-me apenas um comentário final. Compartilho o sentimento que tem atravessado todas nossas reuniões presidenciais. É necessário menos retórica e mais ação. Por essa razão, trouxemos para este nosso encontro uma pauta de questões concretas e cruciais para o futuro de nossos países e de nossa região. Elas expressam a visão estratégica que estamos desenvolvendo sobre o nosso Continente.

Sei que temos problemas e responsabilidades que exigem nossa atenção e presença cotidianas em nossos países, o que limita nossa assistência a compromissos internacionais. Mas a experiência nos mostra que, em um mundo interdependente como o nosso, não podemos ficar confinados em nossas fronteiras nacionais. Aprendemos que nossas iniciativas internacionais, sobretudo aquelas em nosso entorno regional, são fundamentais para os destinos de nossos países. E o Brasil decidiu associar o seu destino ao futuro e ao destino da América do Sul.

Muito obrigado.



Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento da reunião de Chefes de Estado da Comunidade Sul-Americana de Nações (Casa)

Palácio Itamaraty, 30 de setembro de 2005

Bem, meus amigos, poderia chamá-los de meus companheiros e companheiras aqui presentes.

No final desta reunião, eu não poderia deixar de agradecer, primeiro, a presença de todos vocês, segundo, a crença de que é possível construir um mundo melhor, e que trouxe vocês a este Encontro. Terceiro, agradecer ao presidente Toledo pelo trabalho primoroso que fez, enquanto Presidente Pró-Tempore da Comunidade.

Segundo, agradecer ao companheiro Duhalde, pela dedicação, esse tempo todo, na Direção do Mercosul. Eu não sei se o Duhalde sempre foi assim, porque eu o conheci muito pouco quando era presidente da Argentina, mas eu poucas vezes vi um dirigente político despojado, com vontade de fazer as coisas, sem perguntar para quem e para quê, como o Duhalde se comportou nesse período em que eu o conheço. Portanto, Duhalde, os meus mais sinceros parabéns pelos serviços prestados à Argentina, ao Mercosul, e eu penso que há um pouco de todos nós aqui.

Dizer aos meus amigos que nós estamos iniciando um processo, que não é uma tarefa fácil construir e consolidar uma Comunidade, respeitando assimetrias, levando em conta a cultura de cada Nação, as dificuldades. Exige de nós muito mais disposição de trabalhar e muito mais paciência, para que a gente possa conviver, muitas vezes com coisas com que nós não concordamos.



Dizia Toledo: “a Europa levou quase meio século para chegar onde chegou e, faz pouco tempo, nós vimos a França e a Holanda recusarem, através do voto direto do seu povo, a construção de uma Constituição única para a Europa”. Já tinha havido outros momentos em que alguns países não votaram na aceitação de uma única moeda. E isso é assim mesmo. Nós não temos que ficar nervosos, nós não temos que perder a paciência, porque isso é um processo de maturação, é um processo de aprendizado.

Eu, pelo que ouvi alguns amigos falarem aqui, esse Projeto da IIRSA começou em 2000 a ser debatido. Eu me lembro que na primeira reunião que fizemos, no Paraguai, logo depois da posse do Presidente Nicanor, eu propus que nós fizéssemos uma reunião específica para discutirmos os principais projetos de interesse dos países. Somente hoje é que nós fizemos essa discussão. Porque antes passou pelos técnicos da Capes, pelos técnicos do BNDES, pelos Ministros de Infra-Estrutura de alguns países. E quase três anos depois é que os Presidentes da República se depararam diante do conjunto de obras que foram definidas como prioridade.

Agora, se nós olharmos no tempo em que começamos a trabalhar, efetivamente, com o espírito de construir uma coisa na América do Sul e na América Latina, nós vamos perceber, e eu concordo contigo, Duhalde, nós avançamos de forma extraordinária.

Eu me lembro que quando ganhei a Presidência da República, a minha primeira conversa com o Duhalde era se o Mercosul iria sobreviver ou não, porque os presidentes anteriores já tinham colocado o Mercosul como uma coisa praticamente terminada.

Se nós analisarmos o que avançamos nesses três anos na relação entre os países, mesmo na relação comercial, nós vamos perceber quanto tempo nós perdemos e o que poderíamos ter avançados se há 30 anos atrás tivéssemos feito o que fizemos nesses poucos anos. O que nós esperamos?

Muitos de nós, aqui, tem mais um ano de mandato. Uns, serão



candidatos. Outros, não podem ser candidatos. Uns, irão ganhar. Outros, irão perder. Ora, nós não podemos permitir que em função de um ano eleitoral em que um candidato não vai ser candidato, porque não pode ser candidato, que diminua a sua disposição política de trabalhar para consolidar o que estamos fazendo. Esse, possivelmente, será o legado que deixaremos para as novas gerações e tem que ser muito bem consolidado, porque muitas vezes não sabemos o que vem depois de um governo, não sabemos a disposição política do outro. Por isso, é importante a participação da sociedade na discussão das coisas que fazemos aqui, para que não seja uma coisa de um presidente, mas para que seja uma coisa definida pela vontade da maioria dos povos que nós representamos.

Eu quero dizer de coração para vocês, eu, às vezes, Chávez, fico pensando se devo fazer mais uma viagem. Às vezes fico pensando se não seria melhor eu ficar no Brasil resolvendo os meus problemas do que fazer uma viagem. Entretanto, como eu acredito que a arte da política é a arte do diálogo, é a arte da conversa, é a arte da convivência, é o olhar, é o pegar na mão, é a divergência, é a convergência, eu, mesmo contrariado, tenho feito muitas viagens. E podem ficar certos que, até o final do meu mandato, vou fazer tantas quantas viagens eu entender que podem ajudar na construção da unidade Sul-Sul, da unidade da América do Sul, da unidade da América do Sul a América Latina, da unidade da América do Sul e África, porque eu acho que nós já fizemos coisas que muitos estudiosos não acreditavam que pudessem ser feitos, muitos.

Não era qualquer estudioso que acreditava que nós pudessemos, em três anos, chegar onde nós chegamos. Não era qualquer estudioso que acreditava que nós pudessemos, através do G-20, chegar a ter a participação que nós temos na Organização Mundial do Comércio. Não era qualquer estudioso que entenderia o debate que está tendo na ONU, agora, sobre a reforma das Nações Unidas, do seu Conselho de Segurança. Isso só foi



possível porque nós ganhamos força. Isso só foi possível porque nós estamos deixando de ser coadjuvantes da história política mundial para sermos artistas principais nessa história. E ainda vamos ter muitas divergências.

Mas quando nós estivermos na maior divergência possível, o que me deixa tranquilo é que sempre haverá, dentre nós, alguém que vai encontrar o denominador comum para que essa divergência se transforme numa convergência.

Eu sempre digo aos meus companheiros do Brasil que o que nós fizemos em três anos outros tentaram fazer em muitos anos. E Deus me deu a oportunidade de ser Presidente no mesmo momento em que muitos Presidentes da América do Sul já não faziam mais o discurso da integração. Acreditavam que era preciso criar gestos práticos, coisas práticas para que essa integração pudesse acontecer.

Eu, certamente, acredito que nós crescemos, em três anos, mais do que a Europa nos seus primeiros cinco ou dez anos de integração. E crescemos porque aprendemos algumas coisas com eles.

Portanto, nós já temos referência. Nós ainda estamos longe do ideal, muito longe. Tem países com situações muito diferenciadas, e nós temos que respeitar as dificuldades que cada um tem.

Mas eu quero terminar dizendo a todos vocês, do fundo do meu coração: obrigado por acreditarem, como eu acredito, querendo mais ou querendo menos, mas obrigado por acreditarem, como eu acredito, que não haverá outro caminho para nós fora da nossa integração.

Individualmente, cada um de nós pode pensar que tem solução. Aliás, no século XX inteiro, cada país tentou encontrar a solução sozinho. Cada um achava que poderia ser mais amigo de uma grande potência. Cada um achava que tinha que ser mais amigo ou da União Européia, ou do Japão, ou dos Estados Unidos, porque a partir dessa amizade teria solucionado os seus problemas.



Os indicadores mostram que não houve evolução. E como já foi dito aqui, quem era rico ficou mais rico e quem era pobre ficou mais pobre. Se essa lição valer para o nosso comportamento daqui para a frente, eu quero terminar dizendo aos companheiros presidentes, chanceleres, embaixadores, altos funcionários dos países da América do Sul: não haverá saída individual para nenhum país.

Ou nós entendemos que o trabalho conjunto, que a criação de mecanismos mais eficazes... Aqui não foi muito discutido mas, por exemplo, nós precisamos definir uma forma de financiamento, regras que possam atender a todos os países, porque cada um de nós tem uma norma, cada um de nós tem uma regra. Se nós não definirmos um procedimento é, muitas vezes, difícil acontecer aquilo que nós discutimos nas reuniões.

Portanto, como eu sou mais otimista que a média dos seres humanos, eu quero dizer para vocês: Viva a Comunidade Sul-Americana de Nações. E muito obrigado pela presença de vocês.